



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE HUMANIDADES  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

**SUBJETIVANDO ESPAÇOS MODERNOS:  
ARQUITETURA ESCOLAR EM CAMPINA GRANDE (1924 – 1932)**

Hadassa Araújo Costa

Campina Grande  
Outubro, 2016.



Biblioteca Setorial do CDSA. Maio de 2025.

Sumé - PB

**HADASSA ARAÚJO COSTA**

**SUBJETIVANDO ESPAÇOS MODERNOS:  
ARQUITETURA ESCOLAR EM CAMPINA GRANDE (1924 – 1932)**

Monografia Avaliada em 07 / 10 / 2016 com o conceito 10,0

**BANCA EXAMINADORA**

---

Iranilson Buriti de Oliveira – Orientador (a)

---

Regina Coeli Nascimento – Examinador (a)

---

Fabiano Badú de Souza – Examinador (a)

## DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente àquele que me capacitou desde a eternidade, para todos os planos e projetos que ele pensou para mim, o meu Deus. Também o dedico aos meus preciosos pais, Régio e Marileuda, pela imensa contribuição de suas pessoas para minha formação humana e acadêmica.



## AGRADECIMENTOS

Expresso minha profunda gratidão ao Deus em que confio, e à sua fidelidade permanente para comigo. Sem que eu mereça nenhuma de suas misericórdias Ele me envolve em sua grandiosa graça. Não há melhor ajuda que a que Ele me proporcionou em todos os momentos que necessitei ao longo do caminho que trilhei até aqui, suprimindo todas as minhas necessidades e me dando sabedoria.

Agradeço aos meus pais, Régio Antônio e Marileuda Araújo, que me ensinaram princípios desde minha mais tenra infância, e tenho a plena consciência de que só cheguei até aqui porque eles me deram forças de todas as formas. Seus ensinamentos serão para mim mais importantes do que aqueles que adquiri em qualquer escola ou universidade que eu tenha estudado, e sei que este sonho que hoje realizo também é deles, por isso os dedico gratidão mais profunda.

Também agradeço ao professor Iranilson Buriti, que com seu jeito paciente e calmo me orientou desde o PIBIC 2012/2013, sendo sempre alguém em que eu pude me espelhar na minha trajetória acadêmica. Sem a sua grande ajuda este trabalho não seria completo, pois ele me ajudou a pensá-lo e prosseguir com ele mesmo quando tive meus desânimos, sendo um orientador de fato em tudo que nas páginas que seguem foi escrito. Agradeço à professora Regina Nascimento pelos esclarecimentos e críticas que me ajudaram a melhorar este trabalho, por suas aulas de Prática que me auxiliaram no estágio como docente de História.

Também a nível acadêmico agradeço a minha tutora no PET Educação Keila Queiroz. As nossas constantes conversas e discussões sobre assuntos do cotidiano me tornaram uma pessoa mais sensível ao próximo e me proporcionaram um desenvolvimento intelectual movido pelo pensar melhorias na realidade social. Agradeço a ela a paciência de me ter tutorado por mais de dois anos, nos quais cresci como ser humano e acadêmica de História.

Aos meus familiares que tanto me ensinaram e me incentivaram a seguir o caminho desta formação. Meu avô Antônio Costa Sobrinho, que faleceu no meu primeiro ano de curso, mas foi um dos que me conduziram à paixão pela história com seus relatos como ex-combatente da Segunda Guerra. Às minhas avós Íris Ferreira e Leonor Cristina, as quais amo ouvir e aprender com suas experiências de vida. O exemplo delas, de tudo o que passaram e mantiveram-se de pé, motiva-me

sempre a ser determinada e, como mulher, ser valente diante de todas as adversidades da vida. Com elas aprendi a orar e buscar a Deus, e acreditar acima de minhas limitações.

Meus tios e primos, sendo todos importantes para minha formação como pessoa, mantiveram-me sempre cercada de palavras de incentivo e da companhia agradável que eles me proporcionam. A Lynacristian, que é como uma irmã porque crescemos juntas, assim como Lyziê que esteve presente com muita constância em minha vida. A tia Francisca que como historiadora mestre pode me aconselhar e orientar quando eu precisava. Não poderei citar todos os de minha família por serem muitos, mas deixo aqui expressa minha consideração àquilo que cada um deles fez por mim para que eu chegasse aonde cheguei.

Aos meus amigos. Primeiramente a Raphaell Mota por ter me ajudado sempre que necessitei com muita paciência para ler meus primeiros escritos, capítulos e revisa-los comigo, sendo meu companheiro também na oração. Agradeço a Stephanie e Thalita que conheci no grupo de pesquisa História das Práticas e Saberes Médicos e participaram da pesquisa junto comigo, também até aqui me cederam conselhos sobre o desenvolvimento do meu trabalho. Também agradeço a alguém que conheci no grupo de pesquisa e me ajudou cedendo fontes de sua própria pesquisa, Alexandro. Aos amigos da igreja que também ouviram sobre tudo o que estava passando na universidade e me instruíram, especialmente à minha líder e vizinha, Artemísia Taciana.

A toda turma do PET Educação e do PIATI com quem estive desde 2014. A Priscila, que me acompanhou nas viagens de eventos vivendo as aventuras mais improváveis comigo. A Francicleide, ou simplesmente France, que foi minha principal companheira no PIATI, estando presente sempre que precisava. As minhas alunas na informática intergeracional, dona Célia e dona Maria, com quem também muito aprendi. A todos os petianos que cresceram junto comigo no grupo apesar de todas as limitações e dificuldades que tivemos. Aos narradores dos bairros que ouvimos para o trabalho do PET, cujos depoimentos me marcaram e me ensinaram a não pensar a história de forma hierarquia. A História é de todos e todos podem construir a História.

A toda minha turma 2012.1 e agregados, que entraram comigo nessa trajetória e juntos fomos fazendo a nossa graduação, sem competir, cooperando mutuamente e sendo pacientes uns com os outros. Desejo que sejam excelentes

companheiros de profissão porque são excelentes pessoas. Aos professores que me ensinaram ao longo do meu curso de História e os admiro por serem historiadores maravilhosos, nos quais me inspiro.

A todos os quais não citei, seja por meu descuido ou por ter de me alongar a falar sobre eles aqui. Expresso a gratidão como a principal palavra que me guia. Novamente quero agradecer a Deus por ter colocado todas estas pessoas em meu caminho como instrumentos. Valeu a pena caminhar porque elas estavam ao meu lado.

## EPÍGRAFE

O conhecimento de si mesmo, a história interior, a memória, em suma, é um depósito de imagens. De imagens de espaços que, para nós, foram, alguma vez e durante algum tempo, lugares. Lugares nos quais algo de nós ali ficou e que, portanto, nos pertencem; que são, portanto, nossa história.

Antonio Viñao Frago

## RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso intitulado "Subjetivando Espaços Modernos: novos modelos de Arquitetura Escolar em Campina Grande (1924 – 1932)" tem como objeto de estudo a arquitetura das escolas campinenses nos anos 1924 a 1932 como propagadoras de discursos modernos que adentravam estes espaços educativos. Para tal nos utilizamos de três escolas presentes no cotidiano campinense dentro do recorte temporal de nossa pesquisa, tendo em vista que estas experimentaram as práticas modernas em sua formação ou reforma arquitetônica. São estas: o Grupo Escolar Solon de Lucena e os prédios do Instituto Pedagógico (atual Colégio Alfredo Dantas) nas ruas Marquês do Herval e Barão do Abiaí. A temática da Arquitetura Escolar ainda é pouco abordada pelos historiadores da educação campinense, mas é de grande importância para que se entenda a trajetória do processo de escolarização na cidade. Assim procuramos nos aprofundar neste conteúdo com o objetivo de pensar como o discurso moderno promovido na cidade no início do século XX se evidenciou dentro da escola através das práticas, como as aulas, e, conseqüentemente fora dela em sua arquitetura. Para tal nos utilizamos de fontes periódicas, fotográficas e de uma planta arquitetônica, procurando ver nestas evidências do passado os usos das escolas de nossa pesquisa. Intervimos sobre estas fontes interpretando-as como um discurso, conforme propõe Foucault em *Arqueologia do Saber* (1986). Também entendemos que os espaços escolares possuíram função de educar neste contexto através de Viñao Frago e Escolano quando estes apropriam-se da arquitetura como programa, nos utilizando também do conceito de Práticas de Subjetivação de Félix Guattari para compreender como os alunos lidavam com o espaço da escola. Constatamos que os edifícios escolares foram porta-vozes de um novo tempo na cidade de Campina Grande. Os prédios escolares não só propagandeavam a função de educar atribuída àquele prédio, mas também projetavam a modernidade e as demais reformas da cidade que estavam a vir no decorrer da década de 1930.

**Palavras-chave:** Arquitetura Escolar; Práticas de Subjetivação; Campina Grande.

## ABSTRACT

This completion course's work entitled "Subjectivation of Modern Spaces: New models of School Architecture in Campina Grande (1924 - 1932)" has as its object of study the architecture of schools from Campina Grande in the years 1924-1932 like a propagators of modern discourses that was are entering into these educational's spaces. To do this we use three schools from Campina Grande's past daily life within the time frame of our research, given that these modern practices are experienced in constructions or reform. These are: the School Group Solon de Lucena and the buildings of the Instituto Pedagógico (now Colégio Alfredo Dantas) on the Marquês do Herval and Barão do Abiaí streets. The theme of the School's architecture is still not addressed by historians of Campina Grande education, but it is of great importance for understanding the trajectory of the educational process in this city. So we seek to deepen this content in order to think like the modern discourse promoted in the city in the early twentieth century was evident within the school through practices such as classes, and consequently out of it in its architecture. To this end we use of periodic, photographs and one architectural plan, trying to see in these evidences the past uses of the schools of our research. We intervene on these sources interpreting them as a speech, as proposed by Foucault in *The Archaeology of Knowledge* (1986). We seek understand how these school spaces owned a education function in this context through the appropriation of the concept architecture like a program in the school by Viñao Frago and Escolano, and we also using the concept of Subjectivity Practices by Felix Guattari to understand how students dealt with the space school. We found that the school buildings were mouthpieces of a new era in the city of Campina Grande. The school buildings not only advertisng the function of educating assigned to your building, but also projected the modernity and other reforms of the city that were to come in the course of the 1930s.

**Keywords:** School Architecture; Subjectivity Practice; Campina Grande.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

|                                                                                |    |
|--------------------------------------------------------------------------------|----|
| <b>Imagem 1</b> – Posto de Profilaxia Rural.....                               | 33 |
| <b>Imagem 2</b> – Rua dos Armazéns.....                                        | 34 |
| <b>Imagem 3</b> – Fachada do Grupo Escolar Solon de Lucena.....                | 37 |
| <b>Imagem 4</b> – Rua Maciel Pinheiro com destaque ao Solon de Lucena....      | 49 |
| <b>Imagem 5</b> – Elementos arquitetônicos do Grêmio de Instrução.....         | 52 |
| <b>Imagem 6</b> – Portas do Posto de Profilaxia Rural/ Grêmio de Instrução.... | 54 |
| <b>Imagem 7</b> – Entrada do Instituto Pedagógico.....                         | 57 |
| <b>Imagem 8</b> – Rua Barão do Abiaí na década de 1930.....                    | 66 |
| <b>Imagem 9</b> – Fachada do Instituto Pedagógico (Barão do Abiaí).....        | 67 |
| <b>Imagem 10</b> – Detalhe da fachada do Instituto Pedagógico.....             | 70 |
| <b>Imagem 11</b> – Inauguração do Solon de Lucena.....                         | 74 |
| <b>Imagem 12</b> – Vista posterior do Grupo Escolar Solon de Lucena.....       | 76 |
| <b>Imagem 13</b> – Planta do Grupo Escolar Solon de Lucena.....                | 77 |
| <b>Imagem 14</b> – Jardim do Grupo Escolar Solon de Lucena.....                | 79 |
| <b>Imagem 15</b> – Banheiro do Grupo Escolar Solon de Lucena.....              | 80 |

## SUMÁRIO

|                                                                             |    |
|-----------------------------------------------------------------------------|----|
| INTRODUÇÃO.....                                                             | 12 |
| Fundamentação teórico-metodológico.....                                     | 15 |
| Da decomposição do objeto desta pesquisa (os capítulos).....                | 21 |
| Considerações.....                                                          | 22 |
| <b>CAPÍTULO 1 – A modernidade no corpo e no espaço:</b>                     |    |
| Práticas de Subjetivação, Higiene Moderna e Arquitetura Escolar.....        | 23 |
| 1.1 – O aluno “digere” o espaço: a produção de subjetividades na escola.... | 23 |
| 1.2 – “Somos, porém, brasileiros: idealistas, – portanto.”.....             | 27 |
| 1.3 – Sobre o espaço físico e social da escola em Campina Grande – PB...    | 29 |
| 1.4 – Considerações.....                                                    | 42 |
| <b>CAPÍTULO 2 – Desenhando a modernidade sobre a cidade oitocentista:</b>   |    |
| Novos conceitos arquitetônicos na [re]formulação do espaço escolar.....     | 43 |
| 2.1 – O homem apre[e]nde o espaço.....                                      | 44 |
| 2.2 – A “grandiosa” fachada do edifício escolar.....                        | 46 |
| 2.3 – Adaptando um edifício escolar antigo à nova Campina Grande.....       | 51 |
| 2.3.1 – O prédio à Rua dos Armazéns, número 39.....                         | 51 |
| 2.4 – Considerações.....                                                    | 60 |
| <b>CAPÍTULO 3 – Construindo conceitos de modernidade:</b>                   |    |
| Novos edifícios escolares para Campina ver.....                             | 61 |
| 3.1 – A arquitetura como personagem do grande teatro urbano.....            | 62 |
| 3.2 – O prédio à Rua Barão do Abiaí, número 327.....                        | 64 |
| 3.3 – O primeiro Grupo Escolar de Campina Grande.....                       | 71 |
| 3.4 – Considerações.....                                                    | 82 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS.....                                                   | 83 |
| REFERÊNCIAS.....                                                            | 88 |



## INTRODUÇÃO

A nossa vida está ligada a espaços, memorados por uma trajetória, pela constante interação que desenvolvemos com o meio. Os espaços de nossa história estão em nossas lembranças, nas nossas fotografias, nas nossas narrativas retrospectivas. É quase impossível pensarmos em alguma ocasião sem recordar, ao menos, detalhes que fazem parte de um cenário de fundo, tal como peça teatral, e quando podemos nos concentrar mais acuradamente nessas lembranças, lá estamos nós percorrendo os mesmos lugares, novamente interagindo com o ambiente, mesmo que de forma involuntária, pelas suas paredes, corredores, plantas, quadros, até mesmo os sons e odores que contagiam o ar e novamente os sentimos.

Propomos apresentar o espaço como propositor da dinâmica educativa, na proposta de qualificá-lo como parte da educação do sujeito, como um coadjuvante que acaba protagonizando o processo de escolarização. Pesquisar a escola também parte de uma identificação com esse espaço. Grande parte de nossa infância nós vivenciamos a escola, e devido à constante frequência a esse lugar muitas vezes criamos uma identidade enraizada nele, em nossas amizades, coleguismos e até relacionamentos que se perpetuaram para o resto da vida que primeiro cultivamos ali. Portanto podemos supor que esse espaço tão intensamente vivido foi um dos lugares institucionais que contribuíram para nossa própria construção.

Considerando isto, buscamos ver de que forma as mudanças que a sociedade vivia influenciam também na forma como a disposição desses prédios são concebidas. Procuramos entender como os seus padrões arquitetônicos atendiam aos discursos de modernidade tanto na questão estética e organizacional como nos cuidados médico-higienistas e outros comportamentos ditos “civilizatórios” no ambiente escolar.

O interesse pessoal de pesquisa na temática veio a partir do meu ingresso como bolsista PIBIC/CNPq no ano de 2012 no projeto “A saúde das expressões faciais: História Cultural do Sorriso (Parahyba, 1919-1945)” sob orientação do professor doutor Iranilson Buriti de Oliveira. Nesse projeto estudamos como os ambientes escolares foram sendo adaptados durante o recorte de 1919 a 1945 para atender aos ideais de salubridade e higienização que eram proclamados na nova era

da modernidade, dentre eles a instalação de gabinetes dentários para controle e profilaxia<sup>1</sup> do alunado.

Esse estudo, no qual estive como pesquisadora durante os anos de 2012 e 2013, me chamara bastante atenção a questão de como a modernização foi sendo subjetivada pelos que compunham o corpo discente das escolas da pesquisa<sup>2</sup>, e as estratégias utilizadas com essa finalidade. Pude observar como o espaço da escola obteve mudanças no decorrer do tempo para abranger resoluções arquitetônicas orquestradas pela concepção de uma educação moderna. Neste projeto também tive meu primeiro contato com periódicos como fonte histórica para pesquisa, me chamando bastante atenção o uso destas fontes.

Também desenvolvi uma sensibilidade maior à leitura do espaço através de minha experiência no PET Educação (UFCG), sob tutoria da professora doutora Keila Queiroz, a partir do estudo dos bairros campinenses e seus respectivos patrimônios históricos e culturais. A visão do lugar como patrimônio pessoal e coletivo, vivenciada pelos habitantes dos bairros populares que estudamos e que conhecemos por meio da metodologia da História Oral, me moveu a pensar minhas vivências sob uma nova perspectiva. Pude capturar mais apaixonadamente os espaços de minha trajetória, pois compunham meu patrimônio pessoal e são parte de quem eu sou hoje. Todo esse trajeto percorrido desde a pesquisa PIBIC/CNPq, bem como meu contato com o entendimento de espaço pela Educação Patrimonial no PET Educação me trouxe ao que tenho como foco desse trabalho.

Olhar para a escola é olhar para nosso passado e nos indagarmos sobre a educação que tivemos, como ela foi muito além da troca hierárquica professor-aluno que se dava em sala de aula. Penso nesse estudo como um caminho fiel a minha formação como educadora. Como um percurso em que finalizarei minha licenciatura problematizando o espaço de trabalho do professor, o espaço para o qual estou sendo levada a lecionar. Assim como por muitas vezes, durante minha graduação em história eu pude questionar o trabalho do professor em sala de aula, suas metodologias, sua atuação, posso pensar como lidar com o espaço que espera o professor além da universidade e que este espaço também é uma parte ativa no processo educativo. Pensar a escola como um ambiente premeditado ocasiona o

---

<sup>1</sup> Prevenção e ensino de prevenção de doenças contagiosas ou não, com foco nas que são adquiridas através da falta de higiene pessoal.

<sup>2</sup> As escolas são o Grupo Escolar Solon de Lucena e o Instituto Pedagógico (compreendendo dois edifícios), elas serão melhor descritas ainda na introdução deste trabalho.

questionamento do que minha profissão docente significa nesse contexto onde há a busca do controle e sujeição da criança, de modo que ela seja educada.

No decorrer da história, vemos como o sistema educacional é usado pelos poderes governamentais como forma de direcionamento ao comportamento social do sujeito, considerando sua classe social, seu status. Problematicar a forma como essas reincidências históricas podem novamente atuar em nossos dias, seja através da arquitetura ou de outros discursos, dá-nos um alerta de que, como educadores, não sejamos parte de um sistema dominante, mas que proponhamos a inquietação, a não conformação. A história da arquitetura dos edifícios escolares nos norteia nesse sentido, e deve ser considerada para pensarmos a educação ao longo do tempo.

Observando tais coisas apresentemos o nosso objeto: a arquitetura das escolas campinenses nos anos 1924 a 1932 como propagadoras de discursos modernos que adentravam estes espaços educativos. O processo de escolha deste recorte temporal não se deu por acaso, e iremos aqui expor os motivos que contribuíram para tal:

Por que começar em 1924? Neste ano ocorre a construção de dois edifícios escolares em Campina Grande, a saber, o Grupo Escolar Solon de Lucena e o Instituto Pedagógico na Rua Barão do Abiaí. Sobretudo a chegada do Grupo Escolar na cidade é um dos eventos mais aclamados na época segundo vimos nos periódicos de nossa pesquisa. Também o novo prédio do Instituto por si já possui formas bem peculiares que nos cederam uma boa fonte de análise e reflexão de como os recursos arquitetônicos foram utilizados de forma a propagar a função do espaço escolar. Através destas construções buscamos entender os padrões arquitetônicos em vigência e emergência e as formas como eles emergiam para além dos bastidores conduzidos pelos intelectuais que impulsionavam o pensamento científico na cidade.

Por que até 1932<sup>3</sup>? Até este ano os modos de se fazer escola serão mais evidenciados em nossa pesquisa pela circulação do periódico Revista Evolução, pertencente ao Instituto Pedagógico. Ele irá circular pela cidade dentre agosto de

---

<sup>3</sup> Também neste ano será publicado o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova. Este documento, assinado por 26 intelectuais foi apontado como um dos responsáveis por mudanças acentuadas que se deram no ensino brasileiro nos anos seguintes a sua publicação (PINHEIRO, 2002). Assim sendo, ele marca uma transitoriedade entre o momento que estudamos e as próximas décadas. Não nos aprofundaremos neste fato por ele não influenciar diretamente no nosso recorte.

1931 e abril de 1932, com conteúdo produzido principalmente por personagens do Instituto, professores, alunos, demais sujeitos envolvidos com a instituição. Problematizaremos através deste periódico a fala dos docentes desta escola, percebendo-as, de forma alegórica, como porta-vozes diante de todas as mudanças que eram propagadas para aquela sociedade. Também entendemos este período, através da fala de nossas fontes, como quando mais ocorreram reformas que moldaram o antigo prédio do Grêmio de Instrução, ataviando-o com novos atributos que não lhe foram incorporados na construção original e são signos de um momento novo.

Compreendemos que este será o período onde entrará mais intensamente o discurso sobre modernidade (na questão arquitetônica e no comportamento) em Campina Grande. O Grupo Escolar Solon de Lucena é um exemplo disso. Compunha um novo projeto para a educação pública no Brasil. Nacionalmente a chegada do modelo de grupos escolares, desde fins dos 1800 no Brasil, marcou um novo tempo na educação. Na Paraíba não será diferente, eles irão marcar nas primeiras décadas no novo século (XX) uma transição importante de um modelo de ensino de aparência provisória, sem a infraestrutura adequada, para um ensino público que alcance maior quantitativo de pessoas, abarcando, inclusive, as classes mais populares.

Estas instituições serão aqui analisadas em questões de abrangência espacial não só de seus próprios prédios, mas também de seu entorno, no bairro e o uso dos espaços que lhes eram adjacentes. Acreditamos que cada elemento de seus projetos foram postos de forma proposital, quer diga respeito a paredes, espaços abertos e mesmo os adornos da obra. O conjunto escolar todo deveria comunicar aos sentidos dos transeuntes a que veio a educação moderna.

### **Fundamentação Teórico-Metodológica**

Pensar a arquitetura numa perspectiva histórica vai além do que propriamente vemos como elementos estéticos do edifício. Assim, como falamos anteriormente, essa pesquisa se propôs a perceber de que forma a edificação se deixa influenciar pelos motivos sociais vigentes e como ela influencia seu público com parâmetros comportamentais. Um dos nossos grandes referenciais para os estudos sobre a arquitetura institucional pensando a sociedade é o filósofo Michel Foucault.

Se Foucault ocupa um lugar excepcional na história por ser “um dos maiores historiadores novos” introduzindo novos objetos *provocadores*<sup>4</sup> (LE GOFF, 2012, p. 105 e 106) o seu trabalho foi necessário no estudo que desenvolvemos. Consideramos, entretanto, que os conceitos dele por nós abordados devem ser aplicados mais cuidadosamente, posto que não há teorias fechadas que concretizem perfeitamente nosso campo de abordagem. Embasamo-nos na linha foucaultiana pensando nossas fontes como discursos e o discurso, por sua vez, “como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam” (FOUCAULT, 1986, p.56). Através do uso da noção de discurso de Foucault pela obra *Arqueologia do Saber* (1986) analisaremos aqui o espaço como institucionalizado, projetado, pensado para abrigar, não só alunos e professores, mas ideologias.

Em seu estudo sobre as prisões, modos de punição e controle, desde a era medieval até o século XX, Foucault na obra *Vigiar e Punir* (2014) nos apresenta uma nova perspectiva com relação às instituições sociais cujo dever seria dominar e domar corpos para torna-los dóceis. Segundo o próprio autor a essa relação se daria o nome de “disciplina”. Deste modo compreendemos que esta palavra tão utilizada no contexto escolar não tem seu uso sem precisar uma finalidade, e pelo seu uso ela demonstra a intenção final de todo um processo.

O cotidiano da escola, na verdade, é perpassado destes termos que demonstram hierarquização, e, na verdade, são apenas alguns demonstrativos do que a arquitetura escolar do início do século XX é. Ela limita os lugares de fala, os lugares sociais, ela vigia o corpo do aluno subjetivamente, tenta, sobretudo, imprimir-lhe um comportamento de civilidade. Para Elias a civilidade é basicamente aquilo que as sociedades ocidentais julgam de si em contraposição aos comportamentos ditos por ela primitivos. Este conceito criado e usado pelo Ocidente descreve para ele próprio o nível de sua cultura (ELIAS, 1994, p.23). Civilidade é uma palavra que aparecerá nas nossas fontes como sempre lembradas e reforçadas pelos intelectuais campinenses que ali escreviam, reforçando os discursos de controle do corpo supracitados.

Observamos que no domínio físico da escola as práticas ali desenvolvidas são compostas por uma regência institucional própria dela mesma que lhe delimita comportamentos para além do contexto geral que a cerca. Dominique Julia defende

---

<sup>4</sup> Grifo do autor.

que dentro desse espaço educativo existe uma cultura que lhe é naturalizada. Este autor diz a *cultura escolar*

como um conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização). (JULIA, 2001, p. 10)

Assim como para Foucault, as práticas sociais são registros históricos de grande importância (LE GOFF, 2012), para nós, as práticas da cultura escolar dizem respeito à sociedade de uma época. Na concepção social, que formula o sistema de ensino de nossa sociedade, na escola estão os que serão o futuro, portanto toda a normatividade que a escola adquire busca a formação de pessoas boas o suficiente para ocupar os espaços da cidade no porvir. No ensino de uma nova geração se encontra a expectativa de renovo às antigas práticas que a classe intelectual da sociedade julga como arcaicas. Nela há o investimento das mais rebuscadas teorias sociológicas e intelectuais afim de podar a infância a qual atende. A estrutura arquitetônica é a manifestação física do discurso da escola, onde serão exibidos elementos que, como discurso adentraram nas salas de aula.

Os autores Viñao Frago e Escolano nos trazem um direcionamento de como trabalhar de forma mais específica o uso da arquitetura, eles propõe a análise da arquitetura como programa. Quando olhamos a partir deste ponto nosso objeto de estudo, o espaço físico, percebemos o quão ele é ativo no cotidiano educacional, estabelecendo interações involuntárias com os aprendizes que ali se encontram, segundo os próprios autores colocam:

A arquitetura escolar é também por si mesma um programa, uma espécie de um discurso que institui na sua materialidade um sistema de valores, como os de ordem, disciplina e vigilância, marcos para a aprendizagem sensorial e motora e toda uma semiologia que cobre diferentes símbolos estéticos, culturais e também ideológicos. (FRAGO & ESCOLANO, 2001, p.26)

Consideramos então que a escola se situa em um contexto político-cultural-econômico, logo absorverá através de seus gestores e usuários todo o aparato social de forma que se insira socialmente ao cotidiano daquele lugar. Portanto, sendo a escola propagadora de discursos, seja em sua formação física, seja em sua

formação curricular, ela formará a criança contemplando todo esse sistema de ordem, vigilância etc. como colocado pelos autores supracitados.

Para desenvolvimento desta pesquisa, entenderemos que uma das características da arquitetura institucional é estabelecer este controle. O papel da escola é fundamental na ordenação de uma sociedade no modelo ocidental como a nossa. Clarice Nunes nos dá um aparato para pensar a educação no contexto do Brasil que estava se modernizando quando diz que

Essas edificações escolares podem ser interpretadas, também nesse momento, como um gesto intencional que pretendeu criar novos comportamentos e sentimentos diante da escola, expandindo-a para fora e além dela. A arquitetura escolar era uma evidência da inventividade que se inscrevia no movimento urbano. (NUNES, 1994, p. 196 e 197).

Consoante essa prática de inventividade Campina Grande também edificou os seus ideais modernos, o que vemos através da grandiosidade arquitetônica do Grupo Escolar Solon de Lucena, que, localizado na principal avenida da cidade, na rua da Igreja Matriz, simbolizou um novo momento do ensino público na cidade. Usaremos a fala de Nunes sobre modernização dos aparelhos escolares em nossa pesquisa, para análise de como o discurso de modernidade, responsável pela grande reforma urbana de Campina Grande, também teve o mérito de ser o influenciador da arquitetura e do sistema de ensino que fora implantado nessas escolas campinenses.

Sobre o que seria o discurso do moderno, Marshall Berman em *Tudo o que é sólido se desmancha no ar* (1986) traz a distinção dos conceitos de Modernidade, Modernização e Modernismo. O conceito *Modernidade* tem sentido epocal e se configura como um período temporal iniciado a partir das grandes navegações, em fins do século XV, culminando no fenômeno de globalização da cultura. É um conceito que ultrapassa o sentido territorial. A *Modernização* diz respeito à ciência e tecnologia em seu avanço exponencial, a partir da industrialização da técnica e da formação de centros intelectuais como as Universidades, além da permeabilização de novos conhecimentos do discurso científico atuando de modo a melhorar o viver na cidade moderna. *Modernismo*, no sentido filosófico, é o movimento intelectual que acompanha o tempo Moderno. Trata-se de uma vanguarda influenciada pelo novo modo de vida e concepção de mundo do homem manifestada na esfera das artes visuais, artes plásticas, cênicas, literatura etc. Considera-se o Modernismo

expressões de um momento reflexivo sobre o homem e seu mundo. Os discursos modernos supracitados influenciados por tais concepções trazidos por Berman também trouxeram para dentro das escolas questões que intentavam ser subjetivadas como a higienização e cuidado do corpo. Sobre o processo de subjetivação o pensaremos de acordo com Guattari e Rolnik que o caracterizam como contínuo e muitas vezes involuntário (GUATTARI; ROLNIK, 1999), e dessa forma ele pudera ir adentrando as vivências dos alunos no ambiente escolar.

No contexto da educação paraibana, nos utilizamos da obra do historiador Antonio Carlos Ferreira Pinheiro, que já nos traz uma análise da Paraíba na transição do modelo de ensino das Cadeiras Isoladas ao modelo dos Grupos Escolares e norteia melhor esse momento de transição para desenvolvimento de nosso trabalho. Considerando a história propriamente dos grupos escolares no estado ele analisa a instalação desses aparelhos educacionais modernos e o contexto em que isso se dava, portanto, seu trabalho foi de fundamental importância para esta pesquisa. Quanto ao que se dava no contexto educacional do estado no período, o livro de autoria de Pinheiro, *Da era das cadeiras isoladas à era dos grupos escolares na Paraíba* (2002), é uma das obras mais buscadas sobre o tema.

Para desenvolvermos nosso trabalho faremos uso de fontes visuais e escritas, a saber, fotografias, periódicos e de uma planta arquitetônica. As fotografias têm possibilitado uma aproximação mais intensa com o período abordado pelo fato de retratarem estaticamente o momento histórico em que ocorreram. Como colocado por Elisabeth Edwards

A fotografia se torna sedutora por sua capacidade de ser direta e por sua realidade aparente. O problema é, na sua essência, mais histórico e ideológico do que fotográfico ou foto-histórico, pois as fotografias nunca são simplesmente evidências. Elas são históricas em si mesmas e a complexidade dos contextos de percepção da "realidade", enquanto manifestada na criação de imagens, cruza-se com a complexidade da natureza da fotografia em si, de várias formas (EDWARDS, 1996, p. 15).

Então, percebendo a história que emerge da fotografia, não só de sua retratação, percebemos que ela é história e contém história, é uma fonte que permite leituras, as mais variadas possíveis. Os usos sociais das fotografias devem ser levados em conta para uma análise mais aprofundada da fonte (LIMA; CARVALHO,



2009). Assim, a finalidade para a qual aquela fotografia foi tirada interfere na retratação que ela expõe.

Quando nos deparamos com fotografias de edifícios escolares, teremos muitas vezes nosso objeto de estudo como cenário de fundo de acontecimentos cívicos ou do cotidiano da cidade. Veremos, por exemplo, fotografias com intencionalidade de fazer propaganda da instituição escolar como é o caso de alguns registros do Instituto Pedagógico, considerando que era uma instituição de iniciativa privada. Vimos também fotografias de apreciação, como em grande parte dos registros do Solon de Lucena, que se tornou um marco arquitetônico da cidade. Parte da sensibilidade do historiador conseguir fazer leituras que considerem o momento flagrante da imagem e adaptá-lo de modo a estar dentro de sua narrativa histórica. Tendo em vista as possibilidades de trabalho com as fotografias, desejamos nos aprofundar mais intensamente nessas fontes para análise estrutural dos edifícios e de seus usos, como também de seus usuários. Elas foram de grande aporte para que analisássemos os prédios que não mais existem na atual configuração da cidade<sup>5</sup>, e também para que víssemos o entorno das escolas num momento próximo de suas edificações e reforma. As fotografias serão um dos nossos principais articuladores com o tempo junto aos periódicos (revistas e jornais).

A imprensa exerce um papel de grande importância quando se trata de expor parte das tramas<sup>6</sup> sociais da sociedade daquela época, expondo em cada linha de suas publicações aquilo que seus escritores pensavam do mundo, da cidade e mesmo da educação. Escolhemos partir dos periódicos produzidos pelo Instituto Pedagógico, a Revista Evolução e o Evolução Jornal<sup>7</sup>. Outro jornal ao qual recorreremos é o Comércio de Campina. Consultamos seus impressos que circularam no início dos anos 1930. Também o Anuário da cidade do ano de 1925 foi-nos muito importante para coleta de informações a respeito da cidade naquele momento histórico bem como de fotografias. Outro periódico de grande proporção na época na Paraíba foi o jornal A União, o órgão de imprensa do estado que era regularmente publicado e deixou-nos muito material que pode ser estudado e articulado com nossas demais fontes.

---

<sup>5</sup> Os dois prédios pertencentes ao Instituto Pedagógico.

<sup>6</sup> Entenda-se tramas por acontecimentos recorrentes, cotidianos e eventualidades que se davam na experiência social de Campina Grande.

<sup>7</sup> Embora este último não tenha sido efetivamente utilizado por nós, pois se encontrava fora do recorte que escolhemos.

Sobre as formas de uso destas fontes também analisaremos com base na noção de discurso de Foucault, percebendo a intencionalidade destes veículos informacionais à época em que foram produzidos e distribuídos, com ênfase em seus públicos alvos e nos homens e mulheres que produziram seus textos para melhor entendimento e percepção da finalidade destes redatores. Sobre a planta arquitetônica<sup>8</sup> que dispomos, que é da configuração atual do Solon de Lucena, proporemos uma análise visual deste recurso, assim como da parte fotográfica do nosso trabalho, sabendo que podemos tecer comparações e questionamento sobre ambos.

No mais, este trabalho proporá um viés amplo de investigação das fontes, reconhecendo-as como participantes de um contexto histórico com o qual buscamos interagir na pesquisa que estamos propondo. As fontes são vivenciadoras ativas de toda essa trajetória história que será tratada em nosso trabalho.

### **Da decomposição do objeto desta pesquisa (os capítulos)**

O primeiro capítulo deste trabalho, denominado “A modernidade no corpo e no espaço: Práticas de Subjetivação, Higiene Moderna e Arquitetura Escolar” tem como ponto de partida a problemática sobre as práticas de subjetivação. Buscamos ver como este processo se dá dentro do campo educativo e de como os sujeitos escolarizados que ali estão acabam por vivenciar o ambiente em si para além das aulas. A partir disso nortearemos sobre o contexto campinense da época e sobre como os intelectuais da cidade foram responsáveis por irradiar seus projetos modernos explicitamente nos periódicos e, sendo alguns deles ativos no espaço pedagógico de Campina como docentes, levaram às escolas de nossa pesquisa ideais de práticas civilizatórios. Observaremos a reprodução deste discurso na fala dos alunos considerando que estes praticaram a subjetivação por nós explicitada no princípio.

No segundo capítulo, ao qual titulamos “Desenhando a modernidade sobre a cidade oitocentista: novos conceitos arquitetônicos na [re]formulação do espaço escolar” traremos o sentido de subjetivação para a sala de aula propriamente. Veremos através de um exemplo literário como a arquitetura da escola pode provocar desconforto e estimular sensibilidades do aluno que lá está. Diante disso

---

<sup>8</sup> Durante a pesquisa não localizamos as plantas arquitetônicas dos outros edifícios estudados neste trabalho, incluindo a planta original do Grupo Escolar Solon de Lucena.

buscaremos ver como as escolas passaram a ser projetadas no Brasil para representar uma modernidade no ensino, possuindo formas “grandiosas” que deviam chamar atenção da cidade. Trazendo nosso foco para Campina Grande, veremos a concretização das novas práticas de se fazer escola através da reforma do antigo prédio do Grêmio de Instrução para sediar o Instituto Pedagógico, e como as características novas procuravam alinhar-se com padrões estéticos e funcionais.

No terceiro e último capítulo de título “Construindo conceitos de modernidade: novos edifícios escolares para Campina ver” nos utilizaremos da metáfora da cidade como um grande teatro. Provocaremos a noção de que Campina Grande tornou-se um espaço de representação dos ambientes modernos, onde os prédios escolares seriam como atores. Pensando assim apresentaremos dois estreantes no grande teatro Campina Grande no ano de 1924, o prédio do Instituto Pedagógico e o Grupo Escolar Solon de Lucena. Analisaremos a composição arquitetônica destes prédios buscando ver características que proclamem a modernidade anteriormente discutida.

## Considerações

Por fim, a função simbólica da escola preponderava insistentemente na composição da *urbe* civilizada. Campina Grande galgava degraus importantes para a construção de uma sociedade que estivesse ao nível das cidades mais desenvolvidas. Educar a população desde a base era o plano governamental, para que na idade adulta desses sujeitos o cotidiano citadino adquirisse ares de desenvolvimento humano e formasse outros tantos como os desta geração. Havia uma visão romantizada rousseauniana<sup>9</sup> arraigada na função educativa das escolas, que alimentava os discursos governamentais sobre formação de cidadãos dignos da cidade moderna sob o modelo europeizado.

---

<sup>9</sup> Segundo o pedagogo Franco Cambi para Rousseau em Emilio “A educação deve ocorrer de modo *natural*, longe das influências corruptoras do ambiente social e sob a direção de um pedagogo iluminado que oriente o processo formativo do menino para finalidades que reflitam as exigências da própria natureza. (...) Trata-se, desse modo, de operar uma naturalização do homem, capaz de renovar a sociedade europeia moderna, que chegou a um estado de evolução (...) que torna impossível a sua reforma política.” (CAMBI, 1999, p. 346).

## CAPÍTULO 1

### **A modernidade no corpo e no espaço:**

#### Práticas de Subjetivação, Higiene Moderna e Arquitetura Escolar

---

Este capítulo que então se desenrola fora concebido objetivando perceber as tramas da cidade de Campina Grande quando seus intelectuais, bacharéis, políticos, normalistas, militares, buscam àquela sociedade modelos de vida e comportamento díspares aos de seu cotidiano de então, no início do século XX, estimulando “práticas de subjetivação”. Aqui procuramos ver como a prática educativa na cidade vai ganhando novos papéis além de ensinar a ciência<sup>10</sup> e se deixa permear por estes intelectuais e os ideais que propunham, considerando que eram protagonistas<sup>11</sup> legitimados como corpo docente das instituições aqui trabalhadas (Instituto Pedagógico Campinense e Grupo Escolar Solon de Lucena).

O esforço destes homens pretendia culminar em escolas de caráter modernizante que investia sobre seus alunos formas de se comportar com controle, observando a limpeza do corpo e suas práticas de higiene pessoal. Diante de tal quadro perceberemos como o discurso propagado nas escolas fora pouco a pouco concretizando-se. O pensamento idealizado de uma vida moderna fora se deixando notar na fala de alunos, os edifícios escolares ganhavam formas que condiziam com a fala dos seus intelectuais docentes. O ambiente escolar mostrava-se um cenário fértil à produção de subjetividades, ele tivera este potencial descoberto e amplamente utilizado como veremos.

#### **1.1 – O aluno “digere” o espaço: a produção de subjetividades na escola**

A experiência da educação é muitas vezes relacionada com o modelo tradicional de uma sala de aula de formato retangular, cuja organização das cadeiras apontam a um ponto convergente, um quadro negro antecipado de um birô onde está a figura de um mestre, detentor do conhecimento que será proporcionado aos alunos. Mas se pararmos para pensar em nossa própria experiência, podemos

---

<sup>10</sup> Aqui não pensado como disciplina ou matéria, mas extraído de como essa expressão era utilizada à época de nossas fontes pesquisada como generalização do que podemos nomear “discurso científico”.

<sup>11</sup> Consideramos protagonistas não aludindo à importância deles nem atribuindo-lhes título de serem melhores que os demais no contexto aqui tratado. Pensamos esta apropriação linguística para destaca-los como participantes ativos no decorrer da trama.

perceber que a educação vai além disso. É muito mais subjetividade, muito mais sensibilidade. São práticas diversas que ocorrem no cotidiano escolar. Não podemos aprender enquanto não nos deixarmos perpassar pelo conteúdo, sem que todo aquele contexto imprima marcas que nos impulsionem a pensar, buscar, experimentar. O mestre, o espaço, a arquitetura, a hierarquia institucional também podem ser absorvidos, digeridos de forma seca ou apetitosa.

Digerir, segundo definição formal é

Fazer a digestão de; sofrer com resignação, suportar; apreender o que se leu; realizar a digestão. (Minidicionário Soares Amora, 1999)<sup>12</sup>.

**1. assimilação:** apreensão, compreensão, entendimento; **2. compreender:** apre(e)nder, assimilar, entender; **3. digestir:** cozer, cozinhar, elaborar; **4. sofrer:** aturar, digestir, engolir, tolerar. (Dicionário Houaiss Sinônimos e Antônimos, 2003, grifo do autor).

É um conceito amplo. Metaforicamente implica na absorção desejada ou indesejada, voluntária ou involuntária, embora se refira a um processo naturalizado no cotidiano humano. O processo de digestão parte do ato de interiorizar através da boca o alimento, mastiga-lo, esmieuça-lo e, enfim, engoli-lo.

Também é *apreender o que se leu*, e a leitura pode adquirir várias formas de execução. Já vimos considerar-se o espaço citadino como um texto (CERTEAU, 1996), portanto sob constante possibilidade de ser lido, quiçá o espaço da escola, posto que o mesmo já possui tal intencionalidade em sua formação histórica como veremos adiante.

A digestão do ambiente escolar faz parte do aprendizado. A subjetividade do aluno pode ser marcada por elementos que compõem o contexto da escola para além do conteúdo, e, às vezes, o próprio espaço acaba complementando a fala do professor e dos materiais didáticos. O ambiente da sala de aula é projetado com o fim de ser um dos principais agenciadores e interlocutores das trocas de conhecimento que se dão ali. Desse modo, a modernização do ensino no início do século XX procurou adaptar o lugar em que o ensino era ministrado afim de que seu processo de *digestão* fosse o mais proveitoso possível, atendendo às

---

<sup>12</sup> Embora utilizemo-nos de definições anteriores ao acordo ortográfico da Língua Portuguesa em vigor (obrigatório a partir de 2016) não há alteração no sentido nem nos significados atribuídos a palavra acima definida.

condicionantes sociais dos alunos, desejando que eles imprimissem uma marca moderna de se comportar.

O aspecto moderno de um homem civilizado (ELIAS, 1994) descarta a imagem de um moribundo, sujo, vadio que punge o ambiente da cidade limpa. Diante disso há a latente necessidade de se formar *indivíduos* educados, partindo da imposição de novas práticas aos métodos educativos. A palavra *indivíduo* tem sua raiz latina associada a não divisão, numa tradução livre é *aquele que não se divide*. Mas o homem é naturalmente um digestor. Mesmo com a imposição de uma formação complexa a fim de homogeneizá-lo ao que se concebia como cidade modernizada, ele é divisível, e apreende, e lê o mundo com a profundidade que lhe cabe em sua interação com este, ele está em constante construção. Através dessa digestão de mundo ele pratica o que conhecemos como “produção de subjetividade”.

A escola tem papel principal nessa “produção de subjetividade”. Avaliamos, conforme Félix Guattari<sup>13</sup> que “a única finalidade aceitável das atividades humanas é a produção de uma subjetividade que enriqueça de modo contínuo sua relação com o mundo” (GUATTARI, 1992, p.33). Ele defende que o processo de subjetividade se dê de maneira constante e permanente, mais pela absorção, e que

não existe uma subjetividade do tipo “recipiente” em que se colocariam coisas essencialmente exteriores, as quais seriam “interiorizadas”. As tais “coisas” são elementos que intervêm na própria sintagmática da subjetivação inconsciente. São exemplos de “coisas” desse tipo: um certo jeito de utilizar a linguagem, de se articular ao modo de semiotização coletiva (...); uma relação com o universo das tomadas elétricas, nas quais se pode ser eletrocutado; uma relação com o universo de circulação na cidade. Todos esses são elementos constitutivos da subjetividade. (GUATTARI; ROLNIK, 1999, p.34).

Deste modo, as “tomadas elétricas” podiam ser propriamente as salas de aula, mas não só pelo que se fala dentro dela quando o mestre a conduz. O sujeito aluno é cercado pela possibilidade de subjetivar. Seu corpo ambientado à limpeza que a escola lhe sugestiona pode digerir que deve ser limpo à medida que aquele lugar também o é, de modo que na cidade moderna, que é limpa, só se encaixem pessoas quem também observam este padrão comportamental. Tudo isso por causa deste complexo, porém natural, processo de subjetivação que ocorre

---

<sup>13</sup> (1930 – 1992) Filósofo francês sem formação acadêmica que tratou de temas direcionados à psicanálise e comportamento.

constantemente na mente daquele que não é *indivíduo*, é o divisível, é o sujeito que digere.

Falemos sobre a relação escola e modernidade. Podemos considerar a educação como um símbolo do moderno, uma das conquistas materiais que podiam possibilitar que a cidade estivesse em sintonia com o mundo *civilizado* (ARANHA, 2005). Ainda segundo o autor nas cidades onde o ritmo social de grandes metrópoles não se repetiam ao mesmo modo, o uso de outras simbologias, como representações do moderno, eram acatados como contatos civilizatórios para a população local. Podemos ver esse quadro em Campina Grande, que já importava um novo modelo de educação, construindo edificações cada vez mais proporcionais à ideia de modernização do ensino<sup>14</sup>.

As escolas foram aos poucos mudando suas configurações espaciais e público de forma que pudessem construir uma sociedade a partir de sua base, com alunos formados sob determinado modelo para que fossem adultos que respondessem à expectativa da demanda governamental, esta última movida substancialmente por concepções de desenvolvimento europeizadas.

Vemos um despertar das instituições educativas à essa expectativa ao longo do século XIX, atingindo um público cada vez maior, interessando a um contingente populacional mais expressivo, que desejava ter formação a fim de conservar e/ou ganhar status e presença no corpo da sociedade à qual pertencia. Esse processo se deu no Brasil de forma aclarada, tendo em vista a implantação do governo republicano em 1889, alimentada pelos ideais humanistas em vigência nos principais centros intelectuais do mundo<sup>15</sup>.

A ascensão econômica da Paraíba esteve inserida nesse contexto de transições marcantes. A movimentação econômica do estado no período veio a favorecer o uso de novos conceitos no planejamento urbano das cidades com maior investimento financeiro da União. Cidades como Campina Grande, ativa na exportação do algodão, foram beneficiadas com recursos advindos de seu produto interno e puderam modernizar seu espaço de forma concordante com os novos conceitos arquitetônicos em vigência, nutridos por concepções de modernidade.

---

<sup>14</sup> “[A] escola deveria ser o elemento dominante do conjunto de construções que a rodeiam, sendo o símbolo que represente o esforço em favor da cultura”. (MOSER, 1933 Apud FRAGO; ESCOLANO, 2001, p. 33).

<sup>15</sup> Com destaque a Paris, Londres que eram os principais modelos ao Brasil naquele momento.

## 1.2 – “Somos, porém, brasileiros: idealistas, – portanto.”<sup>16</sup>

O campinense que vivera os anos 1920 provavelmente conhecera e/ou muito ouvira falar de figuras expoentes, intelectuais da cidade. Sejam mestres como Clementino Procópio<sup>17</sup>, bacharéis como os Irineu Jóffily (pai e filho) ou médicos como o dr. Elpídio de Almeida. Esses homens fizeram parte de uma geração do que podemos chamar de “reformadores da cidade”. Não que eles tenham pego tijolos e cimento para construírem uma nova Campina em sua forma física. Suas participações nesse processo se deram à medida em que foram-na construindo através da idealização de novas práticas.

Muitos desses intelectuais compuseram o corpo docente de instituições escolares da cidade. O dr. Elpídio de Almeida lecionava aulas de Higiene no Grupo Escolar Solon de Lucena, gratuitamente e fora do horário de aula, bem como também estivera ensinando no Instituto Pedagógico. Grande parte deles eram escritores assíduos dos principais periódicos da cidade e do estado, deixando evidentes suas ideias, que almejavam uma nova sociedade apurada em educação e boas condutas<sup>18</sup>. Uma das marcas da virada do século XIX para o século XX no Brasil foi o que Giscard Agra chama de uma “fetichização da ciência: acreditava-se que ela era capaz de produzir verdades absolutas, que tudo era explicável através de seus rigorosos métodos de investigação e que a vida seria melhor se pautada em preceitos científicos” (AGRA, 2007, p.2). Percebemos essa característica arraigada no contexto campinense durante os anos 20, alimentando uma certa sacralização<sup>19</sup> da fala desses intelectuais.

Num artigo do primeiro número da Revista Evolução, no ano de 1931, o médico da cidade, Antônio de Almeida<sup>20</sup>, exalta a Higiene Moderna, denominando-a deste modo, o *essencial factor do progresso humano* (sic)<sup>21</sup>. No mesmo artigo ele

<sup>16</sup> In: Anuário de Campina Grande, 1925, p.19.

<sup>17</sup> Fundador do Colégio São José em Campina Grande no ano de 1878, de quem diziam “professor dos nossos pais, nosso e dos nossos filhos” devido sua tradicional presença na função do magistério em Campina Grande.

<sup>18</sup> Constatamos isto nos periódicos que nos foram de fontes. Os nomes dos homens supracitados aparecem como autoria de artigos que indicam práticas cotidianas de educação e saúde, sobretudo nos periódicos pertencentes às escolas da cidade.

<sup>19</sup> Sacralizar com efeito de tornar a fala de um determinado sujeito uma verdade absoluta.

<sup>20</sup> Antônio Pereira de Almeida (1901–1980), médico, prefeito de Campina Grande durante os anos 1932 a 1934. Compunha o corpo docente do Instituto Pedagógico no período estudado.

<sup>21</sup> Optamos por utilizar a grafia de nossas fontes tal como escritas originalmente. Assim faremos em todo nosso trabalho, sem adapta-las de modo que sejam visualizadas como foram primeiro escritas. Neste caso não ousaremos ultrapassar a autoria há muito concretizada respeitando os espaços dos autores e suas formas de escrever.



considera o assunto como sendo sempre “ordem do dia”, pois “diz algo do nosso século” (a se referir ao século XX). Nessas linhas Antônio de Almeida expressava a mentalidade da grande maioria dos intelectuais de sua época, sendo um bom portador do discurso destes. Consideramos que a classe intelectual da Paraíba, em grande parte formada por representantes da elite que, a exemplo da elite pessoense, se graduaram em centros intelectuais do Brasil como o Rio de Janeiro, Recife e Salvador. Esta classe fora a principal receptadora e distribuidora dessas ideias, responsável por gerar e gerir a busca por uma nova identidade civilizada do povo paraibano.

A Campina de cultura hegemonicamente comercial era, sob marcha lenta, alimentada pela ciência num caminho que percorria, primeiramente, as ideias e, em seguida, vinha à manifestação nos espaços de arquitetura simbólica. Assim informa um artigo de nome *Mentallidade Campinense* no Anuário da cidade do ano de 1925:

Somos, porém, brasileiros: idéalistas, – portanto. [...] Surge, então á evidencia que o commercio, que tudo mais consegue com sua efficiencia propulsora de immediatos resultados materiaes, não consegue, entretanto, annular, com as suas vicissitudes tumultuosas o que de mais attraente e nobre pode ter um meio: a intelligencia do seu povo, sabendo comprehender e reverenciar o talento; o talento, o pendor literario ou scientifico dos que, justamente, em numero mais ou menos crescido, constituem o elemento intellectual, a força creadora do meio. (ANUÁRIO, 1925, p. 19 e 20)

Questões de modernidade eram sobremodo almejadas, mas ainda não manifestadas definitivamente como se houvera na expectativa destes *distintos* intellectos campinenses tão aclamados em seu tempo por nutrirem esta esperança. Considera-se ainda desses homens do “ramo de atividade mental”<sup>22</sup> que estivessem a demonstrar “que Campina não é, somente, o centro de maior surto commercial do Estado: é, tambem, um agitado fóco de irradiação intellectual”. O escritor do artigo<sup>23</sup> ainda conclui que, devido a essa característica, há “tendencias para realizações imprevistas”.

Poderemos pensar, então, as reformas do espaço urbano, produzidas ao longo das décadas de 30 e 40, como *realizações imprevistas* na cidade? Faz sentido! Se analisarmos o contexto do artigo do Anuário, datado de 1925, veremos que a tendência do pensamento intelectual daquele ano já apontava à concretização

<sup>22</sup> Entenda-se intelectuais.

<sup>23</sup> Este não se encontra identificado no Anuário.

de atos – como diria Aranha – *símbolos do moderno*. O pensamento destes homens geria uma cidade modelada em seus edifícios, em seu fluxo, e mais precisamente nos corpos dos seus moradores que compõem as sociabilidades da *urbe*<sup>24</sup>.

A escola compõe, além da estrutura de planejamento conceitual da malha urbana, a função de instruir a mentalidade e condição dos corpos que nela circularão. Sua função é de primordial importância para implantação dos ideais supracitados no seio da sociedade, estruturando o comportar-se de seus alunos. Neste ponto também sugerindo-lhes a prática da Higiene e demais comportamentos ditos modernos.

### 1.3 – Sobre o espaço físico e social da escola em Campina Grande – PB

A dinâmica de crescimento de Campina Grande favorecida pela, já falada, cultura comercial da cidade, bem como o desejo de sua população por uma formação intelectual, condicionou o aparecimento instituições escolares na cidade já em fins dos oitocentos<sup>25</sup>. O novo modelo de ensino, importado da Europa, sobretudo do modelo francês, seguia padrões que exigiam desde o aprendizado do aluno até sua adequação às condutas do homem moderno no que diz respeito ao comportamento. O famigerado projeto de modernização que se dava nos principais centros urbanos do mundo desde meados do século XIX participou ativamente deste processo. Reforçamos que ele adentrara primeiramente o espaço subjetivo das ideologias e manifestara-se aos poucos nas edificações e reformas que simbolizavam o novo âmbito de civilidade que aquela sociedade almejava alcançar.

Considerando sua simbologia, vemos os espaços de educação como sendo propulsores desses ideais, na medida em que eram responsáveis por interiorizar nos seus alunos os discursos advindos da Europa, da capital Rio de Janeiro e da aspirante a metrópole Recife. Discursos estes que abrangiam diversas esferas da vida cotidiana como o próprio comportamento, sendo o alunado visado com o fim de

<sup>24</sup> O sentido de urbe está ligado mais a sociabilidade da cidade. “A cidade era [entre os antigos gregos e romanos] a associação religiosa e política das famílias e das tribos; a urbe era o local de reunião, o domicílio e, sobretudo, o santuário dessa associação.” (COULANGES, 2009, p.110). O teor pessoal, de relacionamento desse segundo termo conforme interpretamos pela fala de Fustel de Coulanges é a causa de o empregarmos nesta parte do texto especificamente.

<sup>25</sup> Leve-se em consideração a existência das chamadas Cadeiras Isoladas no estado desde meados do século XIX. A Paraíba chegou a ter 162 Cadeiras Isoladas em funcionamento dentre os anos de 1896 e 1898. (PINHEIRO, 2002, p.277 a 279). Quando de sua emancipação política, em 1864, Campina contava com cerca de 58 alunos matriculados em cadeiras, sendo destes 22 do sexo masculino e 36 do feminino (Ibidem, p.39). O Colégio São José teria sido fundado em 1878 pelo, já falado, professor Clementino Procópio (ANUÁRIO, 1925, p.52).

ser moldado e mudado para se adequar ao padrão de homens e mulheres modernos. O padrão de comportamento do homem moderno não consistia apenas na aquisição de conhecimento, principal função histórica da escola, mas na padronização de comportamentos ditos civilizados. Se “o processo civilizador constitui uma mudança na conduta e sentimentos humanos rumo a uma direção muito específica” (ELIAS, 1993, p.193)<sup>26</sup>, nesse contexto a função de apontar essa direção para as novas gerações que cresciam seria privilegiada à escola. Esta noção de civilização comportamental acompanhou os discursos médico-higienistas de limpeza e asseio concordantes com a boa conduta social do homem educado.

No contexto estudado observamos uma transição substancial entre as escolas presentes em Campina na virada do século e as que são concebidas no decorrer do nosso recorte (a partir dos anos 1920). Vemos também os que não se situavam na elite econômica e social desejarem que seus filhos pudessem usufruir do acesso a uma formação básica. São classes de pequenos comerciantes e pessoas em processo de ascensão econômica numa Campina que atraía cada vez mais oportunidades de crescimento. Predominava até então na cidade o ensino de Cadeiras Isoladas<sup>27</sup> ministradas em lugares improvisados, como nas casas dos educadores ou em salas cedidas que não eram projetadas para àquele fim, eram as conhecidas “casas escolares”<sup>28</sup>.

Quando da gestão do vigário Monsenhor Luiz Salles é lançada a pedra fundamental do edifício que sediará<sup>29</sup> aquele de que disseram ter sido o “mais

<sup>26</sup> O autor defende que tal processo se deu “sem planejamento algum, mas nem por isso sem um tipo específico de ordem” (ELIAS, 1993, p.193). Embora ele exemplifique sua fala com modelos radicais de “civilização do homem” o seu processo também busca reproduzir no sujeito um modelo de sociedade normativizada, que dota o homem de “sentimentos de vergonha” ante o confronto com o outro civilizado (Ibidem, p. 194).

<sup>27</sup> As escolas de primeiras letras, típicas do Império, eram conhecidas como Cadeiras Isoladas por configurarem apenas uma sala de aula com um número resumido de alunos e estes poderiam ter diversas faixas etárias e andamentos escolares diversos, de modo que o atendimento deveria ser individualizado, assim como Foucault denominou *sistema tradicional*. “Cada aluno ficava, assim, sem atenção direta do professor por longos momentos da aula, o que acarretava perda de tempo e indisciplina.” (BUFFA; PINTO, 2002, p.39). As cadeiras Isoladas, eram basicamente destinadas a meninos e ministradas por um(a) professor(a) normalista (PINHEIRO, 2002). Em Campina Grande a primeira Cadeira Mista foi aberta em 1894 e teve como fundadora a professora Aucta Farias Leite.

<sup>28</sup> “Salas de visita de casas particulares, salões de casas-grandes de engenho e alpendres de sítios eram alguns dos espaços em que meninos e meninas viviam suas experiências de escolarização”. (GALVÃO, 1998, p. 122).

<sup>29</sup> Embora tenha sido construído com o fim primeiro de sediar as escolas públicas do município por “iniciativa da primeira Intendência presidida por Cristiano Lauritzen, no começo da República.” (ALMEIDA, 1993).

notável estabelecimento de instrução particular”<sup>30</sup> de Campina Grande, o Grêmio de Instrução. Este ocorrido sucedera-se no ano de 1891, embora a inauguração do Grêmio tenha efetivamente ocorrido depois de mais de dez anos deste fato<sup>31</sup> supostamente pelo dr. Alfredo Espínola<sup>32</sup>. Este estabelecimento de ensino funcionara por pouco tempo (de 3 a 6 anos), o suficiente para encher a memória dos saudosistas campinenses e deixar um patrimônio físico que abrigará posteriormente o Posto de Profilaxia Rural, em 1923. Nos anos 1930 o Instituto Pedagógico terá sede nele e se manterá no prédio com a mesma fachada até a década de 1970.

O Instituto Pedagógico fora fundado pelo tenente Alfredo Dantas Correia de Góes e pela professora normalista Ester de Azevedo no ano de 1919, compondo-se inicialmente de duas cadeiras ministradas pelos seus fundadores, situado à Rua Barão do Abiaí nº 63, nas adjacências do centro da cidade de Campina Grande. No ano de 1924, a instituição mudara para um prédio na mesma rua (nº327)<sup>33</sup> construído com o fim de abrigá-la “adaptado as condições higiênicas e pedagógicas” segundo dito na *Revista Evolução* (1931), periódico desta instituição.

A rua na qual o Instituto se situava estava nas imediações da feira da cidade. Seu movimento era basicamente pequenos comércios e a população residente ali. A rua de chão batido era a passagem dos que iam e vinham do Brejo e dos sítios circunvizinhos para a feira da cidade ou para a Igreja Matriz. Era um cenário um pouco distinto da expectativa de um ambiente urbano para educação moderna, mas era um lugar estratégico por estar próximo à região mais movimentada da cidade.

Assim analisamos que a infraestrutura da escola moderna passa a atender uma série de pré-requisitos, sobre a disposição espacial do edifício, considerando uma série de fatores, como

se instalar no centro das populações, ainda que isoladas das vias públicas e num lugar adequadamente arejado, agradável e com boa

<sup>30</sup> ANUÁRIO, 1925, p.51.

<sup>31</sup> Informações são contraditórias a respeito da real data de inauguração e funcionamento do Grêmio de Instrução. Segundo Elpidio de Almeida em *História de Campina Grande* (1993) o Grêmio foi inaugurado no ano de 1901 tendo funcionado por 3 anos apenas. Já as informações do Anuário da cidade (1925) afirmam ter o Grêmio começado a funcionar em 1907 e durado 6 anos aproximadamente. As informações referentes ao seu corpo docente e currículo não são contraditas nestas fontes.

<sup>32</sup> Nele eram ministrados dois cursos, o primário e o secundário, constando as cadeiras de latim, francês, português e matemática, lecionadas por nomes como o Monsenhor Salles, dr. Alfredo Espínola, seu próprio fundador, Clementino Procópio, dr. Chateaubriand Bandeira de Mello e José Martins da Cunha (ANUÁRIO, 1925, p.52).

<sup>33</sup> Este prédio será melhor trabalhado no terceiro capítulo desta monografia.

comunicação com todos os lugares de onde vinham os alunos. A partir dessa localização nuclear, a escola projetaria seu exemplo e influência geral sobre toda a sociedade, como um edifício estrategicamente situado e dotado de uma inteligência invisível que informaria culturalmente o meio humano-social que o rodeia. (REPULLÉS apud FRAGO & ESCOLANO, 2001, p.33)

Vemos, por exemplo, o antigo edifício do Grêmio de Instrução ser adaptado para comportar o externato<sup>34</sup> do Instituto Pedagógico nos anos 1930, ao que os redatores da Revista Evolução dizem ser “[um] vasto prédio da municipalidade local, adaptado pela Diretoria daquele sodalício educandário, as necessidades higiênicas e pedagógicas, para preencher à sua finalidade”<sup>35</sup>. Curiosamente, o mesmo edifício abrigara em anos antecessórios aos da era Alfredo Dantas (por assim dizer), o posto de Profilaxia Rural<sup>36</sup> do município de Campina Grande (ver Imagem 1).

---

<sup>34</sup> O Instituto Pedagógico, a partir do início dos anos 1930 passou a contar com dois lugares em funcionamento, o antigo prédio de 1924 que já pertencia ao instituto à rua Barão do Abiaí, e o prédio da rua Marquês do Herval, pertencente ao município. O primeiro comportava desde então as atividades do internato feminino, e o segundo da Escola Normal João Pessoa, o externato voltado para ambos os sexos.

<sup>35</sup> Revista Evolução, 1931, a.1, vol.1, p.8.

<sup>36</sup> A partir do ano de 1919, quando o paraibano Eptácio Pessoa assumiu a presidência do Brasil, houve um amplo processo de reorganização dos serviços de saúde na Paraíba, também gerido pelo presidente do estado a partir de 1920, Solon de Lucena. Citamos a criação da Diretoria-Geral de Saúde Pública (DGSP), também do *Serviço de Profilaxia Rural* e a regulamentação do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP). Grandes avanços relacionados à saúde na Paraíba são advindos deste momento, posto um maior investimento financeiro do presidente do país no seu estado natalício.

**Imagem 1** – Posto de Profilaxia Rural do Município de Campina Grande no prédio que anteriormente sediara o Grêmio de Instrução e posteriormente será ocupado pelo Instituto Pedagógico.



Fonte: Anuário de Campina Grande (1925)

Assim sendo, o Instituto passou a compreender dois prédios, o de 1924, na Barão do Abiaí, e o da Marquês do Herval (nº39), onde funcionava a Escola Normal João Pessoa que era anexa a escola. Uma das características da Rua Marquês do Herval, conhecida na época como Rua dos Armazéns, onde estava situado este último edifício, eram os fardos de algodão jogados aos montes sobre as calçadas (ver Imagem 2). O edifício esteve erguido no ápice da era algodoeira de Campina Grande, tendo sido construído em fins do século XIX. Relatos históricos até dizem que este chegou a ser um depósito de algodão quando estivera vago por algum momento.

A rua era movimentada por ser uma das vias de ligação entre o centro da cidade e as comunidades periféricas do entorno. Era também um dos principais acessos à, também movimentada, Rua da Areia (atual Rua Presidente João Pessoa), o que sugere que muitos carros e carroças ali transitavam, fazendo com que dejetos de seus respectivos puxadores (cavalos e burros) estivessem ali espalhados em frente do edifício escolar.



**Imagem 2** – Rua dos Armazéns (Marques do Herval) com os característicos fardos de algodão que compunham sua paisagem. Destacamos o prédio do Grêmio de Instrução. Esta foto data da década de 1930.



Fonte: Vasconcelos (2014)

A reforma deste prédio para novamente comportar uma instituição escolar (reapitulamos que ele fora construído para funcionamento do Grêmio de Instrução), mostra que com o passar do tempo suas instalações foram perdendo a adequação de atender ao primeiro fim de sua construção. Por ser uma construção de características de estilo colonial<sup>37</sup>, acreditamos que fora adaptado internamente para agregar as resoluções necessárias a uma escola moderna, como no caso dos banheiros, que já haviam mudado de configuração nesse novo contexto histórico.

Voltemos neste momento ao artigo do professor e médico Antônio de Almeida na Revista Evolução. O artigo é um verdadeiro elogio aos costumes higienísticos, onde o autor acrescenta que os avanços da medicina nos “últimos decênios, fizera da higiene moderna a bussola que norteia os civilizados aos segredos do porvir”. Não é por acaso que o autor usa esse tom em seu discurso. O público alvo da citada revista compreendia em primeiro plano os alunos do Instituto Pedagógico e seus pais, justo aqueles que o escritor desejava imprimir diretamente essas marcas de comportamento moderno sendo professor da referida instituição. Afora esta demanda, o público geral que também tinha acesso ao conteúdo da publicação

<sup>37</sup> O termo colonial nesse caso não se refere à temporalidade, tendo em vista o Brasil não ser mais colônia no período de construção do prédio, de modo que o termo se torne anacrônico. Colonial torna-se a denominação do estilo arquitetônico que perdura na composição das fachadas até a virada do século.

perceberia o quanto os mestres daquela instituição estavam comprometidos não só com a saúde intelectual das crianças, mas também com a saúde física e com seus cuidados de higiene pessoal de forma bastante enfática. A preocupação com a higiene, seja espacial, seja pessoal, se mostra cada vez mais constante entre os docentes destes grupos escolares como Antônio de Almeida demonstra.

No mesmo periódico, no volume de número 2 (1931), Noemi Carlos da Silva<sup>38</sup> escreve uma poesia de nome *Conselho higiênico*, cujo teor é de toda uma busca ao costume do asseio pessoal, e reforçava o que homens como Antônio e Elpídio de Almeida redigiam em jornais e ensinavam em sala de aula:

I  
Dos pés até a cabeça/Traze o corpo bem lavado;/- Quem apenas lava  
a cara,/Não passa por asseado. (1-4)

II  
Deita-te cêdo, meu filho,/Ergue-te cêdo também./- Quem assim faz e  
trabalha,/Mui bela saúde tem. (5-8)

III  
Deves usar sempre largo/Todo o teu fato e calçado;/O sangue não  
gira bem/Quando o corpo anda apertado, (9-12)

IV  
A casa em que morares/Deve ter sol e muito ar./De casa que assim  
não seja/Deves-te logo mudar (13-16)

V  
Evita dentro de casa/Toda a poeira e mau cheiro;/E não durmas no  
teu quarto/Sem o arejar primeiro. (17-20)

VI  
Essências, flores e plantas,/Cujo aroma é de encantar./No teu quarto  
não as queiras/Quando te fores deitar. (21-24)

Vemos nestas estrofes ideais ensinados aos alunos do Instituto, a fim de que esses digerissem formas de comportamento que dizem respeito a limpeza pessoal (*dos pés a cabeça*), ao empenho individual pelo trabalho (contra a prática da vadiagem, reprovada pelos intelectuais e religiosos desse tempo), ao modo de se vestir, até mesmo de onde morar e como habitar de modo salubre sua própria casa.

São utilizados, em sua maioria, verbos imperativos, bem como se deviam ser ministrados estes princípios higienísticos por autoridades como os médicos supracitados que lecionavam não só nessa instituição, mas em outros lugares na cidade. Vivenciando estes discursos os alunos seriam homens de bom comportamento, limpos (em todo o corpo), que se vestiam de forma exemplar e residiam em lugares proporcionais a sua conduta moral e ética naquela sociedade.

<sup>38</sup> Aluna do 3º ano Normal no Instituto.



Se as casas destes alunos assim deveriam ser, que se dirá do próprio prédio da escola que os ensinava sobre estes cuidados tão sutis? A presença de janelas corredores e outros elementos arquitetônicos<sup>39</sup> demonstram esta atenção que as edificações vão aderindo de modo que proporcionem o bem estar dos que nela habitam, no caso da escola estes elementos vão, não só proporcionando este bem estar, mas vão causando efeito de demonstração ao seu corpo discente e mesmo docente, afim de adequar todo seu público à expectativa do moderno.

Seguindo essa mesma lógica, o primeiro grupo escolar de Campina Grande foi construído no, então, início da Rua Floriano Peixoto, próximo à Catedral, num lugar central e repleto de representações que correspondem à fala supracitada de Enrique Repullés<sup>40</sup>. Para sua construção, fora demolido o antigo mercado público de nome popular Comércio Velho, construído pelo italiano Baltazar Luna<sup>41</sup>, na primeira metade do século XIX (provavelmente na década de 1820). Este prédio de estilo colonial era o pivô da feira quando esta se dava na Floriano Peixoto, e sua decadência veio em função da construção de um novo mercado, conhecido como Comércio Novo<sup>42</sup>, situado à rua Maciel Pinheiro, bem próximo ao antigo. Desde então o mercado que outrora fora tão movimentado era um lugar repleto de sujeitos populares, desde feirantes remanescentes, desabrigados, ciganos e até prostitutas que ali fizeram seu lugar de estadia. Demolir um lugar como este implicava uma “limpeza social” para construção de uma instituição moderna que ganha ares simbólicos. Passa a representar o progresso, o avanço e a formação de uma nova sociedade cuja marca é a educação. É a negação da antiga população que ocupava o local, como também uma forma de demonstrar-lhes que não haveria espaço para seus corpos no novo ambiente limpo da Campina Moderna.

O lugar que o Grupo Escolar fora construído<sup>43</sup> era próximo às principais feiras da cidade, que se distribuíam no centro, entre as ruas Maciel Pinheiro, Floriano Peixoto e adjacentes. Era um espaço cuja concepção propunha uma mudança drástica de uso espacial com relação à função de seu demolido antecessor, o antigo Comércio Velho. Quando os feirantes e populares que por ali passavam fixavam os

<sup>39</sup> Estes elementos serão analisados nos capítulos posteriores a este.

<sup>40</sup> Arquiteto Espanhol (1845-1922).

<sup>41</sup> “Afirmava o ancião que o levantava naquele lugar, reputado improprio por algumas pessoas, porque ali estava o centro da imensa cidade que Campina havia de ser. Deu-se, então, a mudança da feira”. (ANUÁRIO, 1925, p.8)

<sup>42</sup> Pelo comerciante Alexandrino Cavalcanti de Albuquerque.

<sup>43</sup> Sob projeto do arquiteto Hermegildo Di Lascio da firma Cunha & Di Lascio sediada na capital.

olhos àquela esquina eles poderiam absorver a ideia de uma nova cidade e que eles próprios deveriam adaptar-se a ela. A estética do novo grupo escolar buscava alterar as percepções sobre modernidade que estavam em cada um desses cidadãos comuns, demonstrando-lhes que um novo tempo havia chegado. Era uma fachada de arquitetura grandiosa (ver Imagem 3), que também proporcionava uma higienização física e visual do ambiente numa cidade de características hegemonicamente coloniais.

**Imagem 3** – Fachada do Grupo Escolar Solon de Lucena (Praça Floriano Peixoto)



Fonte: Revista Evolução (1931)

Mesmo elementos arquitetônicos que compreendemos como essenciais, como portas e janelas são portadores de um discurso higiênico como constatamos através de um artigo de nome Escola Nova publicado nos últimos números da Revista Evolução (v. 8 e 9). Nele é descrito uma aula no grupo escolar Solon de Lucena, onde a professora de nome Ana Leiros ministra uma aula sobre a luz numa sala de primeiro grau. A aula começa quando a professora pede a um aluno que abra as janelas da classe, em seguida ela pergunta: “agora, diga-me, uma coisa, quando você abriu a janela o que recebeu na sala?” ao que o aluno responde “o sol entrou e ficou mais claro” (LIMA, 1932, p.8). A partir desta deixa a professora explica aritmética, física, história natural, economia doméstica e higiene, tudo embasado pelo ato de iluminar a sala através da abertura de janelas. A professora Ana Leiros nos apresenta uma aula bastante explicativa sobre como a luz ajuda em nosso dia a dia. Assim como a aluna do Instituto Pedagógico Noemi Carlos, ela explana aquele

conteúdo para além da sala de aula, citando também a função da luz para higienização da casa com a finalidade de um ambiente salubre:

A luz do sol é a destruidora de todos os microbios das molestias mais perigosas e por isso convem não trazer os quartos e salas fechadas para que neles entrem muita luz; pois a luz é o melhor e o mais barato de todos os desinfetantes. (LIMA, 1932, p.49).

Se não convinha trazer a janela de casa fechada, a da escola muito menos. Assim a arquitetura escolar vai se tornando uma participante nas aulas, demonstrando que seu espaço não é apenas funcional, ele tem característica representativa. A professora ainda prossegue sua aula abordando o último conteúdo: higiene. A noção de Higiene Moderna que acima fora abordado pelo doutor Antonio de Almeida volta neste momento, explicitamente trabalhada em uma sala de aula. Sobre os benefícios da luz ainda se considera na aula o de que ela

exerce influência sobre tudo que respira: plantas e animais que sejam irracionais ou racionais nós; dá as crianças dos campos as lindas faces rosadas e a saúde robusta, enquanto os “presos, os mineiros e operários” que trabalham em subterrâneos sentem dia, para dia, a palidez minguar-lhes as forças e a saúde. (Ibidem, p.49).

A luz assim exercendo um papel tão importante para a saúde do homem não poderia estar longe da sala de aula. Lembramos que a partir da presença dela, da sua exemplificação na estrutura da sala de aula é que pôde a professora Ana Leiros explicar que importância tem esta que traz robustez às “lindas faces rosadas das crianças”.

Além das janelas é importante frisar sobre a disposição logística do mobiliário da sala de aula em fileiras simétricas. Este modelo é o que o filósofo Michel Foucault chama de espaço serial. Quando trata dos colégios europeus ele afirma que este modelo esteve funcionando principalmente desde 1762, homogeneizando a classe. “A ordenação por fileiras, no século XVIII, começa a definir a grande forma de repartição dos indivíduos na ordem escolar [...]” (FOUCAULT, 2014, p.144). Apesar do modelo de primeiras letras (ou Cadeiras Isoladas), que Foucault chama de sistema tradicional, onde o atendimento individualizado do professor gerava ociosidade nos demais alunos que não detinham sua atenção naquele momento (ver nota 30 onde falamos deste sistema na Paraíba e em Campina Grande), o sistema serial permitiu a unificação de uma mesma faixa etária e nível de ensino. O tempo fora melhor aproveitado quando o mesmo conteúdo era ministrado a todos os alunos

de igual forma, e a formação da classe em filas ainda permitia melhor vigilância. Ainda segundo o autor as disciplinas assim organizadas criam espaços “ao mesmo tempo arquiteturais, funcionais e hierárquicos [...]”, eles permitem a fixação e circulação, “recortam segmentos individuais e estabelecem ligações operatórias; marcam lugares e indicam valores; garantem a obediência dos indivíduos [...].”(Ibidem, p.145). Assim o espaço serial os vai transformando em multiplicidades organizadas. Este modelo, inicialmente conhecido como Lancasteriano (por seu criador Joseph Lancaster) será ensaiado no Brasil desde fins do século XIX (BUFFA; PINTO, 2002, p.39), sendo predominantemente vigente até hoje.

Considerando essa organização do espaço enfatizamos que a subjetivação do espaço escolar começa a partir de sua visualização estética. Nesse caso há uma ênfase à ideia de que o lugar institucional deve caracterizar o moderno, uma nova era que se iniciava. Reforçamos que

o modelo (...) de arquitetura escolar cumpriu não só uma função pedagógica, mas também um objetivo cultural de primeira magnitude, ao criar um dos símbolos que melhor aglutinam a consciência coletiva das populações e sua própria identidade. (FRAGO; ESCOLANO, 2001, p.34)

Edifícios como o do Grupo Escolar (posteriormente Solon de Lucena) e do Instituto Pedagógico à Rua Barão do Abiaí impunham na paisagem urbana campinense a idealização de um futuro embasado no modelo de civilização já exposto neste capítulo. Eles destoavam das edificações coloniais que ainda copunham o conjunto urbano da cidade, intimidando-os de certa forma, com suas novas composições arquitetônicas avançadas para a Campina da época. Como fora com o Comércio Velho, que cedeu lugar ao Grupo Escolar, o colonial, que possuía teor de insalubre e antiquado, fora pouco a pouco cedendo seu lugar aos prédios limpos em Art Déco, projetados compreendendo a asseidade necessária ao seu respectivo funcionamento.

A função higiênica prevalece e é impulsionada no projeto dessas edificações. O alunado deveria ser cuidadosamente tratado em questões de salubridade, de forma que digerissem o ideal comportamento higiênico na escola e, mastigando-o, passassem a utilizar constantemente estes hábitos. Seria reprovável que quaisquer alunos estivessem longe desses padrões. O cuidado na higienização do alunado, desde as primeiras instituições escolares, se devia primeiramente em evitar o

contágio de doenças ou pragas (FOUCAULT, 2014), e posteriormente adquire o papel de padronizar os sujeitos escolarizados a um ideal de postura social.

A estratégia da instituição escolar será reconhecer esse processo se utilizando do currículo e do espaço para estimular a produção de subjetividade. Essa atuação se dava de forma controlada pelo interesse em construir novas identidades que atendessem ao padrão civilizatório proposto pelos poderes públicos, condicionados por modelos educacionais e comportamentais vindos do Velho Continente. A sensibilidade da criança no ambiente escolar, sua sujeição às diretrizes propostas, sendo passiva ao ensino dos mestres no modelo da educação da época, tornaria o ambiente adequado aos setores de poder público para propagação dos ideais higienísticos modernos. Desta forma consideramos que

a educação primária foi o principal alvo para a elaboração do projeto que tinha como objetivo moldar o brasileiro dentro do padrão higiênico. Assim, os grupos escolares vistos como modelo por excelência no ensino primário passaram a ser estruturados, tendo sua estrutura física pensada não só para instrução, mas também voltada para a disciplinarização<sup>44</sup> e higienização do corpo discente e docente. (SILVA, 2011, p.72).

E o papel de instrutores médicos nessas escolas foi de fundamental importância para a montagem deste quadro e para que reforçemos nossa fala. Recordemos que o dr. Elpídio de Almeida, cuja importância nos meios intelectuais da época já fora citado aqui, também lecionava no Grupo Escolar semanalmente a cadeira de Higiene, bem como, provavelmente, o fazia no Instituto Pedagógico, demonstrando uma preocupação com esta disciplina para os escolares que ali estavam.

Vivian Andrade identifica que

por essas noções, as escolas eram consideradas instrumentos de renovação do povo, instituições capazes de educar e profissionalizar os sujeitos às demandas que surgiam pela obra cidadina. Ao mesmo tempo em que impunha ordem e civilidade, conduziam seus discentes a vivenciarem, nesse território de conflitos, a construção da higiene, da reformulação de suas subjetividades ao controle do corpo, aproveitando sua potencialidade para gerar produtividade. Educar a nação era a ordem da república e garantir essa proposição

<sup>44</sup> Segundo Michel Foucault, os “métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as “disciplinas”. Muitos processos disciplinares existiam há muito tempo: nos conventos, nos exércitos, nas oficinas também. Mas as disciplinas se tornaram no decorrer dos séculos XVII e XVIII fórmulas gerais de dominação” (FOUCAULT, 1994, p.135). Esses processos de disciplinas foram absorvidos pelos modelos escolares também dos séculos XIX e XX, como evidenciaremos posteriormente.

cabia aos governos e demais instituições sociais. A instituição escolar é assim constituída, por meio de métodos e práticas normatizadoras que dispõem de seu espaço para adestrar e fabricar indivíduos ordeiros e úteis às novas necessidades do espaço citadino. (ANDRADE, 2014, p.34)

Também a autora cita a importância das aulas de educação física, destinadas a ambos os sexos, que estavam nos novos lemas pedagógicos daquele tempo. No Instituto Pedagógico elas aconteciam por trás do prédio da Rua Marquês do Herval, onde existia um amplo quintal de terra e nele fora montada uma estrutura coberta para tal fim. Estas aulas eram ministradas por militares<sup>45</sup> como o sargento Moisés Araújo, e faziam parte de um currículo voltado para cuidado com o corpo. Para o lugar onde eram ministradas essas aulas era importante que fossem espaçosos e arejados, ressaltada a importância também dos chuveiros para a higienização posterior às aulas.

A própria estruturação arquitetônica das escolas passou a contar com sanitários a partir da década de 1930, substituindo as antigas latrinas insalubres e mau-cheirosas. Desde a “segunda metade do século XIX, o espaço-escola se incorporou, assim como a moradia, aos preceitos do higienismo, e mais tarde às exigências do conforto e da tecnologia” (FRAGO; ESCOLANO, 2001, p.46). O Grupo Escolar Solon de Lucena, por exemplo, seguiu estes preceitos colocando os banheiros na parte de fora do edifício, depois do jardim presente ao lado esquerdo do prédio<sup>46</sup>,

acreditamos que essa acomodação estava baseada nos princípios higiênicos que eram propagados na época, assim como nas orientações apresentadas pelo diretor da instrução pública concernentes às edificações de prédios escolares. (SILVA, 2009, p.85)

Os edifícios escolares projetados a partir da década de 20 visarão comportar cuidadosamente essas características que os tornam instituições modernas no contexto campinense para além da fachada principal.

<sup>45</sup> “Por não ter ainda universidades dedicadas à formação do educador físico, representantes do exército acabavam assumindo essa função nas escolas, em conformidade com a Divisão de Educação Física.” (ANDRADE, 2014, p.167).

<sup>46</sup> Para mais sobre ver análise do edifício em questão no capítulo 3.

## 1.4 – Considerações

Fato é que já se espalhava na Campina Grande dos anos 20 novos conceitos estéticos nunca antes observados pelo grande público da cidade<sup>47</sup>. Para além das leituras arquitetônicas veremos leituras de cultura comportamental que foram aos poucos se incorporando nos textos e contextos citadinos. Nos espaços escolares observamos que além da influência no campo arquitetônico, a busca pela subjetivação, ou digestão, dos signos modernos, como o discurso médico-higienista, constavam indiretamente dos novos projetos destas instituições. A partir deste período o ensino na cidade alcançará um maior número de pessoas, tendo em vista a chegada de instituições públicas gratuitas como o Grupo Escolar Solon de Lucena.

Os grupos escolares passaram a compor o cotidiano do vai e vem urbano, centralizando e simbolizando os poderes educacionais da cidade. A simbologia da escola não só buscava ser digerida pelos sujeitos escolarizados, mas também pelos transeuntes sob os quais os edifícios institucionais pretendiam exercer poder influenciador. A necessidade de formar uma nova população civilizada atravessava as salas de aula e chegavam aos mais populares que deixavam se sensibilizar pela implicância social da escola naquele momento.

A Campina Grande colonial, suja e insalubre, vivia um novo tempo de asseio público civilizatório. Os edifícios oitocentistas cediam obrigatoriamente lugar à Art Déco, e a revitalização urbana orquestrada pelos poderes governamentais.

---

<sup>47</sup> Estes conceitos irão ter seus usos ampliados na segunda metade da década de 30, com o prefeito Verniaud Wanderley.

## CAPÍTULO 2

### **Desenhando a modernidade sobre a cidade oitocentista<sup>48</sup>:**

Novos conceitos arquitetônicos na [re]formulação do espaço escolar

---

Como pensar a escola subjetivada? Anteriormente vimos os novos discursos que chegavam ao âmbito escolar manifestados seja por meio de periódicos escolares ou periódicos seculares, portanto como discursos escritos, idealizados. Agora primeiramente conceberemos de que modo a experiência escolar do sujeito permite a sua digestão do espaço e reforçaremos de como ele está vulnerável a tal, lembrando que aqui não o trataremos como se este fosse *indivíduo*, defendemos que ele está praticando subjetividade onde quer que esteja.

Proporemos, assim, como os modelos arquitetônicos rebuscados, refinados, repensados, foram sendo implementados em Campina Grande imitando a arquitetura das instituições escolares que metrópoles brasileiras como São Paulo já tinham na época. Pensemos como a escola adquiriu concretamente características de novos pensamentos, desenhando sobre a cidade anteriormente rabiscada, traços de novidade. O verbo desenhar, como escrito no título deste capítulo tem por nós a intenção de sugestionar a feitura de novas linhas sobre a edificação já construída, agregando-lhe novos sentidos.

A reforma caracteriza que o de antes não mais comporta as novas práticas daquele espaço, e assim pensaremos a teatralização das formas citadinas, as novas apropriações da escola, os espaços que adquirem novos sentidos. Por que a escola foi reformada? Há novas adequações que sugeriam aos seus gestores que assim se fizesse, concepções modernizantes que primam não só a fachada, como o uso do espaço interior, para uso de uma nova educação. Não só o prédio adquire esta nova arquitetura moderna, a própria instituição escolar passa a agregar novos valores que favorecem a modificação do espaço. E se este espaço é intencionalmente mudado é porque se lhe atribui o papel de apresentação, é que se lhe pressupõe como fonte de práticas de subjetivação.

---

<sup>48</sup> Nomenclatura referente ao século XIX (mil e oitocentos).



## 2.1 – O homem apre[e]nde<sup>49</sup> o espaço

[A] aridez já estava manifesta no próprio prédio escolar, uma construção tipicamente funcional (...). Com seus corredores frios e malcaiadados, salas de aula de pé direito baixo, sem um quadro ou qualquer outro adorno agradável para a vista, com suas privadas que exalavam mau cheiro pelo prédio inteiro, esse quartel de ensino parecia um velho móvel de hotel que inúmeras pessoas já usaram antes (...) com a mesma indiferença e repugnância. (ZWEIG, 2014, p.45)

Este excerto fora extraído de uma obra literária que não tem como principal foco o olhar técnico nem problematizador da função da escola. Trata-se da autobiografia do escritor austríaco Stefan Zweig, onde, em um de seus capítulos ele lembra o Liceu, a instituição de ensino na qual foi aluno durante os últimos anos do século XIX na cidade de Viena. Em sua fala ele deixa ecoar seus profundos desamores à escola do século passado (tendo em vista que o livro foi escrito no século XX) descrevendo suas características físicas como coparticipes desta frustração. Da experiência de Zweig percebemos a influência que o edifício escolar exerce sobre os modos que a educação é passada e, até que ponto aqueles lugares persistem na memória por meio de lembranças alusivas à infância.

A estrutura física da escola é o cenário de fundo no imaginário dos ex-alunos ou daqueles que passaram em qualquer nível hierárquico dessas instituições educativas.

O conhecimento de si mesmo, a história interior, a memória, em suma, é um depósito de imagens. De imagens de espaços que, para nós, foram, alguma vez e durante algum tempo, lugares. Lugares nos quais algo de nós ali ficou e que, portanto, nos pertencem; que são, portanto, nossa história. (FRAGO; ESCOLANO, 2001, p. 63)

Se de fato ocorre essa absorção de imagens, nos coloquemos no lugar pessoal da fala de Escolano e Frago. Quando o sujeito rememora os tempos de escola, imprescindivelmente se coloca novamente naquelas salas de aula, nos pátios,

<sup>49</sup> O aprender neste sentido está ligado à relação espaço como currículo (FRAGO; ESCOLANO, 2001), usado para se pensar como o espaço assume a função de ordenar o método do aprendizado e influencia a sensibilidade do aluno em seu movimento receptivo (ao qual anteriormente denominamos segundo o conceito de “práticas de subjetivação” (GUATTARI, 1992)). Apreender é um dos sinônimos de digerir conforme a definição utilizada no capítulo anterior. Relaciona-se com o ato de foto-registrar a ocasião do lugar no imaginário individual, no subconsciente, de forma que possa revisita-lo, observa-lo através da memória. O exercício de apreender pode nos proporcionar a ideia persistente de como nos utilizamos dos espaços e como eles se utilizaram de nós, podemos, então, retroagir, e critica-lo, e repensa-lo conforme se problematiza a sua função social.

corredores, banheiros, diretorias, justo porque nesses espaços ele vive as experiências escolares, que dizem respeito a amizades, inimizades, amores, repreensões e aprendizados. Podemos dizer que observávamos, mesmo que involuntariamente, cada uma das formas do edifício, pois éramos parte de sua função, função que consistia em nos envolver a um sistema de ensino.

Podemos considerar a influência, seja direta ou indireta, que os espaços possuem sobre nós como uma forma de digeri-los naturalmente. Não se trata de um processo forçado, trata-se de um movimento involuntário de absorção, conforme percebido por Guattari<sup>50</sup>. A experiência da escola influi diretamente na vida adulta do sujeito. Se exercitarmos nossa sensibilidade, percebendo que a experiência é o que nos passa<sup>51</sup>, muito teremos nos deixado passar pelo que vivenciamos nos nossos dias enquanto escolarizados. Os momentos cívicos da Semana da Pátria, as aulas de educação física, os momentos contraventivos nos recreios, a temida presença do(a) diretor(a), o relacionamento dos alunos com os professores eram todos estes momentos que nos permitiam usar os espaços escolares, para além da tradicional sala de aula. Momentos que nos permitiam o ato de subjetivar.

É como antes pudemos perceber pela literatura. Este edifício que marcara a infância de Zweig tão repulsivamente pode nos fazer pensar como, junto aos professores e às disciplinas, o ambiente da escola intervém no aprendizado. Percebemos que o edifício escolar faz parte dos processos de absorção do alunado, mastigado, digerido. É um ambiente que este sujeito frequentara semanalmente e praticamente todo dia. A partir da sua experiência ele pode tecer críticas a respeito de como este espaço influi impacto sobre sua educação. Tal exercício fora praticado por Zweig quando ele prossegue na análise do liceu em que estudou: “aquele século ainda não descobrira que jovens corpos em crescimento precisam de oxigênio e movimento”<sup>52</sup>, assim ele conclui sua fala, após analisar as deficiências estruturais da escola de sua infância. O sentido deste direcionamento é perceber como o espaço influencia além do que podemos perceber concretamente.

---

<sup>50</sup> Ver conceito de Práticas de subjetivação descrito na página 25 do capítulo 1.

<sup>51</sup> “O sujeito da experiência seria algo como um território de passagem, algo como uma superfície de sensibilidade na qual aquilo que passa afeta de algum modo, produz alguns efeitos, inscreve algumas marcas, deixa alguns vestígios, alguns efeitos.” (BONDÍA, 2002, p. 24)

<sup>52</sup> ZWEIG, 2014, p.45.

## 2.2 – A “grandiosa” fachada do edifício escolar

A representatividade da escola como espaço de poder, operou de forma a transcender apenas a função que esta possuía em formar<sup>53</sup> novos homens. Ela favoreceu composições arquitetônicas grandiosas que possuíam intencionalidade de impacto simbólico sobre os observadores e, mais ainda, sobre os usuários destes. Tais elementos, sejam estéticos ou visuais, se arraigaram na arquitetura escolar durante o século XIX influenciando as edificações do nosso recorte, na primeira metade do século XX. A influência dos republicanos e educadores neste aspecto no contexto brasileiro é, sobretudo evidente nos espaços escolares de São Paulo<sup>54</sup>. Estes homens

passaram a defender a necessidade de espaços especialmente construídos para serem escolas<sup>55</sup>. Prédios grandes, arejados, bonitos, destinados a cumprir sua finalidade principal, a de ser escola, testemunham a valorização que o Estado dava ao ensino e serviam, ainda, para que a população os admirasse. (BUFFA; PINTO, 2002, p.32).

Campina Grande deste contexto contracenava em esfera nacional com estas inovações advindas do novo século, gerida dentro das ideias republicanas que, assim como o currículo destas escolas, eram inspiradas em modelos franceses (KOWALTOWSKI, 2011). A ampliação do universo campinense, buscando a sua adequação às novas práticas urbanas, se deu no âmbito da arquitetura de forma mais evidente através do processo de reforma urbana da cidade iniciada nos anos 1930<sup>56</sup>. Edificações institucionais, aclamadas pelos ideais da formação de homens modernos<sup>57</sup>, ganharam visibilidade, sendo protagonista, dentre estas, a escola.

<sup>53</sup> A educação pode ser pensada como formação pelo menos desde o final do século XIX. Ela “implicava um investimento na construção de um novo homem, na sua totalidade, ou seja, com um novo corpo e um novo espírito” (ALBUQUERQUE JR., 2005, p.253). A educação como formação se propõe como educação integral, que dá conta de todos os aspectos da vida, que prepara física, mentalmente, moralmente o futuro cidadão. No artigo *Por um ensino que deforme* (sem data) o mesmo autor conclui que “a escola surge, pois, como uma maquinaria destinada a produzir sujeitos, a produzir subjetividades, a produzir corpos treinados e hábeis, a produzir formas de pensamento e de sensibilidade adequados à ordem social burguesa. (...) A escola surge como local de produção de subjetividades serializadas e massificadas, ao mesmo tempo em que prometia formar indivíduos.” (Idem, s.d., n.p.)

<sup>54</sup> “A experiência paulista passou a ser adotada como modelo para as outras unidades da Federação” (PINHEIRO, 2002, p.125).

<sup>55</sup> Haja vista a preponderante presença das chamadas Cadeiras Isoladas na função de educar a população, melhor explicitado no capítulo 1 desta monografia.

<sup>56</sup> O processo de reforma urbana iniciado na segunda metade dos anos 1930 em Campina Grande, [trans]formou a região do centro da cidade conforme as concepções de arquitetura moderna protagonistas das reformas urbanas de Paris (por Haussmann) e do Rio de Janeiro (por Pereira

Na nova cidade moderna, a exemplo do modelo que Campina Grande seguiu<sup>58</sup>, a escola vai ganhando espaços de evidência, localizando-se em setores estratégicos, simbolizando uma nova era na formação de sujeitos escolarizados. Nesse modelo latente de sociedade os sujeitos escolarizados<sup>59</sup> também serão perpassados pelo poder simbólico que a arquitetura escolar exerce sobre suas formas de aprender, muito além da aula em si.

Esteticamente os edifícios escolares foram objetos de visibilidade no cenário urbano, associados pelas esferas de poder com a representação de educação e avanços culturais e sociais. Em razão desse pensamento as escolas acataram certo privilégio, posto que essas edificações foram adquirindo novas características estruturais e ornamentais, marcando a paisagem das cidades que passavam por um momento de modernização. Clara Nunes observa que “a arquitetura escolar era uma evidência da inventividade que se inscrevia no movimento urbano” (NUNES, 1994, p. 197). O espaço de educação, então, marcará sua presença na encenação que se desdobra nas ruas das cidades, presenciando inúmeros momentos cívicos, solenidades, marcando-se como um símbolo inventado que sugestionava uma preocupação do governo com a população e seu acesso aos meios de alfabetização e conhecimento. Para compor essa representatividade era preferível que os imponentes edifícios escolares ficassem “em áreas contíguas às praças, como referência à expressão do poder e da ordem política” (KOWALTOWSKI, 2011, p.83). No cenário da cidade o lugar da escola será de fundamental importância para afirmar diante da invenção de uma cidade moderna o quão avançado

---

Passos). Mais sobre: GUTEMBERG, Fabio. Campina Grande: cartografias de uma reforma urbana no Nordeste do Brasil (1930-1945). In: Revista Brasileira de História. vol. 23, nº.46. São Paulo, 2003.

<sup>57</sup> Não era difícil encontrar admiradores e intelectuais que em Campina Grande pousavam aclamando os tempos modernos e as formas modernas de ser como vimos no capítulo anterior. O moderno se transforma num modelo aproximado do que seriam os países mais desenvolvidos, despertando um interesse geral dos intelectuais no Brasil, assim como em Campina Grande. Para Micael Herschmann “no Brasil, este fato é facilmente verificável, especialmente ao longo dos anos 20-30, quando afirmar-se ‘moderno’, por exemplo, é, antes de mais nada, tentar assumir um lugar prestigiado no debate científico e artístico – não importando tanto o fato de se atingir ou não o reconhecimento pleno –, expressando também uma sintonia de certa forma obrigatória com determinado conjunto de questões nem sempre claras para os sujeitos sociais envolvidos.” (HERSCHMANN, 1994, p.15). Assim ser moderno, mesmo que sem atingir as formas corretas, é conectar-se com o que de mais novo há no mundo científico e artístico. Significava pertencer ao movimento global, sentir-se inserido, participante do que ocorria nas cidades de produção cultural mais aclamada e copiada, como as capitais europeias. Trazer a modernidade para formar pessoas nas escolas campinenses era promover esta cultura que integrava o aluno ao contexto de mudanças no âmbito internacional, era inscrever neles este movimento, assim tornar a cidade moderna.

<sup>58</sup> Como exposto no primeiro capítulo.

<sup>59</sup> Os que compunham os corpos docente e discente das escolas.

intelectualmente o povo daquela localidade é, toda uma representação visual que busca ser interiorizada como referência.

A escola passa a situar-se preferencialmente no perímetro do centro da cidade, convergindo geograficamente a malha urbana e estando próxima a outras instituições de poder, como os órgãos do governo. Consideramos que assim foi porque “as correntes arquitetônicas vinculadas ao modernismo do início do século [XX] voltaram a reivindicar o lugar central que a escola devia ocupar em todo o urbanismo racional.” (FRAGO; ESCOLANO, 2001, p.32). O edifício escolar complementava os edifícios de cunho cívico presentes na essência citadina, baseada no modelo greco-romano de urbe, e veremos isso sendo afirmado no contexto de Campina Grande. O arquiteto francês Bernard Toulhier<sup>60</sup> ao analisar a construção dos edifícios escolares do século XIX afirma: “le caractère monumental de l'école doit se distinguer des autres constructions pour frapper et étonner les yeux de l'enfant.”<sup>61</sup>.

Vemos os chamados grupos escolares emergirem no contexto brasileiro em fins do século XIX primeiramente em São Paulo, chegando na Paraíba em 1916 com a fundação do grupo Dr. Thomas Mindello no centro da capital. O modelo alcançou posteriormente cidades exponenciais do interior do estado como Itabaiana, Guarabira e Campina Grande<sup>62</sup>, isso se deu ainda no decorrer das primeiras décadas do século XX (PINHEIRO, 2002, p.280). O modelo de grupos escolares afirmava um novo tempo no ensino brasileiro, uma padronização nacional do caráter escolar, antes tão desordenado. Este fato será expressado com auxílio da arquitetura destas escolas, através de projetos que enalteçam a sua função no corpo citadino. A instituição escolar terá o status de um símbolo moderno não só em sua funcionalidade, a de formar uma população educada, mas exatamente por essa implicância social ela passa a demonstrar em sua fachada e composição arquitetônica certa grandiosidade como forma de impor seu poder sobre o cotidiano da cidade (ver Imagem 4).

---

<sup>60</sup> Arquiteto francês, autor de um estudo sobre a edificação das escolas primárias no século XIX na França, que era o principal modelo de arquitetura e educação para o Brasil na época.

<sup>61</sup> “O caráter monumental da escola deve ser diferenciado das outras construções para atrair e surpreender os olhos das crianças.” (TOULIER, 1983, p.2, tradução nossa).

<sup>62</sup> Estudaremos no terceiro capítulo deste trabalho o primeiro grupo escolar de Campina Grande, o Solon de Lucena.

**Imagem 4** – Perspectiva da Rua Maciel Pinheiro em direção ao Grupo Escolar Solon de Lucena (ao fundo) demonstrando como a presença deste edifício chama atenção no espaço da cidade pela grandiosidade das formas arquitetônicas de sua fachada. (Foto registrada possivelmente no início da década de 1930).



Fonte: Vasconcelos (2014)

Dentro dos novos conceitos urbanos modernos supracitados, a escola vai ganhando espaços cada vez mais aprimorados e pensados, com o fim de demonstrar ordenamento espacial e controle dos sujeitos escolarizados. Estes últimos passaram a experienciar práticas educativas que iam além das aulas vivenciadas. O espaço da aula era comprometido com uma ordem, bem como os pátios, os corredores, a sala da diretoria, deveriam servir a um padrão de salubridade<sup>63</sup> e concordância visual, com padrões que primassem linhas simétricas e ornamentos carregados de simbologias estéticas, tudo de forma subjetivamente arquitetada.

Os projetistas destas novas escolas, seus arquitetos, influenciados pelos movimentos arquitetônicos em vigência na Europa, pensavam em toda a evidência que cabia a escola no contexto urbano, os espaços nos quais esta instituição deveria emergir e os olhares que ela deveria atrair. Não é à toa que grandes nomes da arquitetura nacional foram responsáveis pelo desenvolvimento dos projetos de Grupos Escolares e Escolas Normais pelo Brasil<sup>64</sup>. Para contratar profissionais da

<sup>63</sup> Quando do planejamento dos primeiros grupos escolares brasileiros na cidade de São Paulo toda a concepção do espaço era condicionada pelo Código Sanitário do estado, que datava de 1894. (KOWALTOWSKI, Ibid., p.83)

<sup>64</sup> “A arquitetura escolar desse período foi projetada por arquitetos de renome internacional, principalmente com formação europeia”. (Ibid., p.83)

área de arquitetura e engenharia de renome, e, conseqüentemente, de orçamentos dilatados, os governos despendiam grande valor dos cofres públicos afim de projetar estes lugares e tirá-los do papel. Esse fato só demonstra o quão importante se tornou a presença do edifício escola no contexto da cidade na época.

O edifício escola, mais do que propriamente um símbolo, como antes fora dito, era um apelo ao status que as cidades brasileiras desejavam ascender. A presença de uma escola de grande impacto estético em lugares estratégicos da cidade ousava provocar os espectadores do grande teatro arquitetônico da urbe a compreender que os modos de viver, de ler o espaço citadino, agora refletiam novas condicionantes. A cidade salutar era intelectualizada, alfabetizada, negava o retrocesso colonial, os espaços caóticos. A estrutura urbana se organizava às expectativas de um novo século que se descortinava por meio de governos geridos pelo modelo republicano há pouco instaurado no Brasil.

Numa Campina do interior nordestino, tão distante territorialmente destes centros urbanos onde os movimentos arquitetônicos estão a pleno vapor na construção das instituições públicas, estes conceitos foram sendo desenhados pelos admiradores de toda essa trama, observadores tanto da arquitetura como das práticas educativas modernas. As escolas arquitetônicas e os novos conceitos educacionais passaram a elucidar no espaço das ideias, nas conversas e nos anseios dos ditos intelectuais campinenses. Estes homens que por hora andavam nas ruas de chão batido do centro da cidade, vendo a poeira subir tanto em seus próprios passos quanto no passar dos carros de boi e cavalos que se dirigiam à feira, imaginavam trazer novos modos de fazer cidade, baseados nos lugares de suas formações intelectuais universitárias, ao modelo carioca, ao modelo paulistano, ao modelo europeu. A cidade está fadada a mudanças. Os elementos antigos que a compunham são observados por estes olhos como retrocessos.

A educação republicana, de caráter laico, formativo, viria a ocupar discussões cada vez mais assíduas, até serem implantados os primeiros modelos que de fato copiam o modelo dos grupos escolares em vigência desde a última década do século oitocentista no Brasil. Por enquanto, as edificações ecléticas, características marcantes de uma antiga Campina colonial ainda figuravam nas ruas, era, então, o estilo pacato de uma cidade do interior que crescia pelo algodão, e tinha nome de Grande. Foram-se ensaiando as primeiras formas de modernidade do ensino nesta cidade, desde a virada do século, passando pelo colonial e modelando-o,

reconstituindo-o. Os modelos de escola campinenses foram sendo perpassados pelos desejos mais modernos de estruturas de ensino, o velho era reformado ao molde das novas práticas, maquilando o lugar, repaginando o que era concebido como arcaico.

## **2.3 – Adaptando um edifício escolar antigo à nova Campina Grande**

### **2.3.1 – O prédio à Rua dos Armazéns, número 39**

Em 27 de maio de 1891, dois anos após a proclamação da República, na rua chamada dos Armazéns<sup>65</sup> fora lançada uma pedra fundamental. O ato do lançamento da pedra fora precedido de um cortejo que partiu da casa do senhor Cristiano Lauritzen<sup>66</sup>, até o lugar previsto. Ali discursou o professor Clementino Procópio, e o senador da recente república, General Almeida Barreto, colocou a pedra no alicerce junto a dois vasos de vidro. Um desses vasos continha moedas e no outro estava a ata que dizia sobre a finalidade do prédio que ali seria erguido: “Ata do assentamento da primeira pedra do edifício que se destina a servir de teatro e casa de aula pública<sup>67</sup> na cidade de Campina Grande.” (ALMEIDA, 1993, p.336)

Naquele lugar fora iniciada a construção um edifício de características arquitetônicas coloniais cuja fachada eclética era composta por um enfileiramento de oito janelas emolduradas (1)<sup>68</sup>. Acima, no seu frontispício, cimalhas em dois níveis formam uma testa comum à edifícios contemporâneos deste encobrimdo visualmente o telhado tradicional de duas águas (2). Por trás do prédio havia um alpendrado (3). Havia nele uma porta abaixo da primeira janela esquerda da fachada<sup>69</sup> e outra entrada que estava do seu lado direito e era caracterizada pela presença de dois leões que encimavam as colunas laterais do portão (4). Mas não fora este edifício pronto em data próxima ao assentamento de sua pedra. Dispendiosamente seus idealizadores da Intendência o mantiveram construindo por cerca de dois anos, assumindo-o Cristiano Lauritzen sozinho logo depois, de modo que até o ano de 1899 ele ainda não estava pronto.

<sup>65</sup> Atual Rua Marquês do Herval.

<sup>66</sup> Comerciante de origem dinamarquesa, então presidente da primeira Intendência que teve a iniciativa de construir o prédio. Um dos homens mais ricos de Campina em sua época. Prefeito da cidade entre os anos 1904 e 1923.

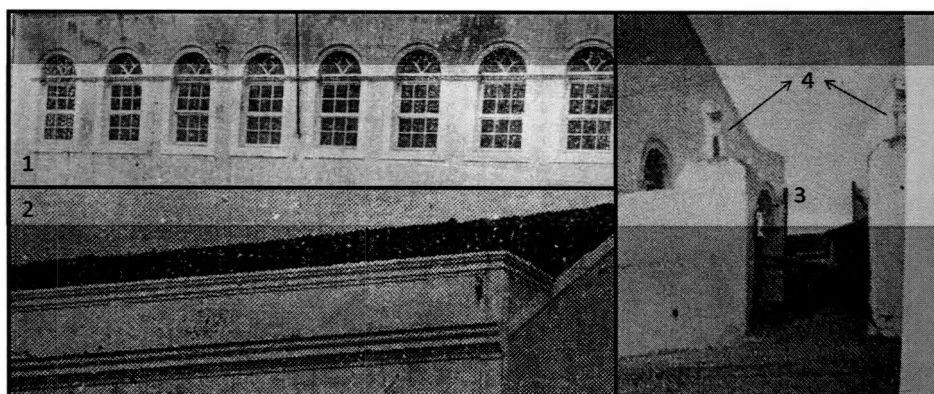
<sup>67</sup> Este teria sido idealizado para que fosse o primeiro grupo escolar do estado, fato que não sucedeu.

<sup>68</sup> Ver Imagem 5.

<sup>69</sup> Consta na Imagem 6.



**Imagem 5** – Elementos arquitetônicos do Grêmio de Instrução.



Fonte: Revista Evolução (1931) e Anuário de Campina Grande (1925)

Neste referido ano alguns homens da cidade resolveram agremiar-se afim de manter com seus próprios recursos um educandário de ensino médio que contivesse as disciplinas exigidas para ingresso de seus alunos nos cursos superiores<sup>70</sup>. Assim nasceu o Grêmio de Instrução<sup>71</sup>. Nascido o Grêmio, restava saber em que lugar funcionaria este educandário, até que fora sugerido o prédio em construção à Rua dos Armazéns, mantido pelo ex-presidente da Intendência, o sr. Lauritzen, presente na sociedade, eleito tesoureiro. Assim, condicionou a doação seu antigo mantenedor, para outro propósito e não para aquele que fora primeiro concebido, de escola pública primária. Tal fato, segundo Elpídio de Almeida, contrariou a vontade de Cristiano Lauritzen, posto que o ensino primário ainda funcionava em “casas inconvenientes”<sup>72</sup>. Discordando de início, o prefeito João Lourenço Porto<sup>73</sup> acabou acatando a proposta, o prédio foi, então, transferido ao domínio da municipalidade,

<sup>70</sup> “Era uma sociedade de fins educativos, destinada ao melhoramento e aperfeiçoamento do meio social campinense, não só preparando jovens para os cursos superiores, senão também excitando vocações para algumas artes consideradas nobres” (ALMEIDA, 1993, p.327).

<sup>71</sup> Ricos comerciantes, como o próprio Cristiano Lauritzen anteriormente citado, eram a maioria dos presentes na sociedade. Figuras intelectuais como o aclamado professor Clementino Procópio também estiveram ali presentes. A primeira reunião se deu na sacristia da igreja matriz ao dia 21 de maio de 1899. Para funcionamento da sociedade foram estabelecidos alguns estatutos primeiramente propostos pelo dr. Alfredo Deodato de Andrade Espínola que era primeiro secretário do Grêmio. A agremiação primeiramente contou com sessenta precursores, tendo o número crescido para noventa e três na terceira reunião que se deu em julho daquele ano.

<sup>72</sup> No capítulo anterior falamos sobre o precário funcionamento estrutural das Cadeiras Isoladas ou escolas de primeiras letras. Esta colocação reforça nossa fala.

<sup>73</sup> O prefeito teria dito fazer o possível para que as despesas de conclusão do prédio fossem realizadas, “pois reconhecia a utilidade da instituição e os benefícios que dela resultariam.” (Ibidem, p.332).

“obrigando-se esta a concluí-lo e oferecê-lo à sociedade para o fim específico de servir de casa de educação” (Ibidem, p.331).

Continua o autor dizendo que

durante o restante do ano de 1899, [...] executou o prefeito os serviços de acabamento e adaptação do prédio. [...] Entregue à diretoria do educandário em começo de 1900, foi fixado o dia 4 de março para início das aulas. (p.333).

Começo assim o Grêmio a funcionar naquele que seria tido como o maior e melhor prédio da cidade<sup>74</sup>, e na sua inauguração a sociedade campinense pode adentrar e ocupar “o amplo salão do edifício”. Teve fim o Grêmio três anos depois de inaugurado, segundo Elpídio, após ter entrado numa “crise agônica” em função do desligamento de alguns da sociedade. Os que permaneceram tentaram sustentar a instituição, mas sem sucesso, restando-lhes fechar o prédio e entregá-lo à prefeitura.

Em 1925 o anuário da cidade trazia a informação do Posto de Profilaxia Rural informando sobre

a sua instalação cuidadosa e confortavel, com adaptações especiaes, no nosso antigo Gremio de Instrução, donde saíram alphabetizadas as mais fulgurantes gerações intellectuaes campinenses (...) Nunca pensou o cidadão que construiu aquelle Gremio patriarchal, dos nossos tempos escolares de longos annos passados, viesse elle servir successivamente de escola, theatro de hospital. Cousas da vida... (ANUÁRIO, 1925, p.109)

Assim sabemos que o prédio adquire ao longo do tempo várias funções que não só a de escolarizar, tendo sido modelado e adaptado para comportar diferentes funcionalidades. Mesmo o redator do texto supracitado afirma que o posto funciona “com adaptações especiaes”, entendendo-se modificações na estrutura do edifício. Este prédio polivalente, próximo ao ano de seu trigésimo aniversário (1930), já não sendo mais sede do Posto de Profilaxia fora solicitado ao município pelo conhecido tenente Alfredo Dantas<sup>75</sup>. Este era dono do então Instituto Pedagógico, situado num

<sup>74</sup> Segundo aponta o autor.

<sup>75</sup> “Assegura ao “INSTITUTO PEDAGÓGICO”, estabelecido no prédio “GREMIO DE INSTRUÇÃO”, sito a rua Marquês do Herval, nº39, desta Cidade, (do domínio municipal) e de servidão patrimonial do mesmo Instituto, cedida pela lei anterior, - a garantia dos direitos adquiridos e que, por acaso, venham adquirir, de futuro, pelos benefícios úteis ou necessários, que nele fizer, por seu Diretor Tenente Alfredo Dantas Correia de Goes, bem como a concessão de crédito auxiliar ou suficiente a nova adaptação do mesmo prédio ao aparelhamento da equiparação do curso secundario da sua

imóvel de dois pavimentos à Rua Barão do Abiaí, distante cerca de três ruas do prédio do município em questão.

Ousaremos pensar a arquitetura escolar nesse caso, considerando as muitas funcionalidades que aquele prédio à Rua dos Armazéns foi adquirindo ao longo do tempo. Começemos pelas modificações que lhe foram atribuídas neste percurso. A sua mais antiga fotografia à qual tivemos acesso é a seu uso como Posto de Profilaxia Rural em 1925<sup>76</sup> onde constam duas entradas, a entrada do Posto Lafayette de Freitas e a entrada do Dispensário Leitão da Cunha<sup>77</sup>. O “portão dos leões” (2)<sup>78</sup> é a mais conhecida por ter sido efetivamente usada pelo Instituto Pedagógico naquele prédio. Esta é, no registro imagético em questão, a entrada do Dispensário. Ela dava acesso direto ao quintal e à porta lateral (3) do prédio. Uma outra porta, no entanto, estava presente nesta fotografia de 1925, e não constará mais nos registros posteriores já relativos aos primeiros anos da década de 1930. Era uma porta que aproveitara do terreno acidentado da rua (1), localizada inferiormente a primeira janela à esquerda da fachada, esta é a entrada do Posto Lafayette de Freitas.

**Imagem 6** – Portas do Posto Lafayette de Freitas e Dispensário Leitão da Cunha no prédio do antigo Grêmio de Instrução.



Fonte: Anuário de Campina Grande (1925)

escola normal “Ao Colégio Pedro Segundo”, podendo ocorrer uma cooperativa entre o Município e o Instituto [...]” (ACERVO DO COLÉGIO ALFREDO DANTAS apud ANDRADE, 2014, p. 149).

<sup>76</sup> Ver Imagem 1, no capítulo anterior.

<sup>77</sup> “O nosso Departamento de Saude Publica dividiu-se em dois Postos, que tomaram o patrocínio de Lafayette de Freitas e Leitão da Cunha, dois mestres que honram a medicina brasileira – Posto de Prophylaxia Rural e Posto de Doenças Venereas (...)” (ANUÁRIO, 1925, p.109).

<sup>78</sup> Ver Imagem 7.

Sabemos pelas fontes pesquisadas que o Posto de Profilaxia Rural fora sucedido diretamente pelo Instituto Pedagógico e isso se deu na segunda metade da década de 20 (o posto fechou em 1927). Se a imagem do posto consta a porta à qual nos referimos, sua retirada da fachada será realizada na transição, portanto uma nova adaptação do prédio para comportar a instituição escolar a partir de 1930.

Quando o município cede o antigo Grêmio ao uso escolar do tenente Alfredo Dantas, modificações arquitetônicas são feitas ao longo dos primeiros anos com esse referido fim. Em 1932, no Anuário Estatístico<sup>79</sup>, a descrição do prédio é feita da seguinte forma: “Condições e instalações do imóvel ocupado: predio cedido gratuitamente, c/1 pav., 3 compart. Sanit. e 9 salas de aula (...)”. Num relatório escrito pelo inspetor Hildebrando Leal, em 1939, a escola, que então já conta com três pavilhões, tem este primeiro prédio descrito da seguinte forma:

O primeiro [pavilhão] (...) é de construção antiga mas convenientemente conservado. Tem deficientes as condições de acustica porque são meias paredes as de separação de classe. Há sete salas neste primeiro pavilhão, todas recebendo luz diréta. Para fiscalização há um corredor interno aonde vêm ter todas as salas, a excessão de uma que deita diretamente para uma área livre. O material empregado em todos os pavilhões é tijolo, alvenaria de cal dosada, vigamento de madeira em tesoura, cobertura de telha vã. O pé direito mede quatro metros. Tem bom aspecto. O piso é em revestimento de cimento. O terreno é natural, elevado, pelo rebaixamento posterior do nível da via pública. Há perfeito escoamento das águas, sendo o terreno na área livre suficientemente permeável. (ACERVO DO COLÉGIO ALFREDO DANTAS apud ANDRADE, 2014, p.150 e 151)

Aparentemente todas estas primeiras reformas constatadas foram realizadas com dinheiro da própria instituição<sup>80</sup>, ou de ajudadores. Somente em 1936, um decreto municipal lhe dirige uma quantia em dinheiro para modificações estruturais do prédio (ANDRADE, 2014). Ressaltamos que foram destinados cerca de “cincoenta contos” para reformas previstas na escola. Fora necessária grande remodelação e criação de novos espaços para comportar a quantidade de alunos como constado em documento do acervo da escola:

conquanto construído expressamente para estabelecimento de ensino, foi necessário ao atual diretor fazer uma refórma complêta,

<sup>79</sup> Apud ANDRADE, 2014, p.150.

<sup>80</sup> É importante frisar que o sistema de bolsas era comum nesta época, de modo que a escola recebia benefícios financeiros da prefeitura para que alunos selecionados estudassem de graça ou com ajustes na instituição.

construindo ainda dois pavilhões para atender ao número de alunos matriculados (ACERVO DO COLÉGIO ALFREDO DANTAS Apud Ibidem, p. 149 e 150)

Tal fator ocorre alguns anos posteriores às primeiras reformas do tenente ao prédio, que teriam iniciado ainda em fins da década de 1920. A necessidade de constantes reformas desde a construção do prédio justificaria a destinação de dinheiro público ao Instituto<sup>81</sup>, de forma que fossem concluídas as acomodações ainda problemáticas.

Reconheçamos que, segundo a penosa descrição da construção do prédio as condições financeiras não favoreceram um melhor uso dos recursos. Aparentemente toda a pompa e materiais de altíssima qualidade que se viam na construção das escolas republicanas, a exemplo dos grupos escolares e escolas normais paulistas<sup>82</sup> (BUFFA; PINTO, 2002), por exemplo, não puderam ser aplicados neste simples prédio que esteve em construção por tanto tempo. Vemos essas características antigas do imóvel nas continuidades constatadas na descrição do inspetor, como as meias paredes entre as classes, isso claramente evidencia problemas de acústica como diagnosticado por ele e que não pode ser solucionado pelos projetistas originais pelo limite orçamentário. O piso de cimento também caracteriza um material mais barateado no acabamento interno, tendo em vista outras possibilidades que a época representavam maior embelezamento do ambiente como o piso em mosaico ou tacos. Esta é outra característica supostamente permanente apesar das reformas.

Uma das primeiras mudanças foi a devida retirada da porta ao lado esquerdo concentrando a entrada da escola em um único portão, desconfigurando uma parte arquitetônica original do prédio, mas significando novas formas de uso para espaços do antigo Grêmio. A única entrada<sup>83</sup> para a escola significaria melhor ordenamento na chegada e saída de alunos, como se pode observar na Imagem 7. Desta forma, a

<sup>81</sup> É importante considerar que tal prestígio coube à escola porque o decreto n. 1615 de 9 de Dezembro de 1929, do Governo do Estado, integrou o "Instituto Pedagógico" nas prerrogativas da Escola Normal Oficial do Estado (REVISTA EVOLUÇÃO, v.1, 1931, p. 7) e anteriormente ao ano de 1928 o Instituto fora declarado pelo Conselho Municipal utilidade pública.

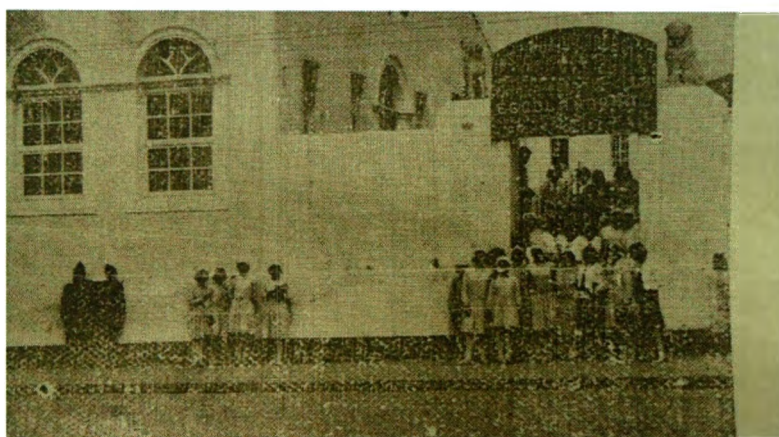
<sup>82</sup> Vê-se a semelhança destes prédios paulistas com a Escola Normal da capital João Pessoa, projetada por Otávio Freire no ano de 1926. Assim podemos perceber como tais modelos foram influenciando as construções, mesmo tão distante, na Paraíba.

<sup>83</sup> Esta entrada tinha caráter heterogêneo, para trânsito de meninos e meninas, indo de encontro à cultura de arquitetura escolar da época que, constituía entradas independentes para cada um dos sexos (BUFFA; PINTO, 2002). Isso se deve também ao fato desta escola ter sido precursora no ensino de caráter heterogêneo em Campina Grande, unindo ambos os sexos em uma única sala de aula, sendo reconhecida até hoje por este feito.

concentração em um único ponto para o fluxo entrada/saída da escola facilita a vigilância dos alunos da instituição controlando possíveis fugas das aulas e entradas de pessoas não permitidas. Também consideremos o fator estético do edifício que ficou mais limpo visualmente com o fechamento da porta e padronização das oito grandes janelas arqueadas de sua fachada.

Já podemos notar na Imagem 7, publicada na Revista Evolução em 1931, a abertura de janelas na parede lateral na qual constava apenas uma porta no projeto original. A abertura de janelas apela a questões relacionadas à higienização do ambiente, permitindo a circulação de vento e entrada de luz<sup>84</sup>.

**Imagem 7** – Entrada única do Instituto Pedagógico no prédio à Rua Marquês do Herval. Nota-se elementos não presentes na Imagem 6 como a inserção de janelas avizinhas à porta lateral e uma construção no local anteriormente vazio em frente ao portão “dos leões” perceptível pelas janelas.



Fonte: Revista Evolução (1931)

Outro fator que segue a lógica de melhor observação do fluxo de pessoas é a presença de um corredor interno, que segundo consta no relatório do inspetor Hildebrando Leal, anteriormente citado, servia “para fiscalização”. Era nele “aonde vêm ter todas as salas, a excessão de uma que deita diretamente para uma área

<sup>84</sup> Num artigo do Jornal A União, no dia 21 de novembro de 1913, denominado *Calligraphia*, escrito por José Cardoso da Silva é enaltecida a iluminação para conforto visual do aluno: “a iluminação de uma sala de aula é dos problemas graves que não devem ser decuidados. A myopia, as vezes hereditária, provém na maioria dos casos da deficiencia de luz nas classes. A luz não pode vir pela frente, por detrás e por cima do alumno. Está fóra de duvida que ella deve ser lateral e lateral esquerda para que a sombra da mão não se projecte sobre o papel em que o menino escreve. Javal e Garlier são partidarios da iluminação bi-lateral, igual de lado a lado de sorte que não haja sombras. Nunca ella será excessiva ou deficiente: o alumno deverá ler sem esforço o que houver escripto pelas lousas, ao longo das paredes.” (SILVA, 1913, p.1)



livre”, portanto as portas todas voltadas para o mesmo espaço de circulação davam melhor facilidade aos inspetores<sup>85</sup> da escola, bem como seus diretores, na função de observar os alunos. O corredor é uma característica arquitetônica amplamente funcional, surgida da necessidade de melhor ordenamento espacial na divisão de cômodos. A disposição de salas uniformemente distribuídas e lateralizadas à uma linha reta é o que promove a inserção do corredor na arquitetura escolar e este passa a configurar uma das principais características destes locais de ensino.

O corredor é um espaço de trânsito, associado a uma passagem breve que leve o sujeito de um cômodo a outro, geralmente ele também é apropriado pela escola para funções organizacionais. A presença de uma saída comum a todas as salas de aula daquele pavilhão ajuda na mecanização das filas e na melhor observação das saídas e entradas nas salas de aula. O corredor é um espaço de ampla visualização de comportamento, assume nesse quesito a função de um dispositivo panóptico.

O panóptico, numa definição foucaultiana, produz o efeito de “induzir no detento [ou aluno] um estado consciente e permanente de visibilidade que assegura o funcionamento automático do poder” (FOUCAULT, 2014, p.195). Como a arquitetura de Bentham procurava induzir no encarcerado a sujeição por medo de estar sendo observado, o espaço de circulação comum entre todas as salas que poderia ser amplamente visualizadas passaram a ser pensadas para produzir esta indução. Neste espaço de ligação a possibilidade de observação subjetivada produzia comportamentos controlados. Era aumentar no aluno “o risco de ser surpreendido e a consciência inquieta de ser observado” (Ibidem, p.196)<sup>86</sup>.

A presença da figura de inspetores para controle do fluxo dentro desses espaços comuns de circulação intimava os comportamentos dos que ali passavam. E mais, sendo este o único lugar para evacuação dos que estavam nas salas de aula se tornava um espaço obrigatório a todos os que necessitassem ir, por exemplo, ao sanitário. Tal fator desmotivaria possíveis fugas por aquele espaço, e

---

<sup>85</sup> Compreendemos que inspetor é aquele que “[...] inspeciona, examina, verifica, exerce vigilância, fiscaliza. Suas ações compreendem a verificação das obrigações legais prescritas, das instituições e pessoas, que as integram, bem como as restrições e as proibições das ações, tendo em vista a melhor organização e o funcionamento correto e legal dos serviços, onde a função é exercida.” (AUGUSTO, 2010, p. 79).

<sup>86</sup> Quando Foucault pensa no elemento panóptico dentro do famoso projeto arquitetônico carcerário de Bentham, ele afirma que este é um dispositivo que “organiza unidades espaciais que permitem ver sem parar e reconhecer imediatamente” (FOUCAULT, 2014, p.194).

comportamentos inapropriados poderiam ser vistos e repreendidos devidamente. A presença de corredores é uma constante nos projetos escolares desde as primeiras formas desta instituição, foram sendo utilizados naturalmente como recursos arquitetônicos de fluxo, tais como os característicos peristilos<sup>87</sup> em algumas instituições religiosas.

Outra função do corredor seria permitir a circulação de ar. Percebemos no Instituto Pedagógico que as janelas voltadas para o lado externo recebem o arejamento da rua, as portas em lado oposto às janelas na disposição retangular<sup>88</sup> da sala permitiriam que o ar saísse promovendo uma ventilação mais constante. Esta característica era necessária no pensamento higienístico da época em que o prédio fora construído<sup>89</sup>. Nesse caso há continuidade nesse pensamento, tendo ele ultrapassado a virada do século, permanecendo em vigor na época em que a escola foi reformada no início dos anos 1930.

A mais tradicional função da janela, de proporcionar claridade, está inscrita nas palavras do inspetor em seu relatório quando afirma que todas as salas do pavilhão recebem luz direta. Ainda sobre isso uma observação nos cabe. Nas grandiosas janelas arqueadas que são marca da fachada, a parte inferior de duas folhas era de madeira, sendo de vidro somente a parte superior como se pode ver na Imagem 6, de forma que o vidro naquele momento proporcionasse a função de iluminação do cômodo mesmo quando a janela estivesse fechada. Essa função de iluminação será reapropriada e ampliada quando a janela tornar-se toda em vidro conforme consta na Imagem 7, seguindo verdadeiramente ao estilo francês e limpando esteticamente o visual das janelas.

---

<sup>87</sup> Pátio de origem arquitetônica românica onde há um jardim cercado de colunatas pertencentes à estrutura do edifício que o cerca. Este modelo foi utilizado pela arquitetura monástica e foi copiado pelas instituições modernas como forma de apropriar o uso do jardim ao edifício permitindo o arejamento interno e incorporação do laser natural ao conjunto em concreto.

<sup>88</sup> Não nos foi possível localizar a planta arquitetônica deste prédio em nossa pesquisa de forma que nos baseamos na descrição do inspetor para identificação de seus espaços internos. O formato retangular aqui suposto tem por base o tradicional modelo arquitetônico de salas de aula e usamos também de recursos dedutivos na localização das salas dispostas ao longo do corredor, separadas pelas meias paredes citadas no relatório da inspeção.

<sup>89</sup> Segundo Henry Barnard no manual norte americano *School Architecture* do ano de 1840 as janelas da escola deveriam "garantir iluminação e ventilação adequadas e aquecimento conveniente" (BARNARD, 1840 apud BUFFA; PINTO, 2002, p.20).



## 2.4 - Considerações

As operações de reformas entre 1925 e 1931 são visíveis pela ocasião da reapropriação escolar deste espaço pelo Instituto Pedagógico. Tais mudanças demonstram que muitas das propostas arquitetônicas de sua composição original caíram em desuso ou foram sendo renovadas. Também demonstram que a existência do espaço cumpre uma intencionalidade de ser absorvida, subjetivada, pois o que ali se fazia de novas apropriações eram cercados de sentidos que, com certos moldes, buscavam estimular a sensibilidade, serem digeridos. Também percebemos nele continuidades em concepções estruturais da escola, como a presença de janelas e corredores que não foi alterada. Se o objetivo primeiro da construção desse prédio fora sediar uma escola de grande importância na cidade (antes um grupo escolar e depois o Grêmio de Instrução), muitas formas estruturais desta renomada escola já não cabiam mais aos auspícios de uma nova educação que estava emergindo. O prédio estava fadado a ser remodelado e adquirir mudanças visíveis na fachada original, assim como na funcionalidade de seus espaços.

No caso da escola a apropriação subjetiva se faz no consumo visual dos sujeitos escolarizados, assim como foi com Zweig. As novas tendências da arquitetura escolar, explanadas neste capítulo, estão dentro destas categorias. Elas, já muito arraigadas no planejamento urbano das metrópoles brasileiras, eram trazidas e concretizadas na Campina que, há muito, observava suas ruas espontâneas cercadas de imóveis coloniais sem planejamento. Com o edifício escola não foi diferente. A remodelação daquele prédio situado à Rua dos Armazéns, que antes abrigara o Grêmio de Instrução, é aos nossos olhos uma concretização dos novos modelos de projetos escolares. Representa novas práticas de se fazer e se pensar a escola. A arquitetura escolar desenvolvida a partir da década de 1920, na cidade já influenciara sobremodo estes novos modelos de espaços escolares. Veremos esta arquitetura expressa através de outro prédio da mesma instituição adiante, bem como na composição do primeiro grupo escolar da cidade.

## CAPÍTULO 3

### **Construindo conceitos de modernidade:**

#### **Novos edifícios escolares para Campina ver**

---

Um novo momento chegara à Campina Grande, antes mesmo de seu grande bota abaixo<sup>90</sup> (GUTEMBERG, 2003). Foi sendo ressignificada a noção de estética, uma nova arquitetura procurava modelar o contorno das ruas, nas fachadas, nos interiores. Então, como já pensamos a importância das práticas de subjetivação neste momento, bem como a forma que tais mudanças foram emergindo no cotidiano campinense através de seus homens intelectualizados, aqui veremos como elas serão concretamente projetadas.

Pensaremos o espaço citadino como um grande teatro que buscava visibilizar essas mudanças com efeito de demonstração, afirmação e representação. Se antes falamos sobre como o discurso foi proferido por meio de periódicos, e de práticas que estavam sendo aplicadas à vida cotidiana, sendo manifestado através da reforma de um referido prédio, no capítulo que aqui de descortina observaremos como essas formas foram de fato projetadas a partir do princípio. A partir do nascimento de edifícios que foram subindo do chão, modificados em sua essência, anunciando em suas fachadas a função de escolarizar a sociedade.

Assim como vimos a reforma do antigo Grêmio de Instrução para adaptar-se estética e estruturalmente aos modelos de uma nova arquitetura, perceberemos neste capítulo como edifícios escolares da cidade foram construídos a partir destes moldes num momento anterior a referida reforma, cerca de cinco anos antes. Para tal, usaremos de dois modelos, o Instituto Pedagógico à Rua Barão do Abiaí e o Grupo Escolar Solon de Lucena. Ambos concluídos no ano de 1924 deixaram-se permear em seus projetos pelas concepções modernas de arquitetura escolar sendo diferenciados do estilo eclético popular predominante nas ruas da cidade, em casas, comércios e até mesmo em instituições como as Igrejas da cidade<sup>91</sup>.

---

<sup>90</sup> Assim também se denomina segundo o referido autor o período na segunda metade da década de 1930 no governo do, já falado em nota anterior, prefeito Verniaud Wanderley onde houve uma grande demolição do seu centro para adesão dos novos conceitos urbanísticos como o Art Déco.

<sup>91</sup> Nesta época ainda estava presente em Campina Grande a Igreja do Rosário, demolida no bota abaixo supracitado.

### 3.1 – A arquitetura como personagem do grande teatro urbano

É evidente como a arquitetura tornou-se um dos principais meios de teatralizar o momento moderno na Campina das décadas de 20 e 30. As construções da cidade passaram a desempenhar um papel para além de suas funções físicas de sediarem órgãos públicos, escolas, comércios, aderindo características de estilos novos ao longo das referidas décadas. Podemos atribuir a estes papéis a qualidade de performance, que nada mais é do que a atuação, o feitio destas construções, o comportamento delas forjado pelos que operavam em seus bastidores, projetando suas apresentações à cidade.

As escolas, além da principal motivação de sua existência, que diz respeito a formação de cidadãos habilitados para práticas da vida privada e da vida pública (ALBUQUERQUER JR., 2005), tinham projetos arquitetônicos fortemente comprometidos com a intenção de demonstrar o que eram, que padrões buscavam. A cidade tornava-se um grande teatro aberto à atuação da modernidade, e esta, por sua vez, buscava seu protagonismo no cenário urbano. O processo de modernização, iniciado em ritmo lento neste período e mais intensificado em fins dos anos 30, em Campina trouxe

mudanças que foram plenamente percebidas e vivenciadas; percebem-se claramente a emergência da transformação da paisagem urbana (...) pelas modificações fisionômicas que Campina Grande ia experimentando. (CABRAL FILHO, 2009, p.45)

Vivenciar é partir de uma experiência própria, particular ao sujeito, diz respeito a uma prática, ao que é ativo em sua experimentação. Quando usamos da metáfora do teatro também lembramos que este não seria completo sem o público que comparece às apresentações. Os sujeitos da cidade, ou seus espectadores são marcados por sensibilidade, como afirma Deusdedith Rocha Jr.:

perceber a cidade, perceber-se humano, é perceber-se leitor de algo que nos envolve o corpo, mas que não é o nosso corpo. E a cidade, palco das representações através das quais nos fazemos humanos, é também ela parte de algo maior, o teatro. Texto dentro de um texto maior. (ROCHA JR., 2003, s/p).

Este público, por sua simples presença, é tocado, seja rasa ou profundamente, mas ele retém certa quantidade do que observa como espectador. Tradicionalmente o espectador é a parte passiva do espetáculo, ele está a apreciar,

criticar, amar, odiar, mas não pode interferir no que ali se desenvolve, de outra forma o ato de interferir seria antiético. No espaço da cidade o espetáculo se desenrola nas ruas, através do erguer destes “monumentos modernos”, que não podem ser interferidos pelos observadores, mas podem ser alvos do olhar crítico daqueles que vivenciam seu projetar-se sobre o panorama da cidade.

O espectador do teatro citadino é atraído a observar os edifícios, a perceber os seus detalhes, quando passa os seus olhos pela linha das ruas. Não estão precisamente num palco os atores, estão sobre as calçadas ladeando o fluxo das vias públicas. No caminho da missa, da feira, da casa dos conhecidos, e ali os passantes vão se deixando parar por um instante e impressionar-se. A cidade como um lugar de sensibilidades e enraizamentos, terá sua apropriação por parte daqueles que a vivenciam (AGIER, 2011), nesse relacionamento homem e lugar o concreto pode chegar a perpassar o seu observador. Tal fator é levado em conta num projeto quando o desejo daquele que ali constrói é espelhar à sociedade que vive pelas imediações que aquela construção tem um teor de importância em conformidade com a grandeza de suas formas. Há uma linguagem da qual ele se utiliza, que é o simples fato de apresentar-se daquele modo, se autoafirmando.

Utilizamo-nos da expressão “monumentos modernos” afim de problematizarmos a importância dos referidos prédios no contexto aqui tratado. Le Goff se refere ao monumento no sentido greco-romano como erguido para engrandecer conquistas e perpetuá-las, função dos arcos de triunfo dos antigos imperadores por exemplo (LE GOFF, 2012). Os edifícios escolares foram pensados para demonstração de uma nova pedagogia que começava a ser utilizada em Campina. Eles foram adquirindo a importância que lhes cabia pelo uso destes novos métodos de ensino, não apenas a estética era assim moderna, mas a maneira como ali se praticava o ensino. Assim pensamos: a prática moderna era primeiro vivenciada para depois ser manifestada aos olhos da cidade. Os prédios seriam como trunfos que anunciariam a nova pedagogia que naquele espaço se praticava, eram monumentos inventados.

Um exemplo do que anteriormente foi dito diz respeito à intenção de investir nas fachadas grande quantidade de elementos ornamentais, como cimalkas,

cornijas<sup>92</sup>, molduras, entalhes. Podemos entender que a finalidade buscada através disso é claramente atrair observação destes passantes, dos transeuntes, estimular sensibilidades, expor-se à crítica destes. Uma escola pode mostrar sua estirpe, a qualidade de seu ensino e seu potencial em formar alunos de maneira teatral, por meio da composição de uma fachada que está constantemente exposta ali na rua, permitindo aos seus espectadores que seja lida.

Há nos bastidores do espetáculo também alguém que elabora os modos de apresentação dos grandes atores de concreto da cidade, é o escritor do roteiro, o projetista, o arquiteto, o engenheiro. Dele parte o primor de pensar e dar à luz plantas, imaginando-as dentro dos lugares vazios. Além do conhecimento técnico, ele deve partir da intenção daqueles que lhe dão o projeto. Esta profissão terá um papel essencial para gerar o espetáculo que se desenrola no grande teatro a céu aberto chamado Campina. Se a cidade é um texto, estes homens buscam escrever poesias de concreto, procuram ser lidos estimulando sensibilidades, produzindo uma mensagem carregada de adornos e formas. Elementos essenciais, como portas e janelas vão sendo adicionados com esta elegância do poeta arquiteto, como a métrica necessária a um soneto. Alguns preponderam como verdadeiras manchetes sobre as ruas, como as escolas que trabalharemos nas linhas posteriores, verdadeiros monumentos às novas práticas pedagógicas. Elas acabaram protagonizando naquele ano de 1924, a peça moderna que Campina encenaria. Os Veremos como estes espaços escolares foram construídos a fim de teatralizar a também modernização do ensino.

### **3.2 – O prédio à Rua Barão do Abiaí, número 327**

Vimos anteriormente que no ano de 1919 Campina viu surgir à Rua Barão do Abiahy<sup>93</sup> uma nova escola fundada pelo tenente Alfredo Dantas Correia de Góes<sup>94</sup>. No primeiro número da revista do Instituto, em 1931, consta que

<sup>92</sup> Cimalhas e cornijas são elementos arquitetônicos de finalidade decorativa. A cimalha, conhecida também como moldura, é uma linha ornada, de concreto ou gesso, geralmente usada para emoldurar tetos internos, mas também posta em testas de casas ecléticas. As cornijas geralmente ficam nas esquinas complementando a decoração com as cimalhas, trata-se do que podemos chamar de “dobra” para melhor entendermos seu desempenho na composição geral da fachada.

<sup>93</sup> Em grafia antiga (no período equivalente a nossa pesquisa), a palavra Abiaí consta com o “hy” no final, o “i” com agudo fora uma adaptação aos novos acordos ortográficos da língua portuguesa que se seguiram. Anteriormente o logradouro teria sido conhecido por Rua Direita. Hoje a rua permanece com o nome de Barão do Abiaí e se localiza no centro da cidade.

em maio de 1924, foi o educandário transferido para um novo prédio edificado, previamente, pelo mesmo educador [Alfredo Dantas], adaptado as condições higiênicas e pedagógicas, situado à mesma rua, n. 327, hoje, “Internato” do referido Instituto. Remobiliado, dotado de mobiliário escolar, material didático e pedagógico, foram ampliados os cursos, fundados outros, profissionais. (REVISTA EVOLUÇÃO, v. 1, 1931, p.7)

Este novo prédio pertencente à instituição surgiu da necessidade de alocar a já quantidade crescente de alunos que demandavam ao instituto do tenente que então funcionava num local menor. Também este fato se exprime considerando que a quantia utilizada para construção do prédio deriva das mensalidades pagas pelos alunos e que esse valor já crescia, tendo estas auxiliado em parte do orçamento para a edificação de um espaço de maior porte. Tal empreendimento fora incentivado pela expectativa da conquista de mais discentes, o que demonstra um horizonte promissor que passava a ser observado pelo fundador daquele educandário. Sob estas considerações analisemos o prédio em questão.

Com robustez, sua fachada comportando temas modernos não fora desta forma escrito sem uma intenção. Supomos dedutivamente que esta era de que fosse visto e admirado pelos que transitavam e moravam à Barão do Abiaí, ele buscava ser lido, mas se o prédio inanimado em si a nada busca, resolvamos: aqueles que o projetaram assim o queriam. “Aqueles” seriam primeiramente o tenente, que idealizou ergue-lo com o fim de destinar-lhe o uso de escola, e também o que o projetou. Infelizmente este último, de grande importância em nossa pesquisa para que entendamos sua formação, seja em arquitetura ou não, afim de construirmos um propósito para as formas de sua obra poética aqui estudada, este não foi encontrado deixando uma lacuna sobre as páginas que se seguem. Procuraremos preenchê-la através do entendimento de que a pessoa que primeiro teria idealizado o prédio seria o tenente, colocando nele essências de seu pensamento, que já vimos concordar com as tendências de modernização da época.

---

<sup>94</sup> “Sob os auspícios do atual diretor e proprietário, tenente da reserva do exército, Alfredo Dantas Correia de Góis, auxiliado pela professora Esther de Azêvedo Cabral, foi fundada, em 1918, uma escola primária, num dos subúrbios desta cidade, no lugar “Sítio da Lagôa”, escola que funcionou durante o ano letivo citado. Removida para o centro da cidade, aí foi a mesma reinstalada, à rua Barão do Abiaí, nº63, atual 210, no dia 19 de fevereiro de 1919, nos moldes e categorias dos grupos escolares, com a denominação de Instituto Pedagógico [...]” (ACERVO DO COLÉGIO ALFREDO DANTAS Apud ANDRADE, 2014, p.18)

A sua atrevida fachada erguida sobre uma simples rua de terra (Imagem 8), cuja maioria das casas era de apenas um pavimento, exibia um primeiro andar com a testa toda trabalhada em motivos ecléticos (Imagem 9)<sup>95</sup>. Trata-se já de uma inspiração sutil em Art Déco<sup>96</sup>, comportando, ainda, o ecletismo tão arraigado nos modelos arquiteturais até aquele momento.

**Imagem 8** – Rua Barão do Abiaí no início da década de 1930, período em que o internato do Instituto Pedagógico funcionava nesta (ele não consta nesta imagem). As construções da rua são predominantemente ecléticas e térreas. Destacam-se poucos prédios de primeiro andar ao estilo do instituto.

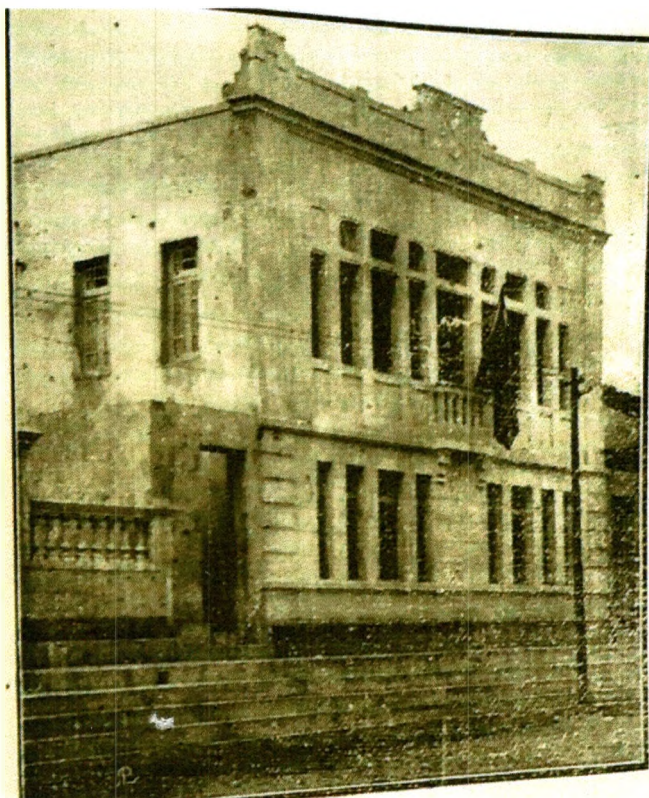


Fonte: Acervo do Museu Histórico de Campina Grande.

<sup>95</sup> Os documentos sobre este prédio são poucos e não pudemos encontrar descrições mais detalhadas do seu interior. Desse modo trabalhamos a análise sobre a sua fachada buscando nela os motivos modernos de nossa pesquisa.

<sup>96</sup> O estilo Arte Déco, juntamente ao Art Nouveau, será predominante nas reformas urbanas europeias do século XIX, sobretudo em Paris (BENEVOLO, 2009) e chegará ao Brasil como o principal modelo de arquitetura moderna, inspirando os arquitetos das reformas urbanas do Rio de Janeiro e São Paulo no início do século XX. A nova configuração urbana de Campina Grande, que vinha emergindo na temporalidade de nossa pesquisa, inspirou-se nesses modelos e passou a compor projetos de características semelhantes como no caso do prédio aqui estudado.

**Imagem 9** – Fachada do Instituto Pedagógico à Rua Barão do Abiaí, 327<sup>97</sup>.



Fonte: Revista Evolução (1931)

Um dos primeiros detalhes que podemos notar é a quantidade de janelas presentes no frontispício. Já falamos da função das janelas no capítulo anterior, mas reforçemos como a quantidade presente neste prédio contribui tanto estética quanto funcionalmente. A disposição das aberturas ocasiona um eixo simétrico perfeito, dando uma impressão organizada e racional do prédio. Outra característica facilitada pela vizinhança térrea é o prédio ser desmembrado e livre conforme era recomendado na época<sup>98</sup> para melhor uso das janelas para clareamento e circulação de ar. Vemos vidros na parte superior das janelas laterais, enquanto a parte inferior dela é composta por duas bandeiras em madeira, semelhantemente às janelas do

<sup>97</sup> Este prédio sediará o internato feminino do Instituto na década de 1930 quando a Escola Normal passar a funcionar no antigo Grêmio de Instrução como comentado nos capítulos anteriores.

<sup>98</sup> A recomendação para construção dos grupos escolares previa essa característica e será melhor discutida posteriormente quando tratarmos do Solon de Lucena (p.71). Apesar de ser voltado para os grupos, que eram escolas públicas cujo projeto pertencia ao governo, pode ser tomada para exemplificarmos os padrões de arquitetura que se seguiam nesse período. Os edifícios escolares, mesmo os particulares, como no caso do Instituto, seguem padrões semelhantes por estarem submetidos à constante inspeção para análise da adequação do ambiente ao acolhimento da função pedagógica, conforme a legislação que regia o funcionamento destas instituições. Fatores como acesso à luz, à ventilação e ao fluxo de pessoas são os mais exigidos na arquitetura e planejamento destes espaços (BUFFA; PINTO, 2002).



Grêmio de Instrução. As formas arredondadas, vistas na janela deste último, cedem lugar ao retângulo, mais racional, e as linhas retas não predominam somente nas janelas. Esse estilo arquitetônico, recheado de linhas verticais grandiosas, concorda com a ressalva feita por Frago quando este, em sua análise sobre a arquitetura das escolas modernas na Espanha, percebe:

Quanto à referida disposição, parece claro o predomínio geral do retilíneo sobre o redondo ou curvilíneo, assim como dos retângulos e quadrados sobre os círculos, espirais e eclipses. Uma primeira razão para isso, também óbvia, é que tais disposições, as adotadas, favorecem a visibilidade e, portanto, o controle e a vigilância. São mais lineares, mais ordenadas ou claras. (FRAGO; ESCOLANO, 2001, p.107)

Neste caso as janelas, além de introduzirem fatores naturais externos serviriam como formas de observação do que se passa por dentro das salas de aula, percebendo mais claramente o interior, no caso as que estão no andar térreo podem assumir essa função.

O modelo retilíneo deste prédio já estava ali contradizendo as formas da arquitetura dita colonial, embora dela também exercesse certa influência sobre o projeto da fachada. Em seu visual eram desenhados ornamentos mais precisos e enxutos de exageros.

Vemos uma pequena varanda balaustrada, apoiada sobre duas mísulas de formas bem retangulares no centro da fachada que reforçam nossa fala. Nela vemos hasteada uma bandeira que não podemos identificar de onde seja pela qualidade não favorável das fotos analisadas<sup>99</sup>. No geral, este tipo de representação se dava para comunicar os padrões cívicos que a escola seguia. Não esqueçamos que estamos nos anos 1920. Rememoremos que os preceptores da nova escola eram majoritariamente republicanos<sup>100</sup>, e que tal regime havia sido implantado no Brasil a pouco mais de 30 anos. O jornal A União dez anos antes já gloriava-se dizendo que

<sup>99</sup> Mesmo que os documentos estivessem em bom estado de conservação, a forma de impressão da época ainda deixava falhas e problemas de iluminação da imagem, não permitindo um detalhamento mais rigoroso.

<sup>100</sup> Uma das características do ensino republicano era a laicidade. "A doutrina cristã estava excluída deste programa" dado o seu caráter laico. Além disso ela deveria, segundo "homens esclarecidos do final do século XIX" ser "iluminada pelo espírito científico e não mais pelo literário" (Ibidem, p. 49). O Instituto Pedagógico sustentava a bandeira da laicidade como em um artigo publicado no segundo volume da Revista Evolução no ano de 1931 denominado *Escola Leiga* no qual se elogiava este "ensino livre no intuito conciliatório e educativo de formar as novas gerações sem aquelas reações próprias do antagonismo de credos hostilidades". É importante destacar o crescente número de protestantes na cidade durante os anos 20 e 30 que frequentariam os espaços pedagógicos da cidade dividindo lugar com a maioria católica.

“a Parahyba vai deixando a perder de vista a apathia dos tempos em que o seu povo se deixava ficar na mais geral indiferença pelas nobres tradições da patria e da Republica”<sup>101</sup>. Esta efervescência que veio a ter o novo regime sobre os intelectuais da época incentivou o uso de símbolos nacionais como alusão ao patriotismo, assim como fora com a instauração da república na França<sup>102</sup>. Recordemos ainda que o dono desta escola ostentava titulação de tenente, sendo os setores militares um dos maiores apoiadores do regime republicano e das demonstrações de civismo, estando estas diretamente relacionadas com a formação ética e moral da sociedade na época.

As escolas com inspiração republicana hasteavam a bandeira nacional como forma de pertencer a este novo regime, que era tão moderno à época. O lugar da bandeira era de destaque<sup>103</sup>, para permitir hasteamentos públicos em comemorações cívicas e destacar o caráter republicano daquela instituição<sup>104</sup>, era parte da composição frontal da escola. A escola exhibe, dessa forma, o sistema governamental a que pertence, expõe os seus ideais, procura chamar atenção aos valores da sociedade republicana, isso é parte de sua propaganda. Ela é uma personagem muito peculiar no teatro urbano, ela expressa, como instituição, aquilo que acredita para a sociedade.

Voltemos agora à composição da fachada do prédio. Um detalhe que é perceptível e parece justificável é que a porta desta escola, diferente das outras escolas projetadas desse período, não é em absoluto decorada. Tem aparência funcional e foi colocada de lado como se fosse para não atrapalhar o sistema de simetria da frente. Sobre a escada que a elevava do nível da rua, ela não passa de uma abertura à um beco onde estava a entrada principal do prédio. É interessante quando analisamos a forma da construção como tão rica e detalhada e um elemento

<sup>101</sup> EDUCAÇÃO CÍVICA, 21/02/1913, p.1.

<sup>102</sup> Logo após a Revolução Francesa, a expectativa republicana imprimiu na população certa paixão pelos símbolos nacionais afim que demonstrassem o pertencimento à pátria, movidos por esperança na possibilidade do regime republicano, na época tão aclamado pelos positivistas daquele país.

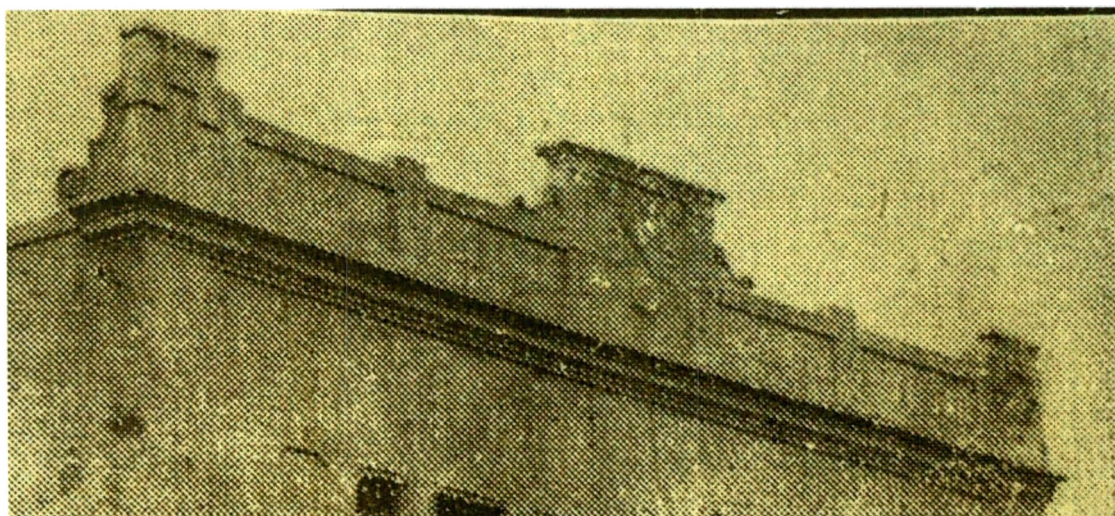
<sup>103</sup> Pode-se perceber a haste da bandeira do Grêmio de Instrução na Imagem 5, no destaque de número 1, entre as janelas da fachada.

<sup>104</sup> Quando Vivian Andrade comenta sobre os momentos cívicos no Instituto Pedagógico destaca o uso de simbologias, como a bandeira: “esse cantar diário dos hinários se somava, possivelmente, ao hasteamento das bandeiras, como um ritual que fazia parte do culto pátrio, tão exigidos pelas regulamentações.” (ANDRADE, 2014, p.189). Andrade cita (dos arquivos do Colégio) o relato de um ex-aluno (de nome Wanildo Ismael de Oliveira Tórres) que diz: “os ‘aprontos’ [para os momentos cívicos, como marcha] eram realizados à rua Barão do Abiaí, mas como o Lapa, tendo como “Quartel-general” o prédio do Internato, onde funcionou o Colégio antes de se mudar, em definitivo para à rua Marquês do Herval” (Ibidem).

essencial ao prédio não foi valorizado como se costumava fazer com o uso de elaborados frontões, folhas de madeira trabalhada, vidros, metais formando grades. A porta permanece lateralizada, contrastando sua simplicidade funcional com toda a frente ornamentada da construção.

Embora fosse simples sua porta, a testa de sua fachada encimava uma cimalha bem decorada, detalhada (Imagem 10). Por cima, nas formas simétricas predominantemente retangulares, fluíam poucos traços como arabescos arredondados, dando uma certa leveza ao conteúdo tão retilíneo do texto ali escrito. Àquele que saudosamente o projetou (podendo ser ele arquiteto ou não)<sup>105</sup> o equilíbrio de uma frente reta e racional e as primorosas formas arredondadas que se desenrolam sobre todo o elemento textual da frente acabou caminhando em direção ao Art Déco, de resolução modernista, e deu algumas fugas ao passado (ou presente dele) sustentando padrões da época.

**Imagem 10** – Detalhe da fachada do Instituto Pedagógico, Rua Barão do Abiaí.



Fonte: Revista Evolução (1931)

A ornamentação moderna e a cimalha produzem um contraste, uma informação que pouco se vê neste período. Digamos que o ecletismo persiste, e

<sup>105</sup> Nesta época não havia formações em arquitetura no Brasil, e a maioria dos profissionais se formavam no exterior. Devido a quantidade escassa de profissionais formados não se tinha uma regularidade sobre os que projetavam, podendo ter ou não formação como arquitetos. O curso de Arquitetura do Recife só foi fundado na década de 1940 e o de João Pessoa na década de 1960 (PEREIRA, 2008).

agrega os motivos modernos. Eles encenam juntos toda essa peça teatral, mas sem roubarem um a fala do outro. Ousadia do roteirista que foi desenvolvendo linhas circulares que trocassem a plena ordem do reto e permanecessem resplandecentes atraindo ambos, os círculos e os ângulos, a atenção do público espectador. Esta é uma escola moderna que emerge no grande teatro de nome Campina Grande.

### 3.3 – O primeiro Grupo Escolar de Campina Grande

Em meio a uma grande expectativa por parte dos poderes públicos e da população campinense, o ano de 1924 viu cair o Comércio Velho<sup>106</sup> para dar lugar a primeira escola pública de ensino primário da cidade. Fora construído o mais novo grupo escolar sob projeto de Hermenegildo Di Lascio, da firma Cunha e Di Lascio<sup>107</sup>, sediada em João Pessoa, com características que reforçam o caráter monumental da nova escola anteriormente mencionado. Era um estilo próprio a este arquiteto de origem italiana e formação argentina. Ele estava radicado em João Pessoa desde o ano de 1916, contratado para “atuar nas reformas urbanísticas empreendidas pelo governador Camilo de Holanda (1916-1920) na capital paraibana”<sup>108</sup> (PEREIRA, 2008, p.26).

Trabalhando em função do governo de Solon de Lucena, Hermenegildo deveria seguir uma série de pré-requisitos quanto a localização e a arquitetura da escola, pois os prédios escolares deveriam ser construídos, segundo relatório do diretor de instrução pública ao presidente do Estado publicado no Jornal O Educador:

a) em terreno sêcco e permeavel; b) numa area nunca inferior a 1.000m<sup>2</sup>; c) fóra do alinhamento das ruas; d) longe do ruido das officinas e dos centros muito movimentados; e) inteiramente livres de quaisquer outros edificios e de modo que os raios solares tangenciando a parte superior dos vãos das janellas e portas cheguem ao extremo opposto do piso; f) com um aparelho sanitario e um lavatorio pelo menos, para cada grupo de 30 alunos; g) expostos ao nascente; h) com elevação nunca inferior 0,60m e o piso perfeitamente impermeabilizado e livre de restas que concorra para o

<sup>106</sup> Tendo sido este adquirido pelo governo do estado em janeiro do mesmo ano (SILVA, 2009).

<sup>107</sup> Sociedade entre os arquitetos Avelino Cunha e Hermegildo Di Lascio, com sede na cidade de João Pessoa (até então Parahyba do Norte).

<sup>108</sup> Lá, em 1917, um de seus primeiros projetos ganhou vida, o prédio da Associação Comercial do Estado. Dois anos depois de projetar o Solon, em 1926, ele projetou o grandioso prédio da agência de Correios e Telégrafos, que possui muitas características semelhantes da escola em questão e ainda se encontra preservado no Centro Histórico da cidade de João Pessoa. No princípio eclético, seu estilo arquitetônico foi mudando aos poucos tornando-se radicalmente Art Déco.



accumulo de sugidades; i) com os cantos das paredes e alizares tanto inferiores como superiores arredondados; j) com distribuição de luz unilateral ou bilateral, neste caso a luz deve ser indirecta; l) com tres salas para as escolas isoladas, seis para as escolas reunidas e nove para os grupos, cada uma com capacidade para trinta alumnos; m) com janellas e caixilhos dispostos de forma que abertas aquellas não determinem perda de espaço interior; n) com material de lei; o) com um compartimento para a directoria e archivo; p) com area descoberta para o recreio; q) pintados de cores neutras, de preferencia azul ou verde claro; r) com fossa aseptica, nas localidades onde não hover esgottos". (PARAHYBA DO NORTE, 14/09/1921, p. 1 e 2)

Essas muitas exigências nos mostram o quanto era importante que o prédio estivesse dentro de padrões higiênicos, enfatizados no primeiro capítulo desta monografia. Com destaque ao ponto "r" era imprescindível que as crianças que ali estudariam estivessem distante de ambientes insalubres, para que não caísse a responsabilidade sobre a escola, e consequentemente sobre os poderes públicos, caso elas viessem a adoecer ou machucar-se ao brincar em lugares inapropriados, agravando ainda mais se assim ocorresse nas proximidades da escola. Diante disso, o local onde a escola seria construída foi escolhido, o espaço mais urbanizado de Campina Grande, no centro da cidade.

O projeto de Hermenegildo não tardou e em ser iniciado. No décimo segundo dia do mês de março daquele ano o Jornal A União já anunciava que o engenheiro munido de fotos já mostrava aos editores do jornal o quanto estava adiantada a obra que datava de apenas dois meses, sendo previsto a cobertura do teto em até trinta dias desde então. As características do prédio, em conformidade com o relatório acima citado já eram dadas a conhecer:

O grupo escolar mede 26m70 de frente por 36 metros de fundo, occupando o local em que se achava situado o antigo mercado, num dos ângulos da praça Floriano Peixoto. A distribuição de luz no edificio faz-se precisamente porque os seus flancos abrem para tres ruas diferentes. (EDIFÍCIOS ESCOLARES, 12/04/1924, p.1)

Em outubro o grupo foi inaugurado, no dia 12, mediante a presença do governador que o nomeou e do prefeito de Campina na época Ernani Lauritzen. A população esteve olhando aquele monumento à educação moderna de autoria de um consagrado poeta de concreto. Ali estava armado o palco, sobre uma das calçadas da Praça Floriano Peixoto, e aqueles que consumiam visualmente o ambiente da cidade, os espectadores citadinos, ali deixavam-se seduzir ou estranhar pela

grandeza do novo edifício escola. Era um prédio como nunca antes se vira em Campina Grande, estreava um novo ator no teatro da cidade. Não eram poucos aqueles que assistiam a sua estreia. No jornal A União é descrito que “Campina Grande apresentava um aspecto excepcional, pela grande affluencia de gente as sua[s] ruas, que a noite tiveram a ill[u]minação reforçada” (A INAUGURAÇÃO, 14/10/1924, p.2).

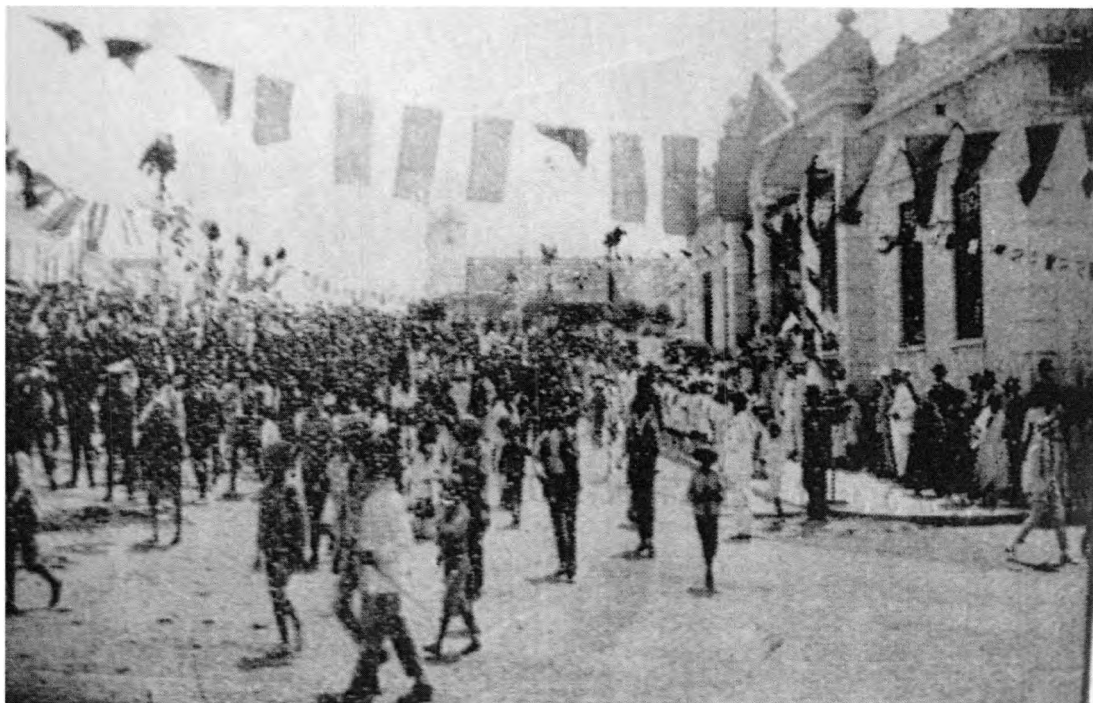
Quando fora relatar a inauguração do grupo escolar o Jornal A União cedeu traços arquitetônicos que nos serão úteis:

O Grupo Escolar, situado num dos pontos centraes da cidade, é um bello e amplo prédio, de construcção muito elegante e apositada. A sua fachada, ornamentada de altas columnas, foi alvo de um esmero todo especial do engenheiro constructor, apresentando aspecto agradável e suggestivo. O encarregado de sua edificação foi o architecto Hermenegildo Di Lascio, que demonstrou mais uma vez, os seus reconhecidos méritos profissionaes. O grupo compõe-se de dois pavilhões, um para cada sexo tendo seis amplas e [b]em illuminadas salas de classe. Nelle funcçãoarão três cadeiras primarias: do sexo feminino [...], e do sexo masculino [...]. O engenheiro Di Lascio construiu ainda uma cisterna para captação de águas das chuvas, com capacidade para 5.000 litros. (Op. cit., p.2).

A construção dos prédios escolares, sobretudo os de ordem do estado, deveriam apresentar “qualidades construtivas” (BUFFA; PINTO, 2002, p.45), assim como o relatório acima citado recomendava o uso de “material de lei”. Estas qualidades seriam a marca que a edificação deixaria nos olhos dos que a observavam das ruas, como atores bem produzidos, daqueles que acabam por tornar-se um só com a maquiagem que na pele expõem. A Rua Floriano Peixoto vestiu-se toda em festa, ficou lotada, toda coberta de bandeirolas que tremulavam sobre a agitação (Imagem 11). Ali muitos viram pela primeira vez aquele prédio que atravessou o século XX e chegou até nossos dias, muito distanciados da realidade de ali estudar ou matricular os seus filhos. A multidão que afluía aquela lugar, elites, populares, intelectuais, analfabetos, viam na escola significados distintos, mas a interpretação de um novo tempo era iminente. O primeiro grupo escolar que proporcionaria ensino primário gratuito às crianças campinenses estava tão belo quanto as expectativas que lhe foram atribuídas<sup>109</sup>.

<sup>109</sup> Assim consideramos tomando por base os adjetivos que estão expostos na reportagem.

**Imagem 11** – Inauguração do Grupo Escolar Solon de Lucena em 12 de Outubro de 1924.



Fonte: Revista Era Nova, 1924 apud SILVA, 2009.

Tal como um templo antigo, símbolo mais notável de beleza das sociedades greco-romanas, a escola possuía um vestibulo sustentado por altas colunas de capitéis simples e um grande frontão onde estava destacado o brasão do Estado. Uma forma do governo de então se mostrar, mesmo que sem palavras: “estou presente na concretização de mais esta façanha”. Ali ele estava simbolizado, dando sugestão aos que observavam que seu papel também era alfabetizar, e ele teria se importado com isso a ponto de proporcionar a existência daquele grupo escolar em Campina Grande.

O modelo clássico na arquitetura, como anteriormente falamos, é uma das marcas do arquiteto que projetou esta escola como se pode perceber em suas obras realizadas na capital. Embora seja uma obra que demonstre uma essência moderna, ela, assim como a própria modernidade, tende a se refugiar nos antigos. O modelo de educação tomando por base as escolas antigas foi amplamente valorizado quando os renascentistas tentavam obscurecer ao período medieval, nos âmbitos intelectual, social e cultural. Le Goff afirma que

mais precisamente, o fogo conceitual oculto pela oposição antigo/moderno transformou-se, quando, no Renascimento, 'antigo' passou a designar a Antiguidade greco-romana, uma antiguidade que os humanistas consideram um modelo a se imitar. [...] Foi no antigo que o Renascimento e o humanismo se apoiaram para fazer a 'modernidade' [...]. (LE GOFF, 2012, p.172).

É uma característica da escola arquitetônica a retomada de conceitos antigos baseados, seja nos templos, nos fóruns, nos anfiteatros, durante o século XVIII, era o chamado Neoclassicismo (BENEVOLO, 2009)<sup>110</sup>. A escola Neoclássica vai persistir conforme são aclamados os regimes da República e da Democracia advindos da antiguidade, de modo que no Brasil, recém república, podemos observar tais características. Quanto à educação, os liceus antigos, reconhecidos por esses autores e artistas neoclássicos como o modelo primordial de pedagogia, serão evocados. Argutamente a estética do grupo escolar Solon de Lucena proclama a valorização destes ideais, e, assim como diz Le Goff, proclama a modernidade retomando os valores dos antigos.

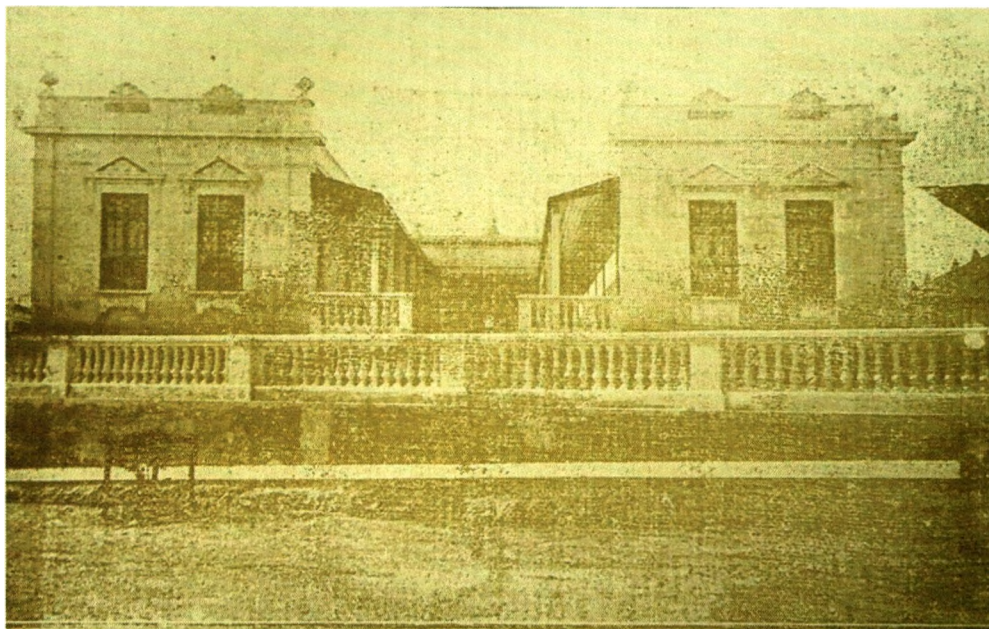
O Solon não só sugere estes valores antigos, mas caracteriza perfeitamente a cultura no seu tempo. Percebemos a divisão das alas por gênero, entre meninos e meninas o que era a cultura da época no ensino. Tal fato reforça a desconstrução ocasionada pelo Instituto Pedagógico ao promover entrada única e salas mistas. A divisão das alas era interna, depois da porta principal, onde estavam duas entradas distintas. A distinção das alas pode ser melhor constatada no ângulo posterior do edifício.

---

<sup>110</sup> O Neoclassicismo também enunciava o momento intelectual pelo qual passava a Europa nesta época, clamando valor não só a filosofia antiga, como aos regimes republicano romano e democrático grego. Para efeito de expressar estes ideais os edifícios governamentais aderiram estas características. Yves Bruand considera que "no Brasil, costuma-se englobar sob rótulo 'neoclássico' todos os edifícios onde se pode notar o emprego de um vocabulário arquitetônico cuja origem distante remonta à Antiguidade greco-romana." (BRUAND, 1981, p.33). Ainda segundo o autor, este tipo de apropriação não passa de um ecletismo.



**Imagem 12** – Vista da parte de trás do Grupo Escolar Solon de Lucena a partir da Rua Afonso Campos. Vê-se claramente como se dava a divisão por alas e gênero dos alunos. Destaca-se o jardim central como recurso arquitetônico divisor.



Fonte: Revista Evolução (1931).

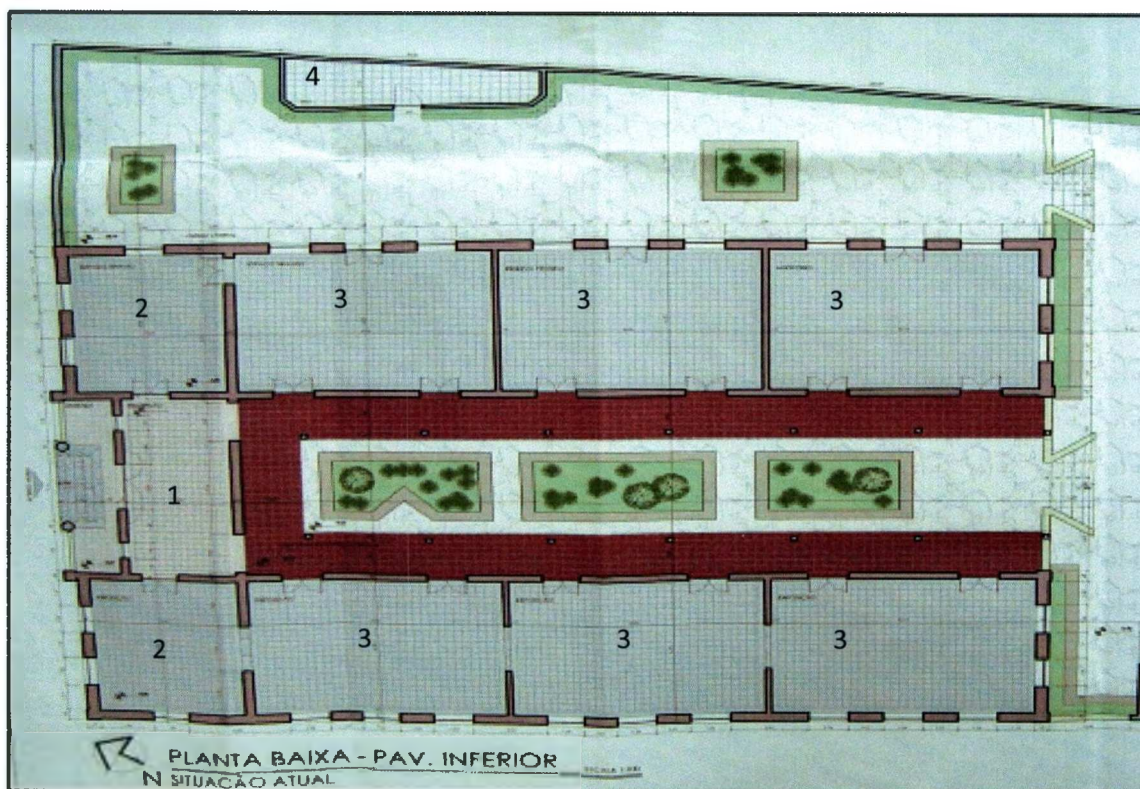
Em formato de U<sup>111</sup> a escola tinha um padrão perfeitamente simétrico em sua planta interna. Para Buffa e Pinto a simetria era uma das principais características do “estilo classicizante” e garantiu “em todos os projetos dos grupos escolares, a perfeita divisão entre a ala masculina e feminina” (Op. cit., p.47). Sua estrutura era constituída por um hall de entrada (1) em comum, e as duas alas se dividiam a partir da parede paralela a porta de entrada. De um lado os meninos, do outro as meninas<sup>112</sup>, assim eles passavam por entre aberturas arqueadas vizinhas das salas administrativas, cujas portas ficavam ali no hall de entrada (2). Assim o prédio tinha duas salas administrativas e seis salas de aula (3), sendo três de cada lado, além do banheiro que estava fora das dependências do prédio principal. Tais características

<sup>111</sup> “As plantas desses edifícios escolares são em geral, em forma de ‘L’ ou ‘U’, agrupando os conjuntos de salas de aula, administração e auditório. A área de ensino constitui o volume principal [...]” (KOWALTOWSKI, 2011, p.87). Os grupos escolares seguiam padrões de arquitetura interna, também porque os modelos da Paraíba foram inspirados nos já construídos em outros estados até então.

<sup>112</sup> Usando para esta afirmação a citação acima colocada que considerava as cadeiras separadas por sexo (A INAUGURAÇÃO, 1924, p.2). Não desconsideramos que ali também era realizadas atividades mistas como no Anuário é explicitado: “Nos 6 salões funcionam 3 cadeiras: uma mixta, uma do sexo masculino e outra do sexo feminino.” (ANUÁRIO, 1925, p.50)

podemos perceber em sua planta atual utilizada para efeito de tombamento do prédio pelo IPHAEP<sup>113</sup>.

**Imagem 13** – Planta atual<sup>114</sup> do prédio do Grupo Escolar Solon de Lucena, conservando características originais perceptíveis como a simetria da planta.



Fonte: NEGRÃO, 2008 apud SILVA, 2009.

O Anuário da cidade de 1925 descreve que o grupo funcionava, então, num belo e confortável edifício, “com 6 salões, duas grandes áreas para recreio, uma sala onde está instalado o gabinete da directoria e outra destinada á secretaria” (ANUÁRIO, 1925, p.50) conforme citarmos anteriormente e como pode ser visto em sua planta. O anuário ainda acrescenta que cada salão comportava rigorosamente 40 alunos, assim passando da exigência do relatório que dizia terem as salas que ter 30 alunos.

<sup>113</sup> Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba. O prédio da escola se encontra tombado por este órgão desde 23 de dezembro de 1997. É o único prédio desta pesquisa que ainda se encontra em pé, tendo sido os outros dois prédios, pertencentes ao atual Colégio Alfredo Dantas, demolidos.

<sup>114</sup> A planta original não foi por nós encontrada de modo que nossa alternativa foi o uso da planta atual que mantém características originais.



Mais algumas coisas a escola não cumpre conforme esta regulamentação. Ali mandando ser construída a escola “longe do ruído das oficinas e dos centros muito movimentados”, ela foi posta contraditoriamente a poucos metros da feira da cidade que funcionava na Rua Maciel Pinheiro. Àquele lugar muitas pessoas afluíam. Mesmo fora dos dias de feira outras instituições públicas dali estavam próximas e também traziam a movimentação de pessoas para próximo da escola. É o caso da Igreja Matriz e do Paço Municipal que se encontravam no mesmo quarteirão atraindo também a circulação de seus frequentadores. O Cine Fox<sup>115</sup> se encontrava perpendicularmente a localidade do grupo escolar e, por sua vez concentrava um público considerável em certos momentos do cotidiano campinense.

Uma coisa há de se relevar nesta nossa análise: os usuários do espaço escolar não poderiam ali dispor de silêncio e tranquilidade para realização das aulas sempre que queriam. Ainda reforçamos isso pelo fato de que as salas de aula de seu pavilhão esquerdo<sup>116</sup> tinham janelas diretamente voltadas para a rua. Aproveitando a deixa, consideremos novamente as janelas, que não eram poucas, e neste quesito preenchiam regularmente a exigência do relatório. Funcionalmente elas podiam ser melhor aproveitadas pelo fato do prédio apresentar-se inteiramente livre, permitindo a entrada de raios solares por ambos os lados<sup>117</sup>. O requisito ainda dizia que os raios solares, “tangenciando a parte superior dos vãos das janelas e portas” deveriam chegar “ao extremo oposto do piso”. Para isso era essencial que a janela tivesse partes de vidro, permitindo a iluminação necessária ainda que fechada. Assim elas o tinham na parte superior, e a parte inferior é de madeira ao modelo de veneziana permitindo regular entrada de ar dentro dos ambientes tanto quanto luz. Relembremos o artigo “Escola Nova” da Revista Evolução (LIMA, 1932) trabalhado no primeiro capítulo, onde, numa das salas do Grupo Escolar Solon de Lucena, o conteúdo sobre a aula da professora Ana Leiros, a luz, foi tratada a partir do uso da janela da sala de aula. A presença de portas também configura um importante meio de iluminação e circulação de ar. As salas do pavilhão avizinado ao jardim externo possuíam até três portas, sendo estas voltadas tanto para o jardim interno quanto o externo, além das janelas que todas as classes dispunham.

<sup>115</sup> O Cine Fox estava localizado na Rua Maciel Pinheiro. Foi fundado em 1918 durando cerca de 15 anos, veio a fechar em 1933. Era principal rival do Cine Apolo que estava localizado na mesma rua.

<sup>116</sup> Adotamos a perspectiva de quem observa o colégio por trás como na Imagem 12.

<sup>117</sup> “A seleção do terreno para a construção do edifício escolar era criteriosa: quadras inteiras ou grandes lotes de esquina que proporcionassem uma visualização completa do edifício e permitissem múltiplos acessos.” (BUFFA; PINTO, Ibid., p.44).

**Imagem 14** – Perspectiva do jardim externo<sup>118</sup> do prédio do grupo escolar Solon de Lucena.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Conforme demonstrado pelas imagens 14 e 12 todas as janelas do prédio são voltadas para o lado externo e encimadas por frontões seguindo o modelo neoclássico de sua arquitetura. A estética é primorosamente ornada mesmo quando se trata do banheiro (Imagem 15). Este está estrategicamente localizado fora do prédio. Assim teria sido por alguns fatores que iremos apresentar.

<sup>118</sup> O Jardim foi assim configurado posteriormente ao seu uso como grupo escolar, ganhando ao longo do tempo características como o calçamento em pedra e os canteiros. O prédio sediou a escola por trinta e dois anos, entre os anos de 1924 e 1956. Depois foi cedido ao município para abrigar a Escola Politécnica (futura UFCG), sendo posteriormente entregue a FURNE (Fundação Universidade Regional do Nordeste) que fora transformada em UEPB. O prédio se tornou reitoria da referida universidade até esta ser transferida para outro campus. Atualmente ele pertence à FURNE (agora uma instituição privada), sediando o Museu de Artes Assis Chateaubriand. O local de funcionamento do Museu é no pavilhão esquerdo. Vê-se na planta da Imagem 13 que esta ala atualmente é toda aberta, possuindo as paredes internas demolidas em função da exposição do museu.

**Imagem 15** – Estrutura que serviu de banheiro para o Grupo Escolar Solon de Lucena no jardim localizado ao lado direito do prédio.



Fonte: Arquivo pessoal da autora.

Primeiro pelo fator salubridade. Como anteriormente ressaltado, era importante que o ambiente da escola conservasse o asseio necessário ao conforto dos sujeitos escolarizados que ali estavam. O mau cheiro ocasionado pelos sanitários poderia possuir o ambiente do prédio, tornando quase impossível que se mantivessem sendo realizadas as aulas. O sistema de descarga dos primeiros modelos de sanitário dispunha de uma tecnologia manual bem primitiva, podendo enguiçar mais facilmente e não permitir que se vazassem os dejetos que ali estavam<sup>119</sup>.

Em segundo coloquemos o valor estético. O espaço do banheiro embutido no prédio principal poderia comprometer a simetria e a ordem visual, ainda mais se fosse concordar com os fatores relacionados a asseidade do prédio acima citados. É importante destacar que mesmo que o banheiro ficasse nas dependências da escola era um lugar desmembrado de seu corpo estrutural, cumprindo a função de existir ali como um apêndice. A cisterna que ali existia, com capacidade para 5.000 litros, como consta no Jornal A União (no artigo sobre a inauguração da escola), também poderia estar relacionada com o suprimento de água para o uso deste, posto que Campina Grande não tinha água encanada até o ano de 1927<sup>120</sup>.

<sup>119</sup> Recordemos como Stefan Zweig, citado no primeiro tópico do capítulo anterior, afirma que no Liceu onde estudara as privadas exalavam mau cheiro por todo o prédio.

<sup>120</sup> Ano em que fora inaugurado o primeiro sistema de abastecimento de água na cidade vindo por gravidade da adutora de Puxinanã (SOUZA, 2013).

Os espaços recreativos da escola, como já foram citados eram dois, aos quais identificamos como jardim externo (da lateral direita onde estava o banheiro) e jardim interno (entre os dois pavilhões). A arquitetura escolar do século XIX, que deixará herança aos projetos do século XX, será marcada por duas tendências dialéticas. De um lado, o desejo de controle e disciplina por espaços bem determinados, a exemplo da simetria, e de outro lado, as influências das teorias pedagógicas, que valorizavam mais a criatividade favorecendo o aparecimento de ambientes de recreação na arquitetura das escolas (KOWALTOWSKI, 2011). Assim veremos essas duas características no Grupo Escolar Solon de Lucena.

O pátio interno assumia a função semelhante ao corredor que analisamos no Instituto Pedagógico da Rua Marquês do Herval. Cumprindo a exigência de área descoberta para o recreio ele configurava um ótimo lugar para observação de fluxo por parte dos inspetores e funcionários da escola. Tinha formato semelhante ao peristilo, cercado pelas colunas dos alpendres laterais para onde davam todas as salas de aula. Esta formatação promove uma área que poderia ser utilizada para atividades externas, bem como para organização de filas, educação física, execuções cívicas, como o canto do hino nacional.

O segundo pátio, mais exposto, era separado da Floriano Peixoto por um muro ornado por balaústres na parte superior que ficava ao lado da fachada do edifício, era naquele segundo pátio onde estava o banheiro e todas as salas ao lado tinham portas que para ali se abriam. Como pode ser observado na Imagem 12 ambos os pátios podiam ser vistos pela Rua Afonso Campos, em função da divisão baixa com relação à rua e também a divisão era ornada em balaústres permitindo brechas para observadores. Ali, em alguns momentos, ocorria um breve teatro educativo aos passantes, quando os alunos vivenciavam os usos daqueles espaços para práticas pedagógicas.

A não construção de um muro que cercasse toda a escola, assim como era feito nos grupos escolares do período pode ter sido ou por falta de espaço ou para aproximar a escola do ambiente da cidade (SILVA, 2009). Os dois pátios consistiam em amplas áreas recreativas para as crianças e onde os sujeitos ali escolarizados poderiam relacionar-se. Desde o professor, o aluno, o bedel, os demais funcionários, os níveis hierárquicos, eram mantidos, porém dialogavam na informalidade do ar livre, diferente do ambiente da sala de aula, onde há a submissão diante do mestre pelo simples fato de sentar enquanto aquele permanece em pé. O ambiente da escola e



sua vivacidade eram observados pelos transeuntes. A educação era um espetáculo para o qual se abriam as cortinas da cidade moderna.

### **3.4 – Considerações**

Diante destas coisas ditas, podemos demonstrar o porquê a cidade tornou-se um grande teatro a céu aberto. As escolas novas que emergiam no turbilhão campinense afirmavam consigo novos tempos para a cidade. Se o povo era ensinado, era possível uma renovação social que negasse o retrógrado analfabeto segundo o discurso oficial. A educação, mesmo que dos corpos infantis traziam consigo novas práticas de ser moderno.

Os eventos deste capítulo, como anteriormente frisamos, ocorrerão pouco mais de dez anos antes da grande reforma urbana que Campina vivenciara modificando quase todo o seu centro. O ator moderno passava a ensaiar seus textos, decorá-los, aprendê-los, depois recitá-los, interpretá-los diante do ruir das coisas antigas. Novas formas de se fazer escola foram apresentadas ao público campinense de modo que as práticas antigas foram ressignificadas, reformadas. O Grêmio virou Instituto diante destas transformações, o que nos faz afirmar que elas eram sutis, mas existiam e reivindicavam mais e mais mudanças.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando olhamos quem eram os do passado e como esses homens e mulheres da história conviviam e construíam seus laços, bem como também eram construídos a partir de suas vivências em sociedade, podemos refletir quem somos no presente. Nesse movimento comparativo, despojando-nos de qualquer julgamento, percebemos que a história pode ser mais paixão e sensibilidade do que propriamente ciência. História é descobrir e ser descoberto, conhecer o outro para conhecer a si mesmo. Perceber os pontos de ruptura, perceber as linhas que bordam as continuidades.

Parte da construção do historiador se dá no momento em que ele é impelido a pesquisar, inquirir sua posição na sociedade, ou mesmo localizar seu lugar de fala e ressignificar os condicionamentos aos quais ele está sujeito. Este movimento é dado ou pela curiosidade ou pela necessidade de esclarecimentos que não são promovidos pelo conhecimento adquirido no cotidiano que vivenciamos, ou mesmo nas salas de aula da academia que frequentamos. Esse movimento de inquietação, que proporciona o desenvolver da pesquisa histórica, nos faz, enquanto pesquisadores, não só meros cientistas, mas aprendizes movidos pela paixão de conhecer o passado. Através de nossas sensibilidades, levamos ao passado nossos questionamentos elaborados dentro de nossas próprias experiências de apreensão do mundo que nos cerca.

Diante destas inquietações, quando nos propomos a pesquisar sobre arquitetura escolar na cidade de Campina Grande entre 1924 a 1932 sabíamos que o caminho seria longo, porque não se limitava somente a uma mera análise da estrutura de edifícios, mas envolvia toda uma rede de articulações. Seja a intenção de construir o prédio, sua finalidade, os princípios arquitetônicos que ele segue, dentre mais aspectos que estão envolvidos e se apresentam como de grande importância para o desenvolvimento deste estudo.

Entre arquivos históricos, visitas in loco, entre as folhas amareladas dos periódicos, pelas fotografias de campinenses de outros tempos vimos surgir as tramas por trás de edifícios, transformando-os em projeções vivas do contexto social em que apareceram. A relação da produção arquitetônica e da sociedade no qual ela foi produzida é mais estreita do que pensávamos, e pudemos ir comprovando



esse fato ao longo de toda pesquisa. No entanto não poderíamos estudar o espaço puramente sem nos referirmos ao que está por trás de sua concepção e de seus usos. São nesses aspectos que estão inscritos os pormenores daquele momento histórico, dos campina grandenses de então, das elites e dos populares. Buscamos realizar este exercício, atrás destas referidas sutilezas.

A escolha de partir do pressuposto de que o homem digere o espaço primeiro foi-nos um exercício pessoal. Se íamos falar sobre o poder que o espaço exerce sobre as sensibilidades dos sujeitos escolarizados ou não, assim tivemos que proceder para além da fala dos teóricos, procurando perceber se aquilo persistia de fato em nossa memória empírica como experiência. Não poderíamos estudar o porquê da concepção de uma escola ter sido realizada de determinado modo se não entendêssemos o que ela buscava, considerando que seu ambiente educa, considerando como a educação do espaço ocorre simultaneamente à educação vivenciada em uma aula.

Percebemos ao longo de nossas buscas que o espaço e os que o projetam procuram imprimir sinais de quem ordena e de quem se submete, propondo que o homem interprete aquilo e assim proceda. Pudemos, então, atribuir a qualidade de divisível ao homem, pois, como anteriormente frisamos, este não é indivíduo, ele é composto de várias partes, é um digestor, ele pratica efetivamente uma subjetivação, independente se falara sobre isso Guattari<sup>121</sup> ou não. Se o ambiente projetado para o sujeito sugere que ele interprete o espaço que deve ocupar ali, significa que o sujeito interage com o espaço mesmo sem dizer uma só palavra. Aqueles que projetam estes lugares sabem deste fato e o exploram. Não vimos deste modo o homem sujeito como dominado, mas como aberto a receber o que a sua subjetivação cativava através da vivência de um determinado lugar.

Assim observamos, seja pela nossa própria experiência, seja pela experiência de Stefan Zweig<sup>122</sup>, que o espaço exerce um papel importante na formação escolar, de modo que ele foi pensado nas características mais sutis pelos que passaram a projetar o ambiente da escola. Trouxemos essa consideração efetivamente para nossa pesquisa. Assim pensa Michel Foucault<sup>123</sup>, quando apresenta na formatação arquitetônica possibilidades de controle, expondo as intencionalidades que estão por

<sup>121</sup> Referimos-nos ao conceito “práticas de subjetivação”, atribuído a Felix Guattari, melhor descrito no primeiro capítulo desta monografia.

<sup>122</sup> Presente no segundo capítulo, no tópico 2.1.

<sup>123</sup> Conforme citado no tópico 2.3.1 do capítulo 2.

trás do concreto, sistemas que condicionam os caminhos a serem seguidos pelas edificações. A vigilância não está somente na fala de Foucault, também a encontramos nas fontes, atribuindo aos espaços da escola funções de podamento.

Muito falamos como no contexto da cidade de Campina Grande a modernidade passou a exercer um espaço de representação muito forte nas primeiras décadas do século XX. Os intelectuais da cidade, que possuíam colunas nos periódicos locais expunham seus pensamentos como desejando formar novas práticas baseadas nos modelos de comportamento de civilidade. Ali eles expunham o que tanto discutiam entre si e com os demais cidadãos. Modernidade passou a ser sinônimo de um novo tempo, e ela também tinha uma vertente estreitamente ligada ao ensino, uma nova pedagogia. Quando nos deparamos com este cenário dentro das folhas amareladas dos jornais e revistas comprovávamos a cada texto o que supomos quando iniciamos a pesquisa, que os discursos foram um dos principais fatores que compunham a forma arquitetural do edifício tanto quanto os tijolos.

A representatividade dos espaços modernos dentre as ruas de Campina ganhavam novas proporções. Era importante que as escolas mostrassem que se utilizavam da nova pedagogia, de novos métodos em detrimento dos arcaicos sistemas de Primeiras Letras onde não se tinha uma organização de tempo e o espaço era, em geral, inadequado. Se a cidade caminhava para o moderno, assim o ensino ia junto. Personagens como o Grupo Escolar Solon de Lucena e o prédio do Instituto Pedagógico (Barão do Abiaí), surgiam como resposta aos desejos dos tais intelectuais, que já haviam dado a conhecer à sociedade suas ambições para um futuro. Eles concretizavam o que pudemos perceber nos anseios das elites locais pela educação devida a uma cidade que apresentava um desenvolvimento progressivo, já se destacava no interior do estado.

Uma das formas mais evidentes de se perceber como as falas dos intelectuais estavam nos ambientes escolarizados é através do que era produzido pelos que ali compunham seus corpos docente e discente. Àquilo que encontramos nos periódicos escolares, sejam artigos, poesias, fotografias, podemos nomear como verdadeiras odes aos tempos modernos. O interessante fora perceber como a fala do professor se reproduzia na fala do aluno, assim como está nas produções escritas pelos discentes, mostrando que estavam sendo aprendidas e propagadas novas práticas.

O comportamento do homem moderno deveria ser civilizado, higiênico, salubre, cordato, e envolvendo esses adjetivos um dos principais: amante da sua pátria, dentro dos valores republicanos. A arquitetura escolar projetara ambientes que contivessem estas características para ensinar tanto quanto as aulas, posto que não adiantaria os professores falarem sobre o asseio individual e o espaço da escola ser sujo. A escola deveria estar em um ambiente adequado, com a estética bem trabalhada e limpa, sugerindo ordem, e permitir aos seus alunos espaços onde pudessem manifestar os valores cívicos republicanos.

Por tudo o que pudemos consultar já nos fica evidente como a arquitetura das escolas propuseram valores culturais da época em que emergiram sobre as ruas, de modo que em Campina Grande as contribuições da educação para crescimento qualitativo da sociedade eram evocados. A conquista de um grupo escolar como o Solon de Lucena, que fora comemorada até mesmo por instituições privadas como o Instituto Pedagógico, cumpria papel de ser símbolo do desenvolvimento econômico, intelectual e social de Campina Grande.

Aquela cidade do interior da Paraíba recebia do governo do estado o status de merecedora de um ensino público para formação dos futuros campinenses. Assim, este mesmo governo, movido pela representatividade simbólica, imprimiu na testa do grupo escolar que, aquele tão primoroso prédio, arquitetado por um personagem de renome era de sua autoria e concepção. Os efeitos promovidos pelos precursores destes novos modelos educacionais inclusive implicaram na reformulação daquele que era tido como alegoria mais antiga de educação na cidade, o prédio do Grêmio de Instrução.

No percorrer da escrita dessa monografia procuramos sentir essas subjetividades e tentar absorvê-las, procuramos nos colocar no lugar do alunado das instituições educativas para percebermos como os seus corpos discente e docente lidavam com o poder em sua estrutura espacial e em sua invisibilidade. Pensar sensivelmente na percepção do outro leva-nos à compreensão da situação de aprendizado que os alunos estavam submetidos bem como o ambiente de trabalho que estava à disposição do professor e qual a implicância deste profissional na sociedade da época.

Algo ainda nos chamara atenção diante de tudo o que pudemos estudar. O processo de modernização do ensino e da cidade, responsável pelas grandes mudanças que embasaram o corpo da pesquisa aqui apresentada, não parara pela

década de 1930, sendo progressivamente alterado e precisando de novos espaços. Deste modo, aqueles que foram prédios modernos simbolizando uma educação visionária tornaram obsoletos, adquiriram novas funções ou foram substituídos. Sobre o edifício da Rua Barão do Abiaí nem mesmo existem evidências preservadas do lugar onde ele estivera naquela rua, e esta hoje basicamente, consistindo num movimentado fluxo comercial, percorre seu caminho até, ironicamente culminar na Praça Tenente Alfredo Dantas, ali acabando seu curto percurso.

O Grêmio, que fora Instituto Pedagógico, depois Ginásio Alfredo Dantas e agora Colégio Alfredo Dantas, ainda funciona no mesmo logradouro na antiga Rua dos Armazéns, entretanto o prédio tão reformulado cederá aos novos usos da pedagogia sendo completamente demolido na década de 1970. Em seu lugar passou a figurar sobre a Rua Marquês do Herval um prédio azulejado onde, na marquise de concreto que se projeta sobre a calçada apoiada por colunas, há sustentada ainda a imagem dos dois leões, da arquitetura original do Grêmio. Esses leões também tornaram-se símbolos da instituição, figurando em sua logomarca atual.

Por fim, o único que ainda persiste em pé ao tempo, embora tenham-se realizado modificações em sua estrutura interna é o prédio do Grupo Escolar Solon de Lucena. A escola ainda existe sob a designação de Escola Estadual Solon de Lucena mas fora transferida do prédio em questão para outro construído nas imediações do centro da cidade no ano de 1961, comportando maior demanda de alunos quantitativamente. Hoje o prédio é patrimônio histórico da cidade tombado pelo IPHAEP em 1997, e é sede da FURNE, funcionando também como Museu de Artes Assis Chateaubriand e escola de artes. Apesar de passados os anos e os novos conceitos arquitetônicos terem ganho espaço em seu entorno ele apresenta a imponência que lhe fora atribuída quando de sua concepção, sendo um símbolo do momento que aqui falamos, da modificação das práticas educativas em Campina Grande no início do século XX.

## REFERÊNCIAS

- AGRA, Giscard F. *A urbs doente medicada: a higiene construindo Campina G(g)rande, 1877 a 1935*. In: **Anais do XXIV Simpósio Nacional de História**. Associação Nacional de História (ANPUH), 2007. p. 1-10. Disponível em: <<http://snh2007.anpuh.org/resources/content/anais/Giscard%20Farias%20Agra.pdf>>. Acesso em agosto de 2016.
- AGIER, Michel. **Antropologia da Cidade** – lugares, situações, movimentos. Terceiro Nome, São Paulo, 2011.
- A INAUGURAÇÃO do Grupo Escolar de Campina Grande: as brilhantes festas realizadas naquela cidade*. In: **Jornal A União**, Parahyba do Norte, p.2. 14/10/1924.
- ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. *De armazém à campo cultivável: a instrução e a formação como diferentes formas de aprendizagem e como diferentes relações com o saber e com a leitura, produzindo subjetividade e sujeitos outros*. In: **Revista Línguas & Letras**, Cascavel, v. 6, nº 10, p.249-271, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Por um ensino que deforme**: o docente na pós-modernidade. (S/A). Disponível em: <<http://www.cnslnpb.com.br/arquivosdoc/MATPROF.pdf>>. Acesso em 22 de julho de 2016.
- ALMEIDA, Antônio de. *Higiene Moderna: essencial factor do progresso humano*. In: **Revista Evolução**. Ano 1, v.1, 1931.
- ALMEIDA, Elpídio de. **História de Campina Grande**. Epgraf – Campina Grande, 1993.
- AMORA, Antônio Soares. **Minidicionário Soares Amora da língua portuguesa**. 6ª edição. Editora Saraiva – São Paulo, 1999.
- ANDRADE. Vivian Galdino de. **Alfabetizando os “filhos da Rainha” para a Civilidade/Modernidade**: o Instituto Pedagógico em Campina Grande - PB (1919-1942). 22/08/2014. 302 páginas. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal da Paraíba (UFPB). João Pessoa - PB.
- ANUÁRIO de Campina Grande**. Ano 1, v.1. Gráfica Jornal do Commercio, Recife – PE, 1925.
- ARANHA, Gervácio Batista. *Seduções do Moderno na Parahyba do Norte: Trem de Ferro, Luz Elétrica e outras conquistas materiais e simbólicas (1880 – 1925)*. In: AGRA

- DO Ó, Alarcon et al. **A Paraíba no Império e na República: Estudos de História Social e Cultural**. 2ª edição. Ideia. João Pessoa, 2005.
- ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2ª edição. LTC, Rio de Janeiro, 1981.
- ARANHA, Maria Lucia de Arruda. **História da Educação e da Pedagogia**. 3ª edição. Moderna, São Paulo, 2006.
- AUGUSTO, Maria Helena O. Gonçalves. **A regulação das políticas educacionais em Minas Gerais e a obrigação de resultados: o desafio da Inspeção Escolar**. 10/11/2010. 279 páginas. Tese de Doutorado. FAE – UFMG. Belo Horizonte – MG, 2010. Disponível em: <[http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUOS-8DAMLM/tese\\_\\_\\_maria\\_helena\\_oliveira\\_gon\\_alves\\_augusto.pdf?sequence=1](http://www.bibliotecadigital.ufmg.br/dspace/bitstream/handle/1843/BUOS-8DAMLM/tese___maria_helena_oliveira_gon_alves_augusto.pdf?sequence=1)>. Acesso em: 19 de setembro de 2016.
- BACELLAR, Carlos. **Uso e mau uso dos arquivos**. In: BASSANEZI, Carla Pinsky. (org). **Fontes Históricas**. Contexto, São Paulo, 2005.
- BENEVOLO, Leonardo. **História da Arquitetura Moderna**. Perspectiva, São Paulo, 2009.
- BERMAN, Marshall. **Tudo o que é sólido se desmancha no ar**. Tradução de Carlos Felipe Moisés. Companhia das Letras, São Paulo. 1986.
- BONDÍA, Jorge Larrosa. *Notas sobre a experiência e o saber de experiência*. In: **Revista Brasileira da Educação**, n. 19, Janeiro a Abril, Rio de Janeiro: ANPED, 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>> Acesso em 1º de agosto de 2016.
- BRUAND, Yves. **Arquitetura Contemporânea no Brasil**. Perspectiva – São Paulo, 1981.
- BUFFA, Ester; PINTO, Gelson A. **Arquitetura e Educação: organização do espaço e propostas pedagógicas dos grupos escolares paulistas, 1893-1971**. São Carlos: Brasília: EdUFSCar, INEP, 2002.
- CABRAL FILHO, Severino. **A cidade revelada: Campina Grande em Imagens e História**. EDUFPG, Campina Grande – PB, 2009.
- CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. Tradução de Álvaro Lorencini. Fundação Editora da UNESP (FEU), São Paulo, 1999.

CERTEAU, Michel de. et al. **A invenção do cotidiano, 2.** Morar, cozinhar. Tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. Editora Vozes, Petrópolis – RJ, 1996.

COULANGES, Fustel de. **A Cidade Antiga:** estudos sobre o culto, o direito e as instituições da Grécia e de Roma. Tradução de Edson Bini. 4ª edição. EDIPRO, São Paulo/Bauru, 2009.

*EDIFÍCIOS ESCOLARES do interior.* In: **Jornal A União**, Parahyba do Norte, p.1. 12/04/1924.

*EDUCAÇÃO CÍVICA.* In: **Jornal A União**, Parahyba do Norte, p.1. 21/02/1913.

EDWARDS, Elisabeth. *Antropologia e Fotografia.* In: **Cadernos de Antropologia e Imagem.** Vol. 2 – A Cidade em Imagens. NAI/UERJ, Rio de Janeiro, 1996.

ELIAS, Norbert. **O Processo Civilizador**, vol. 1. Tradução Ruy Jungmann. 2ª Ed. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1994.

\_\_\_\_\_. **O Processo Civilizador**, vol. 2. Tradução Ruy Jungmann. Jorge Zahar Editor, Rio de Janeiro, 1993.

*ESCOLA LEIGA.* In: **Revista Evolução.** Ano.1, v.2, 1931.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber.** Forense, Rio de Janeiro. 1986.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir:** nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. 42ª edição. Editora Vozes, Petrópolis – RJ, 2014.

FRAGO, Antonio Viñao; ESCOLANO, Agustín. **Currículo, espaço e subjetividade:** a arquitetura como programa. Tradução Alfredo Veiga-Neto. 2ª edição, DP&A Editorial. Rio de Janeiro, 2001.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. *A palmatória era a sua vara de condão: práticas escolares na Paraíba (1890-1920).* In: MENDES DE FILHO, Luciano (org.). **Modos de ler/formas de escrever:** estudos de história da leitura e da escrita no Brasil. Autêntica. Belo Horizonte – MG, 1998. p.117 a 142.

GAUDÊNCIO, Bruno Rafael de Albuquerque. **Memórias escolares em Campina Grande (1907-1957).** Disponível em:

<[http://www.anpuhpb.org/anais\\_xiii\\_eeph/textos/ST%2011%20-%20Bruno%20Rafael%20de%20Albuquerque%20Gaud%C3%A2ncio%20TB.PDF](http://www.anpuhpb.org/anais_xiii_eeph/textos/ST%2011%20-%20Bruno%20Rafael%20de%20Albuquerque%20Gaud%C3%A2ncio%20TB.PDF)>.

Acesso em 1º de setembro de 2016.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica:** Cartografias do Desejo. Petrópolis: Vozes, 1999.

- GUATTARI, Félix. **Caosmose**: um novo paradigma estético. Tradução de Ana Lúcia de Oliveira e Lúcia Cláudia Leão. Edições 34, Rio de Janeiro, 1992.
- GUTEMBERG, Fabio. *Campina Grande: cartografias de uma reforma urbana no Nordeste do Brasil (1930-1945)*. In: **Revista Brasileira de História**. vol. 23, n.46. São Paulo, 2003.
- HERSCHMANN, Micael M.; PEREIRA, Carlos A. M. *O imaginário moderno no Brasil*. In: HERSCHMANN, Micael M.; PEREIRA, Carlos A. M. (Orgs.). **A invenção do Brasil moderno**: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30. Rocco, Rio de Janeiro, 1994.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de S.; FRANCO, Francisco M. M. **Dicionário Houaiss de Sinônimos e Antônimos**. Editora Objetiva – Rio de Janeiro, 2003.
- INSTITUTO PEDAGÓGICO. In: **Revista Evolução**. Ano 1, v.1, 1931.
- JULIA, Dominique. *A cultura escolar como objeto histórico*. In: **Revista Brasileira de História da Educação**. Editora Autores Associados, nº 1, p. 9 – 43, Jan./Jun. Campinas – SP, 2001.
- KOWALTOWSKI, Doris. **Arquitetura Escolar**: o projeto do ambiente de ensino. Oficina de Textos, São Paulo, 2001.
- LACERDA JÚNIOR, Jônatas Araújo de. **Retratos de Campina Grande**: um século em imagens urbanas. EDUFPG, Campina Grande, 2012.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução de Bernardo Leitão (et al.). 6ª edição. Editora da Unicamp, Campinas – SP, 2012.
- LIMA, Alves. *Escola Nova*. In: **Revista Evolução**. Ano 1, v.8 e 9, 1932.
- LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de. *Fotografia: Usos sociais e historiográficos*. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.
- NUNES, Clarice. *A escola reinventa a cidade*. In: HERSCHMANN, Micael M.; PEREIRA, Carlos A. M. (Orgs.). **A invenção do Brasil moderno**: medicina, educação e engenharia nos anos 20-30. Rocco, Rio de Janeiro, 1994.
- PARAHYBA DO NORTE, Estado da. *Relatório apresentado ao exmo. sr. dr. Solon Barbosa de Lucena, M.D. presidente do estado, pelo diretor geral da Instrução Publica, João Alcides Bezerra Cavalcanti*. In: **Jornal O Educador**. Ano 1, nº 3. Parahyba, 14/09/1921.
- PEREIRA, Fúlvio T. de B. **Difusão da arquitetura moderna em João Pessoa (1956-1974)**. 08/04/2008. 140 páginas. Dissertação de Mestrado – Universidade de São



Paulo. São Carlos, 2008. Disponível em <file:///C:/Users/reg56/Downloads/Mestrado\_PEREIRA\_FTB\_Parte1.pdf>. Acesso em 31 de maio de 2016.

PINHEIRO, Antônio Carlos Ferreira. **Da era das cadeiras isoladas à era dos grupos escolares na Paraíba**. Editora Autores Associados. Universidade São Francisco, Campinas – SP, 2002.

ROCHA JR, Deusdedith Alves. *A cidade é um texto: apontamentos para ler a cidade*. In: **Revista Universitas FACE**, v.1, n.1, 2003. Disponível em: <<http://publicacoes.uniceub.br/index.php/face/article/viewFile/600/398>>. Acesso em 1º de setembro de 2016.

RODRIGUES, M. M.; OLIVEIRA, P. M. de. *Memórias da Escola Pública em Campina Grande*. In: **Anais do Congresso Brasileiro de História da Educação**, 5. Aracajú – SE, 2008.

SILVA, José Cardoso da. *Calligraphia*. In: **Jornal A União**, Parahyba do Norte, p.1. 21/09/1913.

SILVA, Maria Raquel. **Civilizando os filhos da “Rainha”, Campina Grande: modernização, urbanização e Grupos Escolares (1935 a 1945)**. Agosto de 2011. 110 páginas. Dissertação de mestrado. Universidade Federal da Paraíba (UFPB). João Pessoa, 2011. Disponível em <[http://www.cchla.ufpb.br/ppgh/2011\\_mest\\_maria\\_silva.pdf](http://www.cchla.ufpb.br/ppgh/2011_mest_maria_silva.pdf)>. Acesso em 1º de junho de 2016.

SILVA, Noemi Carlos da. *Conselho Higiénico*. In: **Revista Evolução**. Ano.1, v.2, 1931.

SILVA, Vivia de Melo. **Grupo escolar Sólon de Lucena: um novo modelo de escolarização primária para a cidade de Campina Grande- PB(1924-1937)**. 03/09/2009. 140 páginas. Dissertação de mestrado. Universidade Federal da Paraíba (UFPB). João Pessoa, 2009. Disponível em <<http://www.ce.ufpb.br/ppge/Dissertacoes/dissert09/VIVIA%20DE%20MELO%20SILVA/Microsoft%20Word%20-%20DISSERTA%C7%C3O%20V%CDVIA%20DE%20MELO%20SILVA.pdf>>. Acesso em 1º de junho de 2016.

SOUZA, Fabiano Badú. *Como abastecer uma “cidade moderna”? Modos de ver e ler a falta d’água em Campina Grande*. In: \_\_\_\_\_. **Modernidade à conta gotas: por uma**

**história do abastecimento de água em Campina Grande – PB (1950-1958).** 2013. 168 páginas. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Campina Grande – PB. Disponível em: <<http://www.ufcg.edu.br/~historia/ppgh/index.php/processo-seletivo/category/11-dissertacoes-2013>>. Acesso em 22 de setembro de 2016.

TOULIER, Bernard. *L'architecture scolaire au XIXème siècle: de l'usage des modèles pour l'édification des écoles primaires*. In: **Histoire de l'éducation**, INRP, v. 17, nº1. Paris, 1982. P. 1 a 29. Disponível em: <[http://www.persee.fr/doc/AsPDF/hedu\\_0221-6280\\_1982\\_num\\_17\\_1\\_1146](http://www.persee.fr/doc/AsPDF/hedu_0221-6280_1982_num_17_1_1146)>.pdf. Acesso em: 14 de setembro de 2016.

VASCONCELOS, Edson Carlos de. **Ah, Campina!**. Santa Marta, Campina Grande, 2014.